

COLEÇÃO DIÁLOGOS ARQUIVÍSTICOS

Eliete Correia dos Santos
Henrique Elias Cabral França
José Janduy dos Santos Filho
(organizadores)



DEZ ANOS DE SEMINÁRIO
DE SABERES ARQUIVÍSTICOS **SESA**

MEMÓRIA E CONTRIBUIÇÃO PARA A ARQUIVOLOGIA





Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Antonio Guedes Rangel Junior | Reitor

Prof. Flávio Romero Guimarães | Vice-Reitor



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Luciano do Nascimento Silva | Diretor

Antonio Roberto Faustino da Costa | Diretor-Adjunto

Conselho Editorial

Presidente

Luciano do Nascimento Silva

Conselho Científico

Alberto Soares Melo

Cidoval Moraes de Sousa

Hermes Magalhães Tavares

José Esteban Castro

José Etham de Lucena Barbosa

José Tavares de Sousa

Marcionila Fernandes

Olival Freire Jr

Roberto Mauro Cortez Motta

Design Gráfico

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes

Leonardo Ramos Araujo

Comercialização e Distribuição

Danielle Correia Gomes

Divulgação

Zoraide Barbosa de Oliveira Pereira

Revisão Linguística

Elizete Amaral de Medeiros

Normalização Técnica

Jane Pompilo dos Santos

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

D532 Dez Anos de Seminário de Saberes Arquivísticos: SESA: Memória e contribuição para a arquivologia [Livro eletrônico]. Eliete Correia dos Santos, Henrique Elias Cabral França, José Janduy dos Santos Filho (Organizadores). Campina Grande: EDUEPB, 2017.

7000 kb. 220 p.: il. (Coleção Diálogos Arquivísticos).

Modo de acesso: Word Wide Web <http://www.uepb.edu.br/ebooks/>

ISBN 978-85-7879-426-2

ISBN EBOOK 978-85-7879-425-5

1. A origem do projeto SESA. 2. Arquivologia. 3. Letramento digital. 4. Produções científicas. 5. História da produção acadêmica. I. Santos, Eliete Correia dos. II. França, Henrique Elias Cabral. III. Santos Filho, José Janduy dos. IV. Título.

21. ed. **CDD 027**



Editora filiada a **ABEU**

Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB

CEP 58429-500 | Fone/Fax: (83) 3315-3381

<http://eduepb.uepb.edu.br> | email: eduepb@uepb.edu.br

Eliete Correia dos Santos
Henrique Elias Cabral França
José Janduy dos Santos Filho

Organizadores

DEZ ANOS DE SEMINÁRIO
DE SABERES ARQUIVÍSTICOS **SESA**

MEMÓRIA E CONTRIBUIÇÃO PARA A ARQUIVOLOGIA



Campina Grande-PB

2017

Coleção Diálogos Arquivísticos

Conselho Editorial

Prof^a. Dr^a. Eliete Correia dos Santos - UEPB
Prof. Dr. Josemar Henrique de Melo – UEPB
Prof^a. Dr^a. Clarissa Moreira dos Santos Schmidt - UFF
Prof^a. Dr^a. Roza Zuleide Lima de Brito – UFPB
Prof. Dr. Eliezer Pires da Silva – UNIRIO
Prof^a. Dr^a. Fernanda Ribeiro – UP - PT

Conselho Científico

Prof. Dr. Afonso Celso Caldeira Scocuglia – UEPB
Prof^a. Dr^a. Alzira Karla Araújo da Silva – UFPB
Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Terra – IPP - PT
Prof^a. Dr^a. Angélica Alves da Cunha Marques - UnB
Prof. Dr. Armando Malheiro da Silva – UP- PT
Prof. Dr. António Pedro Costa – UA- PT
Prof. Dr. Edvaldo Fernandes da Silva - UFPB
Prof^a. Dr^a. Eliete Correia dos Santos - UEPB
Prof. Dr. Elder Eldervitch Carneiro de Oliveira – UEPB
Prof^a. Dr^a. Edna Gomes Pinheiro – UFPB
Prof. Dr. Eliezer Pires da Silva - UNIRIO
Prof^a. Dr^a. Fernanda Ribeiro – UP - PT
Prof^a. Dr^a. Jacqueline Echeverria Barrancos – UEPB
Prof. Dr. Josemar Henrique de Melo – UEPB
Prof. Dr. José Maria Jardim - UNIRIO
Prof^a. Dr^a. Julianne Teixeira e Silva – UFPB
Prof^a. Dr^a. Isa Maria Freire - UFPB
Prof^a. Dr^a. Ivana Parrela – UFMG
Prof^a. Dr^a. Maria Manuela Pinto – UP - PT
Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Pinto de Sá Moscoso Marques – UC - PT
Prof. Dr. Marynice de Medeiros Matos Autran – UFPB
Prof^a. Dr^a. Marcília Gama da Silva – UFPE
Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Almeida – UFPB
Prof. Dr. Pedro Farias Francelino - UFPB
Prof^a. Dr^a. Roza Zuleide Lima de Brito - UFPB
Prof. Dr. Thiago Henrique Bragato Barros - UFPA
Prof. Dr. Vancarder Brito Sousa - UEPB

"A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado pra servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens."

Le Goff, 2003

Dedicatória

Comemorar dez anos de projeto acadêmico é mais que uma vitória – é uma responsabilidade extrema com tudo o que foi construído ao longo desse tempo, com o que foi produzido por protagonistas de diversas partes do Brasil e do exterior, com o pilar da ciência em meio à responsabilidade social cada vez mais presente e intensa no ofício acadêmico. Um Projeto como o SESA não se faz sozinho – e certamente não estaria completando uma década longe da coletividade. Por isso, é preciso agradecer as centenas de parcerias firmadas nesses anos. Elencar todos os nomes de instituições, docentes, discentes, profissionais das diversas áreas envolvidos e abraçados com o SESA ao longo desses 120 meses seria extremamente arriscado e, por que não dizer, irresponsável de nossa parte. Por isso, optamos também por um agradecimento coletivo, dedicando este trabalho às centenas de pessoas envolvidas na construção desse Projeto. A todos os professores, estudantes, gestores, bolsistas, colaboradores, voluntários, pessoas que vestiram a camisa SESA, nosso muitíssimo obrigado. Agradecemos ainda ao Programa de Extensão Universitária (ProExt-2015), direcionado especificamente para ações de extensão das universidades brasileiras, através do Ministério da Educação (MEC) e da Secretaria de Educação Superior (SESu) pelo apoio.

Os Organizadores

Prefácio

“O Projeto SESA busca estruturar uma proposta de ensino de gêneros acadêmicos sem silenciar o caráter dialógico da linguagem, considerando a heterogeneidade e privilegiando a capacidade de ver a complexidade de um tema e a rede de vozes que precisam ser desveladas”

Eliete Correia dos Santos (2013)

Prefaciador é enxergar o dito e o não dito dos dizeres outros e dos saberes vários que vão se acumulando e se resignificando ao longo do trajeto de leituras e escrituras, neste caso, os que culminam no grandioso projeto **Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA)**, agora completando 10 anos. Descrever o **SESA** é também envolver-se no complexo e diversificado mundo dos pesquisadores; é mergulhar em diversos caminhos de idas e vindas por onde circulou esse empreendimento tão importante para a comunidade acadêmica e para os estudiosos da linguagem, sobretudo os da Arquivologia.

Esta obra reúne os resultados, as experiências e a memória dos diversos diálogos e construções com o público envolvido nesta área do conhecimento. Aborda também a uma proposta teórico-metodológica de ensino de gêneros acadêmicos à luz dos conceitos de Bakhtin e o Círculo para as Ciências Humanas. A obra em destaque estrutura-se em três partes: a primeira trata da coleta e seleção dos dados, no período de 2007 a 2013 que

resulta na construção da tese da professora/pesquisadora Eliete Correia dos Santos, orientada por mim junto ao Programa de Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba; a segunda reúne resultados dos projetos do PIBIC e do PROEX desenvolvidos pelos bolsistas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), contendo diversas ações e produções, conjunto que resultou em artigos científicos voltados para o ensino de produção textual de gêneros acadêmicos. O que justifica esses gêneros deverem se iniciar pela identificação da situação discursiva histórico-social em que ocorrem as práticas de linguagem, até chegar às formas gramaticais; a terceira parte mostra a memória de construção e caminhos do **SESA** e revela a continuidade das ações desenvolvidas nesse percurso, como seminários, palestras, mesas-redondas, participações em eventos e publicações de artigos e livros, a partir das análises interpretativistas dos dados, reafirmando a proposta teórico-metodológica de ensino de gêneros acadêmicos sob a ótica da perspectiva dialógica da linguagem.

Especificamente, a Parte I do livro, intitulada de “*Origem e diretrizes pedagógico-axiológicas*”, contempla três textos assinados por Eliete Correia dos Santos que tratam da origem do **SESA**, da sua vinculação à proposta dialógica de ensino de gêneros discursivos acadêmicos e das cooperações/parcerias acadêmicas e interdisciplinares do Projeto **SESA**.

No que concerne à Parte II, “*Caminhos de ensino, pesquisa e extensão*”, destacamos sua relevância por socializar, em sete trabalhos, experiências das vivências com os alunos de Arquivologia da UEPB a partir da abordagem dialógica de gêneros acadêmicos em contextos de formação inicial, cumprindo, assim, o papel social da universidade de conectar ensino, pesquisa e extensão em prol de uma formação ética e reflexiva.

Já a Parte III, nomeada de “*Projeto SESA: uma década de memória*”, historia “o prazer e a leveza da construção coletiva do

aprendizado” junto às ações do Projeto ao longo da evolução dos seminários ocorridos. Este momento da obra registra os resultados dos esforços empreendidos por seus participantes, como palestras, cursos e minicursos, livros lançados, depoimentos, dentre outros.

Nas palavras da pesquisadora Santos (2013)¹, essa proposta do **SESA** surgiu como um projeto piloto interdisciplinar de ensino de gêneros acadêmicos aplicado à disciplina Oficina de Texto II do curso de Arquivologia da UEPB-CCBSA – Campus V – João Pessoa, entre 2007 e 2010, visando a preparar os estudantes para futura produção de suas monografias e trabalhos acadêmicos. Esse empreendimento motivou os estudantes e professores a participarem do universo acadêmico e buscou incentivá-los a desenvolver atividades de iniciação científica na área de Arquivologia. Desse modo, foram organizadas práticas pedagógicas de escritura e reescrituras de diversos gêneros discursivos, tais como: resumo, resenha, diário de leitura, ensaio e artigos acadêmicos. Ao término de cada semestre, ocorria o **Seminário de Saberes Arquivísticos** com apresentação dos trabalhos produzidos nas disciplinas ministradas. Desse ponto de vista, foi imprescindível que o estudante fosse motivado a refletir e questionar suas práticas de aprendizagem, em um ambiente de preparação para a vida, a sala de aula.

Assim, nasceu também a ideia da tese desenvolvida pela referida professora que objetivou contribuir com a proposta de ensino de gêneros acadêmicos à luz da concepção dialógica de linguagem de Bakhtin e o Círculo quanto às Ciências Humanas, abordando o discurso de outrem na fronteira da interação verbal e colocando o próprio ato responsável na universidade e na vida. Esse texto partiu da pesquisa-ação realizada entre 2007 a 2010

1 SANTOS, Eliete Correia dos. Uma proposta dialógica de ensino de gêneros acadêmicos: nas fronteiras do Projeto SESA. 2013, 418p. **Tese** (Doutorado) – Doutorado em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, UFPB.

e serviu para geração de dados e a pesquisa interpretativista para análise e discussão da prática pedagógica. O *corpus* analisado está constituído por três conjuntos distintos, conforme sua materialidade e suas condições de produção: materiais eletrônicos (dezoito artigos e seus respectivos pareceres), questionários (quarenta aplicados na UEPB para mapear o conhecimento prévio dos alunos e quarenta aplicados no término da disciplina) e diário de bordo, dados que constam na tese da pesquisadora já citada.

Por fim, este livro merece todo nosso apreço e reconhecimento, pois se constitui um significativo instrumento didático e de pesquisa, não só para pesquisadores da linguagem, mas também para os profissionais das várias áreas do conhecimento que buscam contribuir com a melhoria da educação. Publicar uma obra desse porte é reconhecer que a necessidade de propostas que transformem as realidades do ensino e mudem o modo de fazer na sala aula. Portanto, parabenizamos os autores, os organizadores e todos os parceiros do projeto, desejamos que eles continuem com essa coragem de realizar empreendimentos como este.

Felicito e saúdo o **Projeto SESA** por toda a sua estrutura composicional e componencial, por seu estilo e modo de fazer tantas e boas obras, por escolher tão relevantes conteúdos temáticos para presentear à comunidade acadêmica do Brasil e Além-Mar. Relembramos que este livro revela muito da dedicação e do esforço dos pesquisadores e dos organizadores dessas pesquisas que mostrou ser possível estruturar uma proposta de ensino de gêneros acadêmicos que não silencie o caráter dialógico da linguagem quando se trata da questão do objeto de pesquisa em Ciências Humanas, da problemática da relação do pesquisador com os dados e com o discurso de outrem e da própria noção do que sejam gêneros discursivos, enfim, que se

materialize como princípio à construção axiológica e ética de homem e sociedade.

Agradecemos pelas pesquisas realizadas nessa área do conhecimento tão carente de bibliografias especializadas e pelas valiosas contribuições para o campo da linguagem, especificamente, no que respeita os estudos dos gêneros discursivos e acadêmicos.

Parabéns, muito sucesso e boas leituras!

Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida

*Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade
Federal da Paraíba
João Pessoa, maio de 2017*

Sumário

Apresentação	19
<i>Henrique França</i>	

Parte I

Origem e diretrizes pedagógico-axiológicas

A origem do Projeto SESA	25
<i>Eliete Correia dos Santos</i>	

Proposta dialógica de ensino de gêneros acadêmicos do Projeto SESA	35
<i>Eliete Correia dos Santos</i>	

A cooperação acadêmica e a interdisciplinaridade do Projeto SESA	73
<i>Eliete Correia dos Santos</i>	

Parte II

Caminhos de Ensino, Pesquisa e Extensão

**Ensino e letramento no Curso de Arquivologia:
relatório do PIBIC.....89**

José Janduy dos Santos Filho

Jefferson Higino Da Silva

Ramon de França Magalhães

Cleber Ferreira Silva

**Vivências acadêmicas: a evolução dos discentes do
Curso de Arquivologia da UEPB na produção textual
a partir do projeto SESA..... 121**

Tereza Ludimila de Castro Cardoso

**Compreensão responsiva em palestra:
estudo de caso do debate em Arquivologia 137**

Gregório Goldman dos Santos Felipe

**Para além da sala de aula: método tecnológico
como auxílio do saber em Oficina de Texto II 147**

Layene Marques da Silva Souza

Joseane Farias de Souza

**O letramento digital: atuação do Projeto SESA
no Curso de Arquivologia da UEPB..... 155**

Joseane Farias de Souza

Pedro Augusto de Lima Barroso

Uso de plataformas proprietárias gratuitas para criação de eventos científicos e comunicação: Even3 e wix.....	161
---	------------

Brunelly Santos Pereira da Silva

Google Acadêmico: mecanismo de auxílio na construção de trabalhos científicos.....	173
---	------------

Maria Eduarda de Oliveira Santos

Parte III

Projeto sesa: uma década de memória

O prazer e a leveza da construção coletiva do aprendizado.....	191
---	------------

Henrique Elias Cabral França

Tereza Ludimila de Castro Cardoso

Jefferson Higino da Silva

Igor Vinícius Pinto de Sales

Eliete Correia dos Santos

Apresentação

Ensaio, resumo, resenha, seminário, artigo, monografia, diário de campo. A produção científica e seu variado guarda-roupas de gêneros acadêmicos têm marcado a caminhada da comunidade universitária brasileira como sapatos que apertam os pés – de um lado pela necessidade de produção contínua imputada a docentes e pesquisadores, do outro pela relutância estudantil em aprender e se adequar a normas tão específicas, especialmente textuais. Afinal, quem nunca se viu angustiado diante de um trabalho acadêmico a ser produzido?

Apesar da aparente aversão aos gêneros acadêmicos, são eles que dão forma a uma produção marcada pelo rigor e pelo compromisso científicos que respaldam seus produtos junto à sua principal beneficiária, a sociedade. Por isso, negligenciar a produção científica em toda sua potencialidade de metodologias, hipóteses, proposituras, normas e padrões é eximir-se de uma resposta coerente às questões sociais mais relevantes. Diante desse cenário, o projeto Seminário de Saberes Arquivísticos – SESA se coloca de forma ousada, iluminando os caminhos da produção científica com leveza, ousadia e persistência.

Nascida em 2007 como projeto piloto de ensino de gêneros acadêmicos aplicado a apenas um componente curricular, dentro do Curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a semente do SESA criou raízes no terreno fértil e pouco explorado da produção científica para além da metodologia estrutural. O diferencial do Projeto está no enquadramento do texto dentro de um contexto social formativo,

importando tanto o conteúdo da produção acadêmica quanto seus entornos de impacto de escrita, leitura e interação entre produtor e receptor, interferindo aí a realidade histórico-social desses atores.

Essa visão humanista e ampliada da produção textual encontra amparo nos estudos do pensador russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), norteador dos primeiros dos caminhos trilhados dentro do Projeto SESA, sendo ele mesmo fonte de pesquisa da professora Eliete Correia dos Santos, idealizadora do Projeto e que transformou tanto Bakhtin quanto o SESA em objeto de tese de doutoramento. Daí a salutar insistência em ir além de produzir por produzir, mas compreender os contextos inseridos nesse ofício acadêmico. “Todo ato de compreensão é uma resposta, na medida em que introduz o objeto da compreensão em um novo contexto[...]” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929, p.94).

Este livro traz um pouco dessa história ousada e apaixonada pela produção acadêmica e seus contextos, ao longo de uma década: a história do Projeto SESA. Dividido em três partes, o trabalho honra a proposta de mudança da visão de leitor/escrivente para a de leitor/produtor, nos quais textos e olhares de docentes ganham aliados discentes, do Curso de Arquivologia, formando uma equipe coesa e coerente com a urgência de que “a formação de arquivistas esteja referida às demandas sociais e científicas do moderno profissional da informação.” (JARDIM; FONSECA, 1999, p. 198).

Na primeira parte, *Origem e Diretrizes Pedagógico-Axiológicas*, a professora Eliete Correia dos Santos apresenta três artigos que nos dão uma ideia da dimensão tomada pelo SESA no Brasil e no exterior. Em “A Origem do Projeto SESA” está a primeira semente, da detecção das fragilidades da produção científica entre os estudantes ao gosto pelo desafio de transformar algo “engessado” em caminho suave; em “*Proposta Dialógica*

de Ensino de Gêneros Acadêmicos do Projeto SESA” a idealizadora do Seminário de Saberes Arquivísticos nos cede parte da própria tese de doutoramento, escrita na ponte além-mar entre Brasil e Portugal, e onde Bakhtin e o SESA dialogam fluentemente; já o terceiro texto desta primeira seção, *“A Cooperação Acadêmica e a Interdisciplinaridade do Projeto SESA”*, narra a semeadura do Projeto nascido na UEPB em campos de instituições de ensino superior Brasil e Portugal afora.

Caminhos de Ensino, Pesquisa e Extensão, segunda parte do livro, coloca em prática a proposta do SESA de fomentar a boa produção acadêmica de forma criativa e ousada. No total, sete artigos escritos por onze autores, discentes diretamente ligados e impactados pelo Projeto, em alguma medida, discorrem sobre suas experiências como bolsistas de pesquisa, extensão, monitores, pesquisadores em potencial pelos caminhos da ciência. A diversidade de assinaturas também se reflete nas temáticas abordadas: do uso do whatsapp às dificuldades em organizar um seminário, da plataforma Moodle à análise discursiva, do uso da “Estrela de Davi” como método científico ao uso de grupos no Facebook como canal de interlocução acadêmica. Tudo pelos olhares e escrita de estudantes, com seus erros e acertos, mas sempre com ousadia.

A terceira e última parte, ***“Projeto SESA: uma década de memória”***, nos leva a uma viagem no tempo do SESA, em que “o prazer e a leveza da construção coletiva do aprendizado” são descortinados para dar lugar, em textos e imagens, àquilo que marcou esses dez anos de Projeto. As primeiras edições do Seminário de Saberes Arquivísticos, a realização das viagens de visitas técnicas, a contrapartida científica e social com a realização de palestras, publicação de livros, cursos, os encontros de cooperação acadêmica Brasil-Portugal, a inserção da música como instrumento de ensino-aprendizagem e os momentos extramuros acadêmicos, com a realização de encontros SESA ao

ar livre. Está tudo registrado, mesmo que não exaustivamente – o que seria inviável, diante de imensa quantidade de registros nesses cerca de 120 meses.

Ao final, uma lista singela e especial de parceiros, professores e estudantes, além de profissionais de arquivo, comentam sobre o SESA em suas trajetórias. São depoimentos de quem acompanhou de perto, viveu ou vivencia desse decano da produção científica luso-brasileira. E essa é uma das belezas da polifonia literária deste trabalho. Afinal, nada mais natural que aqui se encontrem e dialoguem entre si escritos de vários estilos literários, tantos gêneros acadêmicos – e isso confere ao trabalho coerência com a proposta do SESA e riqueza acadêmico-literária.

Por fim, o livro que você tem em mãos é uma embarcação que navega com pouca frequência no agitado oceano da academia brasileira – não que ela seja dispensável, mas porque são poucos os timoneiros dispostos a guia-la. Menos importa, aqui, o porto onde ancorar. O prazeroso desafio está mesmo na viagem. Uma viagem pela produção científica e seus variados gêneros acadêmicos. Perde a rota aquele que acredita tratar-se exclusivamente de metodologia científica nesses escritos. O mapa delineado nas páginas a seguir vai além, muito além. Boa viagem.

Henrique França

Parte I

**Origem e diretrizes
pedagógico-axiológicas**

A origem do Projeto SESA

*Eliete Correia dos Santos*²

A produção de gêneros acadêmicos é bastante solicitada, e a competência linguística dos alunos, tanto na modalidade escrita quanto oral, é pauta de muita discussão e interesse de vários pesquisadores. Nesses debates, a busca de explicações são as mais diversas: a educação básica como a raiz do problema, cujo ensino de língua é voltado para exercícios padronizados e repetitivos; uso exclusivo do livro didático no ensino fundamental e médio; má formação do professor, entre outras proposições. Além dessa frágil formação de leitor e produtor de textos, o universitário se depara com a cultura da leitura fragmentada de textos, a leitura de xerox sem as indicações da obra ou com páginas faltando. Se a maioria não domina os gêneros ensinados na escola básica, quiçá os gêneros acadêmicos, completamente estranhos a ela, mesmo que haja um esforço considerável do corpo discente, há um baixo desempenho nas atividades de interpretação e produção de textos.

A tarefa de redigir um texto para ser publicado ainda impõe um grande desafio para a maioria daqueles envolvidos com

2 Doutora em Linguística / Docente do Curso de Arquivologia do Campus V – UEPB / Coordenadora-geral do Projeto SESA

produção do conhecimento em instituições dedicadas à ciência e à educação. Essa dificuldade de escrita é comumente visível na construção de monografias ou Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) na graduação e extrapola para os cursos de mestrado e de doutorado. Percebe-se, nessa etapa final da graduação quando o aluno se depara com a construção da monografia ou TCC, um trabalho solitário do orientador que precisa sanar dificuldades tipicamente linguísticas ou de caráter científico. É importante dizer que em alguns cursos de graduação não há sequer uma disciplina de língua portuguesa, como se escrever fosse apenas atividade do curso de Letras.

No contexto acadêmico, a compreensão dos valores e categorias com as quais várias disciplinas trabalham em torno do objeto de estudo é condição essencial para saber o que pode ser dito ou não, como, quando, quem diz, a quem dizer. Portanto, a produção de texto é solicitada desde o ingresso do aluno na academia e não apenas nos últimos semestres dos cursos e, talvez, seja por essa razão que recentemente pesquisadores preocupados com a linguagem em uso produzem textos (manuais) disponibilizando a professores de língua vernácula uma possibilidade de material didático que leva o aluno a se adequar a essa nova comunidade discursiva.

Essa adequação gera bastante discussão, pois se refere à submissão às normas do discurso acadêmico, tais como cuidado formal, coerência global, propósito comunicativo frequentemente limitado apenas para obtenção de nota, reforço de convenções discursivas canônicas da linguagem escrita e isso pode tentar moldar os textos; em contrapartida, se não atender às normas que vigoram nessa comunidade científica, há possibilidade da rejeição do texto. Nesse cenário, desconhecendo total ou parcialmente as convenções comunicativas/pragmáticas da produção dos discursos da comunidade acadêmica, nem sempre o aluno consegue se engajar nesse contexto de produção e

isso talvez possa ser um dos fatores de desistências nos diversos cursos. Ao estudar os gêneros que estruturam um grupo social com uma dada cultura, o aluno aprende maneiras de participar nas ações de uma comunidade e parece ser esse o desafio como professores de língua em sala de aula podem ensinar a escrever na academia.

A partir de uma constatação do déficit de leitura e escrita no ensino superior por parte dos professores e da necessidade de inserir os estudantes na cultura acadêmica, há um aumento contínuo de pesquisadores que debruçam esforços para investigar a produção, recepção e circulação de textos nessa esfera. Alguns focalizam os gêneros discursivos, ou suas estruturas linguísticas; outros, a socialização ou os letramentos (literacias), como também o processo de ensino e aprendizagem. Isso se observa em vários grupos de pesquisa no Brasil, como o Grupo de pesquisa Linguagem como prática social, liderado pelas professoras Motta Roth e Hendges (UFSM) e Grupo de Estudos em Letramentos, Interação e Trabalho (GELIT-UFPB), liderado pelas professoras Silva e Medrado. O nosso grupo de pesquisa GPLEI (Grupo de Pesquisas em Linguagem, Enunciação e Interação), subgrupo do GT/ANPOLL Estudos Bakhtinianos, vem discutindo sobre a contribuição de Bakhtin e do Círculo para a teoria de linguagem e para o ensino em esferas variadas, e, certamente, nos encoraja às reflexões teóricas sobre Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o discurso de outrem.

Tanto no Brasil como no exterior, há uma diversidade de contribuições teóricas que apresentam recentemente diferentes aspectos da interação escrita e produzem abordagens pedagógicas aos gêneros acadêmicos³, como Castelló, Gonzáles, Iñesta

3 Ver a obra *O Gênero Acadêmico: estudos e perspectivas de ensino* (2014) de nossa autoria. Nela, apresentamos um levantamento de tendências e perspectivas de ensino de gênero acadêmico.

(2010); Carlino (2003, 2004, 2005, 2009, 2012); Bazerman (1988, 2012); Ivanic (1998); Motta-Roth (2001, 2002, 2006, 2012); Motta-Roth e Hendges (2010) Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2007a,b,c,d), afora inúmeros trabalhos que estão sendo desenvolvidos em vários países. Muitos desses estudos tomam o conceito de gêneros baseando-se em Bakhtin (2010), no entanto, não conhecemos nenhum trabalho destinado à esfera acadêmica que sistematize as contribuições da Análise Dialógica do Discurso (ADD) para as práticas efetivas de ensino de redação acadêmica de modo a ajudar alunos iniciantes na graduação e/ou na pós-graduação a compreender mais facilmente o discurso acadêmico e seu contexto.

Na fronteira das vozes sociais do “Publique ou pereça”, dos variados aportes teóricos dos estudos e perspectivas de ensino de gênero, há de se perceber uma razão ética de se pensar uma prática pedagógica fundamentada em princípios filosóficos de linguagem e ensino para a construção de homem e de sociedade, uma proposta de ensino de gêneros acadêmicos que perpassse um ato responsável para a ciência, para a academia e para a própria existência.

A partir dessa reflexão, consideramos que se pode buscar explicações que colaborem para o ensino dos gêneros acadêmicos já que estes demandam uma descrição dos elementos linguísticos, mas sobretudo dentro de um contexto. É pertinente notar que Mikhail Bakhtin/Volochínov (1929/1981), na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, referem-se a uma ordem teórico-metodológica para o estudo da língua que parte do contexto para o texto, um ensino de linguagem centrado nas práticas da leitura e da produção de texto e não mais na gramática. Assim, concordando com essa ordem, consideramos que o ensino de produção textual deva começar pela identificação do contexto social, passando pelos gêneros até chegar às formas gramaticais. Baseando-se nessa proposta, desenvolvemos um projeto

piloto de ensino de gêneros acadêmicos aplicado na disciplina Oficina de Texto II do curso de Arquivologia da UEPB-CCBSA – Campus V – João Pessoa, entre 2007 a 2010.

Com o intuito de preparar os alunos na futura produção de suas monografias e trabalhos acadêmicos, nas disciplinas de Metodologia Científica e Oficina de Texto II do segundo período do curso de Arquivologia da UEPB, entre 2008 a 2010, esse projeto piloto interdisciplinar, doravante Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA), buscou inseri-los no universo acadêmico e incentivá-los a participar da iniciação científica na área de Arquivologia.

Para isso, organizamos atividades com sequências didáticas e reescrituras dos diversos gêneros discursivos, tais como resumo, resenha, diário de leitura, ensaio e artigos acadêmicos, entre outros. Ao final de cada semestre, a produção dos trabalhos era concluída com um Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA), composto de apresentações na modalidade de comunicação oral e de pôster e de produções escritas publicadas, internamente, em um CD de anais de cada semestre. O projeto envolvia todos os alunos, independentemente da qualidade da produção textual, pois, acreditamos que, na construção do coletivo, a prática escolar deve reconhecer e preparar individualidades capazes de, dialeticamente, “refazer” a realidade que não mais atende aos interesses da coletividade. Por isso, é imprescindível que o educando desenvolva uma relação com a realidade que seja questionadora e reflexiva e construa conjuntamente o conhecimento, em um ambiente de preparação para a vida.

A ideia do projeto SESA nasceu a partir das aulas de Oficina de Textos I e II do curso de Arquivologia (1.º e 2.º período) da UEPB – Campus V – João Pessoa, por ocasião do ensino do gênero seminário acadêmico. Além das dificuldades temáticas, composicionais e linguísticas, grande parte dos alunos apresentou medo, pavor ao ter que falar em público ou a escrever textos.

Vários relatos e bilhetes apontavam para a problemática da ausência de gêneros orais e produção efetiva de textos escritos na educação básica e do impacto que os alunos sentiam ao se depararem com vários gêneros orais e escritos na graduação. A partir desses relatos, percebemos a necessidade de um projeto piloto interdisciplinar que assistisse o corpo discente nas suas deficiências de produção textual, na modalidade oral ou escrita, um projeto que propusesse o estudo de vários gêneros, em especial da vivência acadêmica.

Dois fatos nos motivaram a investir no projeto SESA e na pesquisa a partir dele. O primeiro trata de uma reunião de colegiado do curso de Arquivologia em que alguns professores mencionaram sobre a voz dos alunos a respeito da disciplina Oficina de Texto II e ao produzir resenha e artigo em área da Arquivologia. A pauta de discussão foi norteadada sobre a consciência do corpo discente a respeito dos objetivos da referida disciplina: habilitar o aluno à observação, percepção, interpretação, análise, síntese e ao domínio da norma culta em diversas linguagens e em textos técnicos e estimular a prática de leitura e escrita de textos acadêmicos, tais como ensaio, artigo científico, resenha crítica. O segundo refere-se ao reconhecimento do projeto SESA pelos professores na área de Ciência da Informação e de Arquivologia e pelos alunos da UEPB do referido curso que não contemplaram a experiência por ocasião do Fórum Internacional de Arquivologia – FINARQ. As lamentações desses alunos e de vários docentes, motivadas pelas dificuldades nas diversas produções acadêmicas, nos ecoaram como uma voz de que precisava ser investigada, de modo que pudesse apontar algum caminho no ensino de gêneros acadêmicos.

A partir desses dados, resolvemos desenvolver nossa pesquisa que resultou em nossa tese de doutorado. Para gerar os dados optamos pela perspectiva de pesquisa-ação, o que implica assumir a construção coletiva da trajetória de investigação,

visando o monitoramento e a resolução dos múltiplos impasses e dificuldades presentes no ato de escrever; por isso criamos um laboratório para investigar o domínio desses gêneros escritos a partir de um trabalho sistemático durante a disciplina Oficina de Texto II e o acompanhando por mais dois semestres subsequentes. Para análise dos dados, nos respaldamos na pesquisa interpretativista a fim de obter uma maior triangulação dos dados. A proposta piloto ora iniciada, somada à reflexão teórica e prática, possibilitou pensar em uma contribuição, à luz de Bakhtin e o Círculo, para o ensino de gêneros acadêmicos.

As práticas pedagógicas devem considerar, no sentido do Círculo Bakhtiniano, duas direções em busca de uma unidade para um ato responsável: a relação ao seu conteúdo e ao seu existir. A responsabilidade primeira deve ser um momento incorporado de uma única responsabilidade moral, atendo-se à relação espaço-tempo do ato está relacionada aos aspectos históricos, sociais e culturais de cada realidade. No próximo capítulo, apresentamos a proposta elaborada na tese defendida em 2013.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de: BEZERRA, P. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de: LAHUD, M.; VIEIRA, Y. F.; WISNIK, L. T.; CRUZ, C. H. D. C. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAZERMAN, C. **Shaping written knowledge**: The genre and activity of experimental article in science. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1988.

_____. Academic writing, genre and indexicality: evidence, intertext, and theory. In: **Intercompreensão: Revista de Didáctica das línguas**. Santarém, n. 16, p. 11-22. Jul., 2012.

CARLINO, P. Alfabetización Académica: un cambio necesario, algunas alternativas posibles. **EDUCERE**, v. 6, n. 20, p. 409-420, 2003.

_____. Escribir y leer en la universidad: responsabilidad compartida entre alumnos, docentes e instituciones. **Textos en contexto 6 Leer y escribir en la universidad**. Buenos Aires: Lectura y Vida-Asociación Internacional de Lectura, 2004.

_____. **Escribir, leer y aprender en la Universidad**. Una Introducción a la alfabetización académica. Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica, 2005.

_____. Exploración de géneros, diario de tesis y revisión entre pares: análisis de un ciclo de investigación-acción en talleres de tesis de posgrado. In: NARVAJA DE ARNOUX, E. (Org.). **Escritura y producción de conocimiento en las carreras de posgrado**. Buenos Aires: Santiago Arcos editor, 2009. p. 220-239.

_____. Section essay: who takes care of writing in Latin American and Spanish Universities? In: THAISS, C. *et al.* (Org.). **Writing programs worldwide: profiles of academic writing in many places**. Disponível em: <<http://wac.colostate.edu>>. Acesso em: 15/08/2012.

CASTELLÓ, M.; GONZÁLES, L.; IÑESTA, A. La regulación de la escritura académica en el doctorado: El impacto de la revisión colaborativa en los textos. **Revista Española de Pedagogía**, n. 247, p. 521-537, 2010.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Planejar gêneros acadêmicos**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007a.

_____. **Resenha**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007b.

_____. **Resumo**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007c.

_____. **Trabalhos de pesquisa**: diários de leitura para a revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola, 2007d.

MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Redação acadêmica**: princípios básicos. Santa Maria: UFSM, 2001.

_____. Comunidade acadêmica internacional? Multicultural? Onde? Como? **Linguagem & Ensino**, v. 5, n. 2, p. 49-65, Pelotas: UCPEL, 2002.

_____. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 145-163.

_____. Academic literacies in the south: writing practices in a brazilian university. In: THAISS, C. *et al.* (Org.). **Writing programs worldwide**: profiles of academic writing in many places. Disponível em: <<http://wac.colostate.edu>>. Acesso em: 15 ago. de 2012.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

Proposta dialógica de ensino de gêneros acadêmicos do Projeto SESA⁴

Eliete Correia dos Santos⁵

A vida pode ser compreendida pela consciência somente na responsabilidade concreta. Uma filosofia da vida só pode ser uma filosofia moral. Só se pode compreender a vida como evento, e não como ser-dado. Separada da responsabilidade, a vida não pode ter uma filosofia; ela seria, por princípio, fortuita e privada de fundamentos.

(BAKHTIN, 2010b, p. 117)

1 Contextualizando a Tese

O texto da epígrafe é uma sinopse da visão que trouxemos para a nossa prática pedagógica, para o processo de pesquisa, para nossa tese de doutorado defendida em 2013 e

4 A versão original deste texto foi publicada nos anais XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA (ALFAL) João Pessoa - Paraíba, Brasil. (2014), aqui ela sofre algumas adaptações.

5 Doutora em Linguística / Docente do Curso de Arquivologia do Campus V – UEPB / Coordenadora-geral do Projeto SESA.

para nossa própria maneira de nos percebermos no mundo. Nosso objeto de estudo, o Projeto SESA (Seminário de Saberes Arquivísticos), desenvolvido nas disciplinas de Metodologia Científica e Oficina de Texto II do segundo período do curso de Arquivologia da UEPB, entre 2007 e 2010, surgiu da necessidade de preparar os alunos na futura produção de suas monografias e trabalhos acadêmicos, cujo objetivo era inseri-los no universo acadêmico e incentivá-los a participar da iniciação científica na área de Arquivologia. Uma de nossas motivações foi o reconhecimento do Projeto SESA pelos professores na área de Ciência da Informação e de Arquivologia e pelos alunos da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB do referido curso que não contemplaram a experiência.

No período de 2007 a 2013 em que vivenciamos a pesquisa-ação, a pesquisa teórica e a interpretativista, assumimos com responsabilidade e empenho éticos nossos atos concretos, aplicando à prática reflexões teóricas realizadas em cooperação no grupo de estudos – GPLEI. Para gerar os dados, optamos pela perspectiva de pesquisa-ação, o que implica assumir a construção coletiva da trajetória de investigação, visando ao monitoramento e à resolução dos múltiplos impasses e dificuldades presentes no ato de escrever; para análise dos dados, nos respaldamos na pesquisa interpretativista a fim de obter uma maior triangulação dos dados. O *corpus* da pesquisa é formado por dezoito artigos e seus respectivos pareceres, quarenta questionários aplicados para mapear o conhecimento prévio dos alunos, quarenta aplicados no término da disciplina e diário de bordo.

O significado que demos ao objeto é produto da forma como foi socialmente construído pela linguagem, e nossa responsabilidade primeira foi um momento incorporado de uma única responsabilidade moral, atenta à relação espaço-tempo do ato associada aos aspectos históricos, sociais e culturais da realidade investigada. A pesquisa buscou responder a uma

questão central: É possível estruturar uma proposta de ensino de gêneros acadêmicos que não silencie o caráter dialógico da linguagem quando se trata da questão do objeto de pesquisa em Ciências Humanas, da problemática da relação do pesquisador com os dados e com o discurso de outrem e da própria noção do que sejam gêneros discursivos, enfim, que se materialize como princípio à construção axiológica e ética de homem e sociedade?

Todo percurso investigativo teve como objetivo geral elaborar uma proposta teórico-metodológica de ensino de gêneros acadêmicos à luz dos preceitos de Bakhtin e do Círculo quanto às Ciências Humanas, ao discurso de outrem na fronteira da interação verbal e ao próprio ato responsável na universidade e na vida.

Primeiramente, fizemos um panorama de estudos e perspectivas sobre o ensino de gêneros acadêmicos. Diante da pressão do sistema universitário brasileiro de escrever e publicar, a investigação sobre ensino de gêneros acadêmicos para uma melhor qualidade das produções de texto vem crescendo em um cenário internacional e nacional. As fronteiras são muitas para olhar o objeto e sintetizamos as investigações em cinco grandes categorias:

1. Trabalhos que têm como objeto de estudo a análise do discurso disciplinar e os gêneros acadêmicos associados a essas disciplinas;
2. Trabalhos que focalizam o uso da escrita em uma língua estrangeira com fins acadêmicos, principalmente o inglês, com ênfase nas diferenças linguísticas;
3. Trabalhos que visam o ensino da escrita acadêmica que contribuem para o desenvolvimento de práticas educativas de ensino de um determinado gênero discursivo e que analisam a importância desse instrumento de aprendizagem na formação do estudante;

4. Trabalhos que enfatizam a prática de leitura e escrita como procedimento para nivelamento, para suprir deficiências e para se inserir na esfera do ensino superior;
5. Trabalhos que vislumbram o ensino da supervisão, *feedback* aos alunos, avaliações e ensino de escrita, bem como ensino de habilidades gerais.

Mediante tantas fronteiras teóricas e metodológicas, a nossa proposta de ensino é uma contribuição da Análise Dialógica do Discurso - ADD, como trabalho que investiga na esfera do ensino superior e que apresenta em suas diretrizes as concepções de Bakhtin e do Círculo para o entendimento do ensino de gêneros acadêmicos. O entendimento dos **gêneros como manifestação de cultura e a** palavra de outrem nas fronteiras do fenômeno social da interação verbal foram imprescindíveis para organizar o nosso marco referencial (dimensão ideológica e política) e o marco operativo (as ações didáticas).

A tese, de um modo geral, pautou-se em reflexões sobre as relações com o objeto e os outros que fazem parte do texto. Apontamos também uma necessidade de se refletir nessa relação que se dá no processo pedagógico para a compreensão do próprio gênero, do conhecimento do objeto, das convenções acadêmicas, da interação com o docente e os discentes. Essas relações estão ligadas diretamente ao processo de leitura e escrita, em uma competência que se dá pelo processo de compreender e avaliar.

O sujeito da compreensão enfoca a obra com um conceito de mundo já formado que define as avaliações, no entanto, esse sujeito não pode descartar a possibilidade de mudança e até de renúncia aos pontos de vista já deliberados. Nesse aspecto, acreditamos que o papel do docente como um outro é fundamental para o ato criativo da construção do gênero acadêmico, que pode ter como resultado um enriquecimento na

compreensão da palavra alheia. O aprofundamento da compreensão torna a palavra do outro mais pessoal, porém sem mesclá-la, capacidade de identificar e encontrar com o outro desconhecido, com o novo, conforme abordaremos na seção que segue.

2 As diretrizes pedagógico-axiológicas para o ensino de gêneros acadêmicos

É evidente que os estudos bakhtinianos abrangem reflexões sobre linguística, crítica literária, semiótica, antropologia, cultura, filosofia, estética, ética, teologia, psicologia e psicanálise (cf. FREITAS, 2007), o que demonstra que seu trabalho instiga uma diversidade de áreas. Quanto à Educação, Bakhtin não se detém explicitamente, no entanto, ao colocar a linguagem como um eixo central, possibilita reflexões sobre o social, o cultural, o processo em que se dá a interação verbal. Suas categorias (dialogia, polifonia, etc.) são pertinentes e trazem implicações para o campo pedagógico, para o processo de ensino e aprendizagem.

As diretrizes norteadoras de ensino da nossa proposta de ensino de gêneros acadêmicos foram baseadas em perspectivas para a construção de um marco doutrinal para a construção de ser humano também se respaldam à luz das reflexões do Círculo Bakhtiniano, embora tenhamos buscado inspiração em outras teorias que, na fronteira teórica com essa perspectiva base, contribuem para elucidar o nosso objeto de estudo.

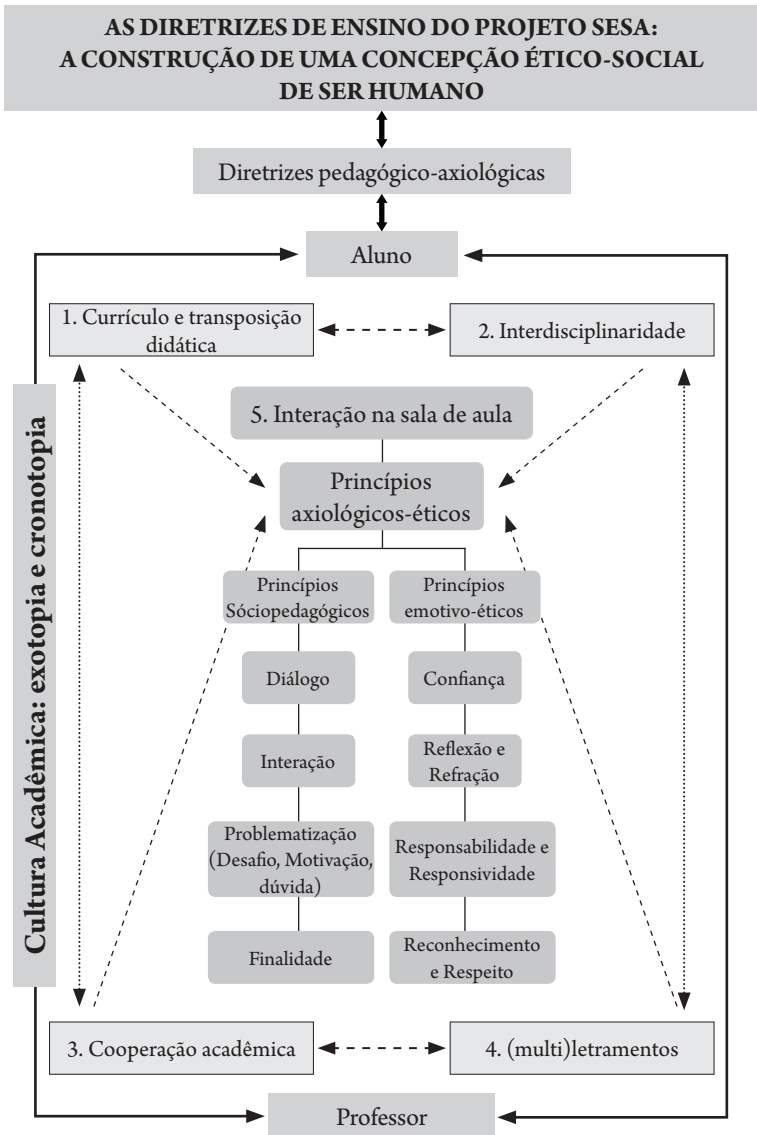
As cinco diretrizes estão interligadas, compreendendo que as ações externas à sala de aula afetam o desenvolvimento da prática pedagógica (Figura 1 a seguir):

- A transposição didática socialmente construída, desde os sistemas de ensino à prática efetiva das ações do

professor, reflete sobre as intersecções de múltiplas fronteiras e um domínio cultural (uma esfera da criação ideológica);

- A interdisciplinaridade em Zonas Fronteiriças demarca cada disciplina e contribui para entender o objeto multifacetado, com vários pontos de vista. É justamente nas zonas fronteiriças de cada disciplina em relação à outra que a dimensão da cooperação atua, respeitando o conhecimento epistemológico e metodológico utilizado em cada uma delas;
- A cooperação acadêmica como um caminho a percorrer no sentido de possibilitar que haja uma relação de nível abarcando áreas da cooperação científica e tecnológica, comunicação e proteção do patrimônio cultural à educação e formação técnica, entretanto já começamos a dar os nossos primeiros passos com a efetivação do projeto SESA;
- Para o letramento acadêmico, as práticas/atos/atividades devem considerar, no sentido do Círculo Bakhtiniano, duas direções em busca de uma unidade para um ato responsável: a relação ao seu conteúdo e ao seu ser; A responsabilidade primeira deve ser um momento incorporado de uma única responsabilidade moral, atendo-se que a relação espaço-tempo do ato está relacionada aos aspectos históricos, sociais e culturais de cada realidade.
- Interação em sala de aula é o centro para as demais diretrizes e, é nela que se materializam as ações pensadas nas demais. O aluno é a razão de todo processo, em uma relação dialógica com o professor e com as vozes sociais para que a interação verbal aconteça.

Figura 1 – As diretrizes de ensino do Projeto SESA.



Fonte: Santos (2013, p. 245)

Na interação verbal, verificam-se os princípios axiológico-éticos, baseados na arquitetônica (eu-para-mim, eu-para-o-outro, outro-para-mim). Os atos não podem ser indiferentes à compreensão responsiva de cada movimento, na relação professor-aluno, aluno-aluno, aluno-professor, aluno-autores lidos, aluno enquanto pesquisador/com o sujeito objeto da pesquisa, etc. O eu em relação com o outro em uma relação de não álibi no ser, uma responsabilidade sem fugas, como tentativas de alienar-se do seu papel determinado (professor/aluno) na relação. E o dever científico e acadêmico mantido na relação com o ético.

A relação interativa se estabelece a partir de si mesmo, de seu próprio lugar singular que não significa viver para si, por conta própria. Para esclarecer essa questão, Bakhtin (2010b) assevera uma relação tríade em que o eu aparece em cada movimento, cada eu ocupa o centro valorativo de uma arquitetônica em um jogo inevitável com o outro. Não se trata de uma singularidade egoísta, mas dar mais espaço nas relações acadêmicas para as relações entre identidades sem abuso predominante da instância sociocultural em detrimento da diferença singular. Esse jogo, para o Círculo de Bakhtin, é caracterizado pela alteridade, e sua arquitetônica é a base que definimos para construir nossa proposta de ensino de gêneros acadêmicos.

Com base nessa arquitetônica, a postura pedagógica de um professor (eu-para-mim) está em perceber como o aluno enxerga minhas ações (eu-para-o-outro) e como o professor percebe o aluno (outro-para-mim), cujos atos não podem ser indiferentes à compreensão responsiva de cada movimento, do mesmo jeito na relação aluno/aluno, aluno/professor aluno/autores lidos, aluno enquanto pesquisador/com o sujeito objeto da pesquisa, etc. O eu em relação com o outro em uma relação de não álibi no ser, uma responsabilidade sem fugas, como tentativas de alienar-se do seu papel determinado (professor/aluno) na relação.

Tanto o dever científico como o acadêmico mantido na relação com o ético é o dever é uma categoria original do agir-ato, pois “tudo é um ato meu, inclusive o pensamento e o sentimento, é uma certa atitude da consciência.” (BAKHTIN, 2010b, p. 47).

Em um contexto da cultura acadêmica, o tom emotivo-volitivo (axiológico) vem integrado no contexto unitário e singular na vida de que participamos, o que exerce uma base fundamental para se pensar nos princípios pedagógicos, aqui definidos como princípios axiológico-éticos da interação para o ensino de um gênero acadêmico. Esses princípios axiológico-éticos estão relacionados à docência enquanto uma prática/ato pedagógica/o responsável. Não temos a intenção de tratar desse processo observando os vários aparatos da didática, mas situar que a ação de ser professor requer cinco dimensões para uma qualidade no ato de ensino-aprendizagem, uma ação consciente e criativa.

Pensamos em cinco dimensões para o ato pedagógico responsável: formação na área de conhecimento, formação pedagógica e didática, inovação nas práticas didáticas, inovação na área do conhecimento e pesquisa na área de conhecimento. É pertinente inicialmente tomar como base essas dimensões para uma qualidade didática, porque o professor universitário atua com um duplo perfil (docente e pesquisador) e, em alguns casos, com perfil triplo associando à gestão e/ou à extensão universitária. Grande parte do professorado universitário atua na área do conhecimento específico e, curiosamente, não se formou para exercer a função de docente nem as instituições previamente exigem uma formação pedagógica. A relevância da formação docente tanto inicial como continuada na área específica como na pedagógica concebe o professor universitário como um profissional que desenvolve uma função complexa. A formação, a pesquisa e a inovação na área específica e na pedagógica são atributos inseparáveis e, muitas vezes, o próprio ato pedagógico é objeto de investigação, como acontece no nosso caso específico.

3 O Ser Humano como centro valorativo da Arquitetônica do evento

De um modo geral, esses princípios axiológico-éticos estão estabelecidos em três tipos de relações: “relações entre os objetos; relações entre sujeito e o objeto; relações entre sujeitos”. (BAKHTIN, 2010a, p. 374), como veremos a seguir:

3.1 Princípios Axiológico-Pedagógicos da interação na sala de aula

As fronteiras existentes entre o ir e vir da formação à inovação refletem no ato responsável do ser professor, interferem nas relações entre eu e outro no processo pedagógico. Não se trata de um relativismo cultural, de se colocar no lugar do outro, transferir-se para a cultura do outro e esquecer a sua própria cultura e olhar o mundo com o olhar da cultura do outro. Para Bakhtin (2010a, p. 366) isso é necessário, mas se parar nesse nível continua unilateral também. “A grande causa para a compreensão é a distância do indivíduo que compreende – no tempo, no espaço, na cultura – em relação àquilo que ele pretende compreender de forma criativa”. Após refletimos sobre o ser professor na contemporaneidade, apresentamos as categorias dos princípios sociopedagógicos da interação em sala de aula para designar o sentido “axiológico-emocional” (implícito na entonação) e o “contexto axiológico-entonacional extratextual” (p. 406) condicionado ao social: 1. Diálogo; 2. Interação; 3. Problematização (Desafio, Motivação, Dúvida); 4. Finalidade.

O primeiro princípio sociopedagógico é o *diálogo*, já discutido no capítulo anterior. Diferentemente de solução de conflitos, dialogar não significa ausência de confronto, podendo ser acordo, “o que pressupõe mais de um sujeito, e que esse ‘confronto’ é fator constitutivo do intercâmbio verbal, fundado, como

todo processo de produção de sentido, na diferença”. (SOBRAL, 2009, p. 37). O diálogo é caracterizado por “um tenso combate dialógico nas fronteiras”. Consideramos que o diálogo em sala de aula é a abertura para que essa arena de vozes seja posta, na relação entre os interlocutores e entre os discursos (cf. BARROS, 2007). A abertura para o diálogo oportuniza que professores e alunos se erijam e construam juntos o texto e seus sentidos. “O vir a ser axiológico de um ser humano é o processo de assimilar seletivamente as palavras alheias” (BAKHTIN, 1981, p. 341), quanto mais se oportuniza a ouvir as várias vozes e deixar-se ser ouvido, melhor é o processo formativo de homem.

O segundo princípio é a *interação*. Não se limita à relação face a face, conforme já tratamos no capítulo anterior; entretanto, aqui queremos tratar diretamente dessa relação em que o critério aceitabilidade é essencial para que qualquer processo de aprendizagem aconteça, como afirma Faraco (2009, p. 61), o evento do diálogo face a face em sala de aula é “como um espaço em que mais diretamente se pode observar a dinâmica do processo de interação das vozes sociais”, em um sistema ideológico constituído, mais elaborado, como é no espaço acadêmico. Vale assinalar que o discurso pedagógico se estabelece na estreita independência da prática ideológica do cotidiano e, ao mesmo tempo, em sistemas ideológicos já regularizados e integralmente definidos.

Essa inter-relação assentada nas práticas socioculturais que não despreza o cotidiano nem supervaloriza o acadêmico/científico/teórico querer dar uma atenção especial a aspectos os quais consideramos determinantes para uma “boa” interação face a face. Um deles é o riso que pode ser aberto e alegre ou fechado, meramente negativo. Para Bakhtin (2010^a, p. 370), “o riso aproxima e familiariza”, caso contrário, torna-se ameaçador, terrificante. O riso nos faz remeter a um momento abstrato do ato unitário e, em nosso entendimento, primordial para a interação:

a empatia. Para Bakhtin (2010b, p. 62), vivemos ativamente a empatia com uma individualidade e, por conseguinte, nem por um instante sequer perco completamente a mim mesmo, nem percebemos o nosso lugar único fora dela. “Não é o objeto que se apodera de mim, enquanto ser passivo: sou eu que ativamente o vivo empaticamente; a empatia é um ato meu, e somente nisso consiste a produtividade e a novidade do ato.”

A empatia se dá nas relações entre o eu e o outro em que não perde o meu lugar e não se assume o lugar do outro. Por mais que conheçamos a fundo uma determinada pessoa, assim como conhecemos a nós mesmos, devemos compreender a veracidade da nossa relação recíproca. A empatia que se estabelece em sala de aula não está nas palavras apenas, mas no tom dado a elas que as tornam em sua apreciação pelo aluno como apáticas ou não. “As palavras podem entrar no nosso discurso a partir de enunciações individuais alheias, mantendo em menor ou maior grau os tons e ecos dessas enunciações individuais.” (BAKHTIN, 2010a, p. 293).

Nesse sentido, o que importa para Bakhtin (2010a, p. 403) é o tom que determina a complexa tonalidade da nossa consciência que serve de contexto axiológico-emocional na nossa interpretação. Ordens, exigências, mandamentos, ameaças, elogios, censuras, ofensas constituem uma parte da realidade extracontextual. Na relação professor/aluno, aluno/aluno, todos esses fenômenos do discurso “estão vinculados a uma entonação acentuadamente expressa, capaz de deslocar-se (estender-se) a quaisquer palavras e expressões desprovidas de significado direto, ordens, ameaças, etc.”

Esses tons permitem “persuadir (ensinar), e, por conseguinte, ser pessoalmente persuadido” (BAKHTIN, 2010a, p. 384). Se o ato de ensinar está relacionado ao ato de aprender, os sentimentos e os pensamentos também são construídos nessas relações. Acreditamos que, no universo acadêmico, esses

aspectos foram esquecidos em busca da teorização, como vimos no segundo capítulo, que essa é uma preocupação de muitos professores e há trabalhos que já refletem sobre essa temática na arquitetura de suas teorias.

O terceiro princípio é a *problematização* (o desafio, a motivação, a dúvida). Deixamos esses três elementos juntos porque consideramos se tratar de problematização para o conhecimento. Sentir-se desafiado pode trazer em si um nível de motivação que só a dúvida pode expressar. O desafio está sempre na busca de conhecer, de acreditar, ou duvidar sobre a veracidade a respeito de um determinado objeto. Nesse sentido, “parece que na área dos estudos da interação não podemos fugir do axioma de que o **intersubjetivo** se torna **intrasubjetivo**, isto é, de que o movimento externo se torna movimento interno” (FARACO, 2009, p. 145), a questão principal é saber como o processo acontece.

Se tomarmos a perspectiva do indivíduo identificado pelo pertencimento a um grupo cultural ou fazendo parte de um gênero acadêmico, é preciso que se toque na vida de cada um e produza um impacto sobre ela. Bakhtin (2010b) afirma que entra em jogo a qualidade de vida, o reconhecimento da diferença singular de cada um. O ser tocado está relacionado ao ser desafiado e motivado. A crise contemporânea que mencionamos na seção anterior, também é para Bakhtin a crise do ato contemporâneo, um abismo entre o motivo do ato e o seu produto. Para alguns universitários em determinada esfera acadêmica, a motivação é o dinheiro, um bom emprego, passar em um concurso, e o dinheiro nesse sentido passa a ser o motivo de um ato moral. Se o que motiva o ato contrapõe à teoria e ao pensamento, não assume o caráter de ser responsável, e, nesse jogo, está a filosofia de vida que, como professores, ajudamos a refletir.

Bakhtin (2010a, p 378) também expõe sobre a concórdia-discordância ativa, que não se configura em posições dogmáticas, mas que “estimula e aprofunda a compreensão,

torna a palavra do outro mais elástica e mais pessoal, não permite dissolução mútua e mescla.” Essa configuração dialógica aponta a complexidade do “ato bilateral de conhecimento-penetração” (p. 394), reconhecer que o indivíduo não é só meio e ambiente, apresenta também o seu horizonte próprio. A interação do horizonte do cognoscente (professor) com o do cognoscível (alunos) na relação face a face são cruzamentos que duas consciências podem combinar com maior empatia e aceitação ou não. Estão em jogo os elementos da expressão (o rosto, os olhos, o tom da voz) que podem servir de elemento que alimenta a memória do outro e o faz sentir desafiado e motivado, ou simplesmente passa uma relação de tédio, simplesmente porque não houve encontro da consciência do eu e do outro.

Nesse aspecto, a compreensão individual é singular e única, então teremos sobre o plano dos valores uma diversidade de valor reconhecido, pois para cada aluno haverá um quadro emotivo-volitivo do mundo, que significará uma coisa para mim e outra coisa para um outro. Nesse sentido, a dúvida é um excelente recurso para pensar sobre a verdade, pois ela pode aparecer para um aluno e para outro não, efetivando seu caráter particular e único no mundo e, certamente, condiciona todos os participantes aos papéis irrepetíveis em sua participação em um gênero, a aula por exemplo. Para Bakhtin, a petrificação da existência destruiria a multiplicidade dos mundos pessoais irrepetivelmente válidos.

O quarto princípio, a *finalidade*, está relacionado diretamente à motivação. O motivo que me leva a escrever, ler, participar de uma prática de letramento acadêmico, não pode ser voltado apenas para teorização das ciências, ou como atividade acadêmica que executa um papel de receber uma nota no fim do semestre, ou como requisito para avançar no curso ou em uma disciplina. A finalidade, o “para quê” estou desenvolvendo tal ato, só pode ser considerado como responsável quando adquiere

um valor real, vivido, determinado pelo lugar singular por mim ocupado na minha participação no evento (na vida).

Bakhtin afirma que a participação individual cria o peso efetivo do tempo e o valor do espaço, torna as fronteiras importantes e o mundo vivido de maneira real e responsável. Só colocando o aluno como mais um centro ao efetivar sua participação singular, como afirmação do plano real emotivo-volitivo, terá a significação de uma aprendizagem efetiva para a vida. Em outras palavras, muitas práticas pedagógicas na universidade apresentam um caráter supérfluo e inútil de atos para desenvolver atividades de leitura e escrita, de aguçar o pensamento crítico e científico e, por isso mesmo, tornam-se insignificantes para os alunos. Enquanto as práticas acadêmicas estiverem voltadas a essas questões no mundo dos conteúdos apenas, mais distante é a intenção responsável de participação no existir. A nossa proposta parte do pensar de Bakhtin (2010b, p. 123-124) que pretende fornecer uma refiguração, uma descrição da arquitetura real concreta do mundo dos valores realmente vivenciados, não governado por um fundamento analítico, “mas com um centro de origem realmente concreto, seja espacial ou temporal, de valorações reais, de afirmações, de ações, e cujos participantes sejam objetos efetivamente reais, unidos por relações concretas de eventos no evento singular do existir.”

Esses princípios sociopedagógicos, no sentido de servir de diretriz para a ação do professor, que em uma versão bakhtiniana podemos designar o sentido “axiológico-emocional” (implícito na entonação) e o “contexto axiológico-entonacional extratextual” (BAKHTIN, 2010a, p. 406) condicionado ao social. Do estabelecimento do diálogo, da interação, da problematização (desafio, dúvida, motivação) às finalidades de ensino e aprendizagem de um gênero acadêmico, estão em relações implícitas e explícitas dos atos do professor como mediador do processo de educar, o que torna o profissional insubstituível pela força

tecnológica, ou pelas múltiplas culturas a que ele está submetido, pelo simples fato de sua real importância na construção de princípios éticos do ser humano.

3.2 Princípios emotivo-éticos da interação na sala de aula

Os princípios emotivo-éticos que definimos como fundamentais para a prática pedagógica são diferentes quanto à nossa intenção tomando um possível interlocutor, embora não há como pensar em um esquecendo o outro. Vale esclarecer aqui que os princípios sociopedagógicos estão voltados mais diretamente ao agir do professor, à postura que o professor pode assumir ao permitir o diálogo, a interação, a problematização, a finalidade. Todos esses princípios têm como objetivo primeiro o aluno em que a ação do professor se volta sempre para a tríade: o professor (eu-para-mim) está em perceber como o aluno enxerga as suas ações (eu-para-o-outro) e como o professor percebe o aluno (outro-para-mim).

Os princípios emotivo-éticos caminham na mesma linha de raciocínio; no entanto, vistos na dupla relação professor/aluno, aluno/professor, em especial, e nas relações que possam surgir a partir dessas primeiras. Isso não quer dizer que os princípios sociopedagógicos também não possam ser investigados a partir da relação aluno/professor, mas a nossa primeira impressão é a de que o professor é o sujeito, dentro das convenções didáticas, responsável pelo planejamento, desenvolvimento e avaliação do processo pedagógico, quem gerencia o gênero aula que é formado com e na relação com os alunos e com os textos lidos.

O primeiro princípio emotivo-ético, e o mais importante em nosso entendimento, é a *confiança*, pois acreditamos que é a partir dele que os outros princípios caminham com mais naturalidade no processo de ensino-aprendizagem. A confiança está

ligada diretamente ao sentimento de pertença a um determinado grupo cultural, a um determinado papel social, um pertencer responsável em um grupo delimitado, definido.

Quando um docente define um objetivo para uma prática pedagógica, este tem efeito sobre o agir do professor, muitas vezes, retirando a espontaneidade que acontece na relação estabelecida em um gênero primário de extrema intimidade. Talvez esse seja um ponto crucial nas práticas pedagógicas na universidade a ponto de se perder a confiança que se deveria ter na ação do professor e nas respostas dos alunos. Bakhtin (2010a, p. 304) ressalva que o discurso íntimo “é impregnado de uma profunda confiança no destinatário em sua simpatia – na sensibilidade e na boa vontade da sua compreensão responsiva. Nesse clima de profunda confiança, o falante abre as suas profundezas interiores.”

Se as práticas pedagógicas nas universidades são caracterizadas pelo primado domínio teórico e técnico, “a teoria deixa o ato à mercê de uma existência estúpida, exaure-o de todos os componentes ideais e o submete a seu domínio autônomo fechado, empobrece o ato” (BAKHTIN, 2010b, p. 24). Nesse sentido, quanto maior for a conformidade do agir do professor com o vazio do puro teoricismo, maior será a distância e a resistência de se chegar perto da realidade do aluno.

Acreditamos que o professor só poderá influenciar seus educandos quando não houver resistência pelo aluno, quando a relação estabelecida não for de punição, mas aquela em que o aluno não percebe que está sendo educado, uma relação espontânea mais próxima dos gêneros primários, uma ideia que se depreende ser a formação como algo que requer o envolvimento total do educador, que necessita romper com posturas impositivas ou prescritivas. Para Bakhtin (2010a, p. 368), “a palavra com as suas fronteiras inexpugnáveis, [...] é uma palavra inerte, com possibilidades limitadas de contatos e combinações. A palavra que inibe e bloqueia o pensamento.”

Se defendemos que a palavra⁶, em uma relação dialógica, responsável e ética, não se constitui por um ato impositivo, por um decreto, mas que requer abertura, ela só pode ter como única via a *confiança*. É a confiança que suplanta a resistência contra o estar sendo formado e possibilita que o educando aceite o educador como pessoa, que oportuniza o aluno escrever e reescrever o texto sem medo de errar, de falar de suas limitações e de seus avanços, de expressar seus valores éticos e ressignificá-los no processo de aprendizagem.

Não significa que confiar é ter uma concordância incondicional, mas reconhecimento das situações confrontantes que caracterizam o ato educativo, na amplitude das relações dialógicas, “a confiança na palavra do outro” (BAKHTIN, 2010a, p. 327), em querer bem ao outro com responsabilidade. Confiar só pode ser visível em uma relação de amor, de democracia, nos tons que damos as nossas palavras.

Se a sala de aula deve ser um espaço de confronto e não de conflito, o tom dado aos atos dos sujeitos pode levar a uma instância ou outra. Algumas teorias defendem o amor e a afetividade nas relações pedagógicas como possibilitador de sucesso na aprendizagem e na vida do estudante, a pedagogia do afeto (ANTUNES, 2006) é uma delas. Bakhtin também fala das consequências valorativas, emotivo-volitivo do ato de amar e ser amado. O desamor e a indiferença nunca geram forças suficientes para nos deter e nos demorarmos sobre o objeto, de modo que “fique fixado e esculpido cada mínimo detalhe e cada particularidade sua. Somente o amor pode ser esteticamente produtivo, somente em correlação com quem se ama é possível a plenitude da diversidade.” (BAKHTIN, 2010b, p. 129).

6 O termo “palavra” no conjunto da obra do Círculo pode ser entendido por “palavra” ou “discurso”.

Bakhtin (2010b, p. 128) ainda adverte que a indiferença ou hostilidade é sempre uma reação que empobrece e desintegra o objeto. “Só o amor está em condição de afirmar e consolidar, [...] somente uma atenção amorosamente interessada, pode desenvolver uma força muito intensa para abraçar e manter a diversidade concreta do exis tir, sem empobrecê-lo.”

O segundo princípio emotivo-ético é a reflexão e a refração, já mencionado em várias passagens no capítulo anterior e neste próprio. No processo de referenciação, o Círculo apresentou duas operações simultâneas nos signos: reflexão e refração. Isso quer dizer que, com os signos, podemos apontar uma realidade que lhes é externa, mas o fazemos sempre de modo refratado, com nossas interpretações e nossas experiências concretas.

Consideramos aqui a reflexão e a refração como um princípio emotivo-ético porque acreditamos que “a práxis dos grupos humanos vai gerando diferentes modos de dar sentido ao mundo (de refratá-lo).” (FARACO, 2009, p. 51). Assim, só é possível significar se refratar, e, certamente, essas refrações são construídas, na história, e marcadas por inúmeras contradições e confrontos de valorações e interesses sociais. “Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 38).

A palavra segue os atos de compreensão e interpretação da vida humana como signo ideológico no fluxo da interação verbal, ganha diferentes significados de acordo com o contexto em que está inserida e revela um espaço em que os valores fundamentais de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam.

A consciência constitui-se de signos que entrelaçam signos sem interrupção, formando uma rede ideológica relativamente estabilizada nas formas de compreensão da realidade sócio-histórica e “adquire forma e existência nos signos criados por um

grupo organizado no curso de suas relações sociais.” (Bakhtin/Volochínov 2009: 36). Nesse sentido, para o Círculo de Bakhtin, não há como significar sem refratar na dinâmica da história, significar é marcado pela diversidade de experiências dos grupos humanos, pelo confronto de interesses sociais nos limites da luta de classes, “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 47).

Assim, a ação primeira de refletir para refratar é também uma atitude emotiva e ética que depende do tom valorativo que se estabelece ao definir um objeto de estudo. O ato responsável e ético se materializa, por exemplo, perante o resultado encontrado, diante de confronto de ideias, de valores com os quais não se defenda, mas que se reconheça como legítimo. Os tons valorativos vão apontar se o ato de significar é ético ao reconhecer as especificidades do objeto de pesquisa, da cultura, dos sujeitos envolvidos, ou é a-ética ao silenciá-la, mascarando o confronto de vozes que deveriam aparecer como marcas de uma diversidade de experiências de um grupo, com suas contradições e interesses sociais.

O terceiro princípio é a *responsabilidade e a responsividade*. Sobre o ato responsável já tratamos na seção de (multi)letramentos, como também tratamos da compreensão responsiva. Entretanto, merece enfatizar que o “Postupok”, dar um passo, dar um passo fora de qualquer alinhamento, é um ato intencional de ação, de fala, de pensamento, de sentimento, de desejo que caracteriza a singularidade, a “peculiaridade, o monograma de cada um, em sua unicidade, em sua impossibilidade de ser substituído, em seu dever de responder, responsabilmente, a partir do lugar que ocupa, sem alibi e sem exceção.” (PONZIO, 2010, p. 10). A expressão ato responsável é um conceito central na concepção bakhtiniana, pois remete a dois movimentos da responsabilidade com a responsividade, a conexão entre a compreensão e a escuta de quem fala e escuta ao mesmo tempo.

Bakhtin critica as tendências filosóficas, principalmente kantianas, por privilegiarem o conteúdo do ato e menosprezarem o processo ou as que fazem o inverso, enfatizam o processo e desconsideram o ato. Sua noção de ato parte justamente dessa junção de processo e conteúdo (sentido), assumindo o ato como um fato contemplado ou teoricamente pensado do exterior, porém assumido do interior, em sua responsabilidade e em sua resposta.

Na esfera acadêmica, tanto professor como aluno já possuem seus papéis definidos como representantes no processo educativo que os autorizam a tomar determinados atos; no entanto, cabe a cada um a responsabilidade de assumir na função desempenhada o reconhecimento e a afirmação real de tudo que representa como um ato próprio e responsável. “Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro.” (BAKHTIN, 2010b, p. 115).

O quarto princípio é *o reconhecimento e o respeito*. Trata-se da necessidade que o ser humano tem de ser visto e reconhecido. A relação ética inter-humana, uma contribuição de Martin Buber, também foi mencionada por Bakhtin (1961, p. 287) no texto para uma releitura do livro sobre Dostoiévski: “A morte absoluta – o não ser – é o estado de não ser ouvido, de não ser reconhecido, de não ser lembrado. Ser significa ser para um outro, e por meio do outro, ser para si mesmo.”

Nesse sentido, a alteridade é constitutiva da relação de respeito, o Eu quer ser reconhecido pelo Tu e tem o dever de reconhecê-lo, de responder a ele. “Devo à presença do Tu minhas possibilidades existenciais. Toda e qualquer função psíquica só se desenvolve, bem ou mal, na presença do outro. Ser reconhecido é a pedra angular da construção do Eu: ser visto, reconhecido, respeitado.” (FARACO, 2009, p. 156). A essa discussão do respeito enquanto um princípio ético, Bakhtin (2010a,

p. 381) também enfatiza a questão no processo de comunicação dialógica com o objeto que transforma em sujeito. “A palavra do outro deve transformar-se em minha-alheia (ou alheia-minha). A distância (*vnienakhdímost*) e o respeito.”

Em um processo educativo, acreditamos que esse princípio fecha o círculo do processo pedagógico, que se espera ser responsável e respondente, reflexivo e refrativo nas avaliações e que traga significância para a existência em uma relação de respeito. O ser reconhecido pelos seus atos (pensamento, ação, sentimento) é fundamental para a formação do ser humano e parece ser para nós o estímulo para que a prática pedagógica tenha força para manter um grau de satisfação para alunos e professores, para que alunos queiram participar ativamente de um projeto e tenham expectativas de ver o seu produto como fruto de um processo que marca sua passagem na universidade, mas que significará para sua existência. Compreendemos que é uma visão que deixa de pensar na educação no espaço estreito do pequeno tempo, da atualidade do passado imediato e do futuro representável e caminha para uma dimensão de grande tempo de sua existência, que talvez o professor nem saiba precisamente dos efeitos que sua prática causou na formação ética daquele educando.

Para Bakhtin (2010a, p. 407), “as formas axiológico-emocionais da antecipação do futuro na língua-discurso [...], a relação superficialmente humana com o futuro (votos, esperança)” estão intrinsecamente ligadas ao reconhecimento e ao respeito, de praticar um ato e saber de seu reconhecimento, seja da produção do texto à apresentação para os colegas ou à publicação dele em um livro. Ser respeitado e reconhecido pelo seu ato manifesta no sujeito (por seu dizer e por sua escrita) o estado de ânimo, de desejo, de sentimentos em um ato ativamente responsável, de pertencer a um lugar e ser único.

4 Orientação metodológica: os caminhos didáticos

Ao se consolidar uma proposta corre-se o risco de torná-la estática ou vê-la desviada dos princípios sobre os quais se apoia, por isso traçamos uma orientação metodológica e ressaltamos alguns aspectos que materializam os atos docente e discente. Apresentaremos as sequências dialógicas que indicam passos a serem trilhados, não como um manual, mas como possibilidade de aplicação durante um semestre ou em um ano letivo de acordo com as necessidades dos interlocutores.

A indicação de tempo para cada atividade não será definida, pois depende de cada contexto pedagógico e dos interlocutores (professor e aluno), do processo relacional desde o 1.º movimento até a conclusão do movimento que marca um acabamento do ciclo, como esquematizado a seguir:

Quadro 1 – Sequências dialógicas de ensino de gêneros acadêmicos

ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA		
Sequências dialógicas de ensino de gêneros acadêmicos	Princípios axiológicos-éticos	
	Princípios sociopedagógicos	Princípios emotivo-éticos
1.º movimento – Apresentação da situação enunciativa	Problematização	Confiança
Desafio e/ou dúvida e finalidade da escrita		
2.º movimento – Reconhecimento do gênero	Diálogo e Interação	Reflexão e Refração Responsabilidade e Responsividade
Leitura e análise do gênero		
3.º movimento – Planejamento do projeto enunciativo		
Diálogos sobre formas arquitetônicas do gênero		
4.º movimento – Escrita inicial do gênero		
Exposição dialogada sobre artefato e conteúdo de um texto Produção inicial de texto	Finalidade	Reconhecimento e respeito
5.º movimento – Feedback		
Reescritura do gênero		
6.º movimento – Socialização do gênero		
Apresentação e divulgação do projeto enunciativo		

Fonte: Santos (2013, p. 347)

Levando-se em consideração as diretrizes pedagógico-axiológicas que estão interligadas do currículo à prática efetiva em sala de aula, criamos as sequências dialógicas as quais denominamos de um encadeamento fronteiro de atividades acadêmicas para a produção de um gênero. Cada etapa é organizada em movimento que procura responder aos princípios sociopedagógicos e aos princípios emotivo-éticos.

Os movimentos precisam atender à arquitetônica (eu-para-mim, eu-para-o-outro, outro-para-mim), e os atos do professor e dos alunos em relação com o seu outro não podem ser indiferentes à compreensão responsiva desses movimentos, por isso os princípios “diálogo e interação” e “responsabilidade e responsividade” definem o tempo e o espaço dos atos. Enquanto o primeiro movimento precisa ter a capacidade de problematizar e desenvolver um sentimento de confiança para a realização da atividade, o último movimento está na fronteira com os demais, em especial com o 1.º movimento, pois o encorajar e estimular, em nosso entendimento, só se destacam quando há finalidade para a atividade proposta e o reconhecimento e o respeito pelo ato desenvolvido.

Explanamos uma possibilidade, dentre muitas, que o professor pode organizar para desenvolver cada movimento:

1.º Movimento – Apresentação da situação enunciativa: A etapa inicial visa expor aos alunos o projeto enunciativo que será desenvolvido até o último movimento. É uma fase inicial difícil porque o professor precisa apresentar a proposta a ser desenvolvida e o aluno carece de se sentir desafiado a desenvolver o ato. O discente deve, nessa etapa, ser capaz de responder a duas dimensões: parâmetros contextuais enunciativos (esfera, instituição, cronotopia (espaço/tempo da ação), autor, interlocutor, posição social do autor e do interlocutor, objetivo do texto e objetivo didático, suporte material) e o conteúdo temático específico da área do curso.

2.º movimento – Reconhecimento do gênero: Nessa fase, há duas ações simultâneas – conhecer e analisar o gênero que será proposto. O conhecer está relacionado à apresentação do gênero que, mediante o discurso, mobiliza formas textuais, e o analisar que examina o projeto enunciativo como um espaço de escolhas linguísticas e estilísticas, ou seja, observando o seu plano arquitetônico. O professor pode variar com atividades de exposição didática e o reconhecimento das formas relativamente estáveis dos enunciados.

3.º movimento – Planejamento do projeto enunciativo: Após reconhecer o gênero acadêmico em foco, evitando-se o modelo engessado, mas observando a tradição do próprio gênero, o discente deverá planejar o seu texto. Para isso, desenvolvemos estratégias didáticas para desvelar o conteúdo do gênero. Organizamos três conjuntos de estratégias correspondentes à natureza arquitetônica e de sentidos do próprio gênero.

Criamos o esquema em formato de Estrela para planejar e elaborar o gênero. A estrela com seis pontas é conhecida como a Estrela de Davi, um símbolo em forma de estrela composto por dois triângulos sobrepostos, iguais, tendo um a ponta para cima e outro para baixo, utilizado pelo judaísmo e por seus adeptos, além de outras doutrinas. Para a Filosofia, a estrela é um símbolo da igualdade para todos pela precisão de suas pontas formando uma relação circular ao tentar uni-las. Bakhtin era ortodoxo russo, e em seus escritos nada consta sobre sua visão quanto ao judaísmo, entretanto nossa inspiração quanto à estrela se confirmou ao refletir sobre a ética da religião, uma questão sempre presente para Bakhtin, inclusive ao tratar da questão da empatia e do amor como parte de suas concepções estéticas, sempre voltadas à alteridade, à heterogeneidade e às zonas fronteiriças. Assim, optamos com esse formato como uma simbologia de que educar é um ato do espírito, da empatia e do amor, que deve ser

consciente e responsável de sua função social para a formação do homem que compartilha do mesmo direito de aprender.

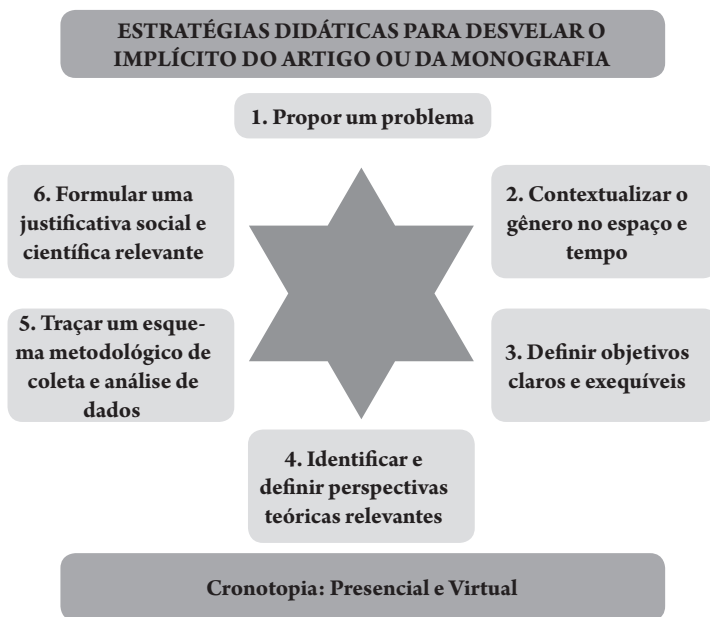
O formato Estrela de Davi pode também ser transposto para o ensino como Estratégias Didáticas para desvelar os implícitos dos textos. A afinidade de dois triângulos, colocados simetricamente com relação ao ponto central para formar uma estrela, aqui representa a relação de alteridade que perpassa toda a ação pedagógica, a relação do eu com o tu, do professor com o aluno. Em volta da Estrela de Davi, as caixas de texto formam um círculo que simbolizam, aqui, a ato responsável em relação ao seu conteúdo e o seu ser, recupera em pontas as cinco diretrizes pedagógico-axiológicas e o aluno na ponta superior, ou seja, toda ação voltada para a aprendizagem do discente.

O esquema é organizado em caixas as quais os alunos precisam preencher seguindo a numeração para que depois possa efetivamente elaborar o texto. As caixas de texto não podem ficar vazias ou apresentar vagas formulações. Para cada gênero, as competências são diferenciadas, e os alunos precisam apresentar dois atos: o primeiro se refere ao planejar e preencher na estrela o plano inicial do projeto enunciativo; o segundo é produzir o texto tomando como base o preenchimento das caixas de texto.

Mediante análise da prática, percebemos que a atividade deve conjugar dois cronotopos: um que se realiza presencialmente na sala de aula e outro que se realiza no virtual. Utilizamos a ideia de Bakhtin do cronotopo como espaço-tempo para desenvolver atividades de apoio à escrita dos alunos, de interação com os colegas e com o professor, em arranjo real e virtual. Se o aluno não conseguir desenvolver uma das competências axiológicas esperada, não precisará esperar o espaço limitado do currículo para levantar questões e buscar explicações a respeito de suas inquietações.

Para isso, a proposta de trabalhar par a par e de *feedback* imediato rompe com a ideia de tempo curricular. Sozinho o professor, certamente, não conseguirá atender à demanda, trabalhando com uma carga horária de no mínimo 12 horas como acontece na maioria das universidades. Uma solução viável é o trabalho de tutoria como apoio à ação pedagógica e à própria relação com os colegas. A seguir, apresentamos um dos três esquemas Estrela de Davi para o ensino de gêneros acadêmicos:

Quadro 2 – ESTRELA DE DAVI: Estratégias didáticas para desvelar o implícito do artigo ou monografia



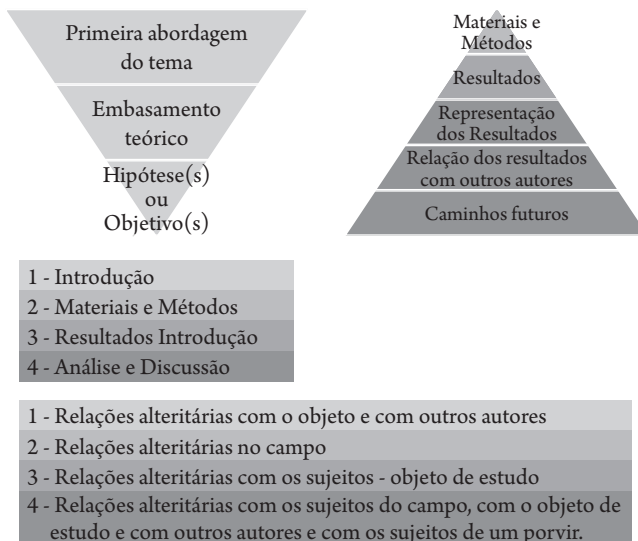
Fonte: Santos (2013, p. 353)

O planejamento do gênero acadêmico artigo ou monografia requer atitude responsável e responsiva diante do objeto de estudo escolhido. Quanto à definição do problema, algumas ações precisam ser tomadas para preencher a caixa de texto. Primeiro, é necessário o aluno certificar-se do que não quer ou não sabe pesquisar, depois tornar o problema significativo, decidir sobre os dados, recolhê-los e examiná-los em função do problema proposto.

Algumas perguntas a serem respondidas: 1. Qual o panorama? O que vai ser pesquisado e com base em quê? Por que e para quê? Como e onde? Quando? Cada caixa de texto corresponde a sequências que exercem função específica na construção do enunciado: Contextualização ou delimitação – expositivas; A pergunta de pesquisa e a perspectiva teórica – expositivo-argumentativas; A justificativa e os objetivos – expositivo-argumentativas e narrativas; Descrição do *corpus* e da metodologia – descritivas.

Após o plano do texto, a estrutura enunciativa é relativamente estável quanto à extensão, embora apresente uma característica geral para artigo, monografia, dissertação de mestrado, tese de doutorado, como se houvesse um desmembramento da Estrela de Davi. Tomamos emprestado de Souto (2007) uma forma arquitetônica para a escrita do artigo, pois aplicamos durante nossa experiência no Projeto SESA e sentimos que o resultado foi satisfatório quanto à compreensão da organização do texto. Entretanto, para nossa proposta acrescentamos uma versão dialógica em que se busca desvelar as vozes e enaltecer a relação de alteridade no texto.

Figura 2 – As quatro partes principais de um artigo, com as suas subdivisões, e as possíveis relações alteritárias



Fonte: Santos (2013, p. 355)

As partes da representação de uma forma arquitetônica relativamente estável de um artigo também seguem, de uma maneira geral, a estrutura do enunciado de outros gêneros acadêmicos como a monografia, dissertação de mestrado e tese de doutorado, evidentemente, com finalidades diferentes que modificam todo o projeto enunciativo. Por exemplo, o embasamento teórico que aparece previamente na introdução pode receber uma ressalva em uma seção do artigo e assumir uma ou mais seções em uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado.

Assim, de uma forma relativamente estável, os gêneros acadêmicos apresentam seções interligadas que se articulam em suas fronteiras. Na introdução, os fatos conhecidos, resumo de estudos prévios, generalizações sobre conhecimentos compartilhados

e a indicação da relevância do assunto para a área e a identificação de um problema a ser estudado. A segunda parte, “material e método”, também conhecida como metodologia, descreve os materiais e procedimentos de coleta de dados e análise. A terceira descreve os resultados a partir dos dados obtidos e pode apresentar exemplos retirados do próprio trabalho. A quarta parte interpreta os resultados em relação ao que se avançou no conhecimento do problema e pode apontar estudos futuros.

Essa arquitetura é basicamente comum em várias propostas de ensino de gêneros acadêmicos, o que diferencia nossa proposta é a ênfase na alteridade que perpassa todo o ato dialógico antes, durante e depois da pesquisa, na relação do campo para a escrita, nas construções do discurso reportado em um contexto de transmissão que geram relações dialógicas únicas e irrepetíveis estabelecidas pelos interlocutores. É uma busca constante da reflexão da fronteira entre o discurso citado e do citante, entre a voz ouvida e a voz silenciada, entre a polifonia e a monofonia.

A questão está na definição do ponto de articulação do discurso de outrem, na formulação da problemática e do objeto, presentes nos diversos gêneros, considerando essa dinâmica do discurso de outrem e seu contexto narrativo. Para isso, o ato do pesquisador e do sujeito que assina um texto evoca a expressão bakhtiniana: a palavra se dirige à resposta efetiva do outro como um dos elementos, entre outros, de construção de sentido; a representação e a antecipação da resposta suposta do outro devem integrar a própria estrutura do enunciado, sem o que ele não pode se formular e permanece ininteligível.

A cada novo gênero, o aluno se apropria de competências específicas das formas composicionais e textuais para a formação de um novo gênero, validando as relações interlocutivas e o processo de produção e recepção de cada gênero. Assim, o conhecimento apreendido em um gênero facilitará o processo e a aprendizagem de outro gênero acadêmico. A aprendizagem de

um gênero menos complexo pode colaborar para a compreensão de outro, por isso é possível pensar em gêneros intercalados, em um processo de hibridização que facilita a compreensão de gêneros acadêmicos mais complexos. Assim, as fases parasitárias elaboradas por Sobral (2009) e transpostas por nós são essenciais para o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o maior conhecimento de formas discursivas na academia dará uma maior liberdade de uso dos gêneros.

4.º Movimento – Escrita inicial do gênero: Nessa fase, o professor pode auxiliar na discussão do esquema Estrela de Davi para que o aluno comece o processo de escrita. Não deve ter preocupação com a forma pela forma, mas encorajá-lo a fazer escolhas que poderão ser repensadas no movimento seguinte. Paralelamente, a forma pode ser trabalhada mediante as necessidades de construção do discurso e do gênero. Segundo Bakhtin (2004), toda forma gramatical é ao mesmo tempo um meio de representação da realidade. Desse modo, cada uma dessas formas precisa também ser considerada a partir do ponto de vista do seu potencial representacional e expressivo, isto é, a estilística delas precisa ser elucidada e avaliada.

5.º Movimento – *Feedback*: Essa etapa é uma das mais importantes, porque é nela que a relação de confiança e respeito precisa ser mais ecoada e mais ouvida. Falar de suas limitações e apresentar suas proposições são atos que representam dificuldades para os alunos, pelo medo da aceitação ou rejeição pelo interlocutor.

Nessa fase, o professor pode aproveitar o *feedback* para desenvolver exercícios de se aprimorar a norma padrão para os textos universitários. Entre outras propriedades, há algumas que são identificadoras da modalidade escrita formal da língua e podem ser exploradas simultaneamente com a produção dos textos, melhor dizendo, serem trabalhadas, revistas em função dos textos. Tais como: ausência de marcas de oralidade e de

registro informal; precisão vocabular; coesão e coerência textuais; obediência às regras gramaticais de concordância nominal e verbal, regência nominal e verbal, pontuação, flexão de nomes e verbos, colocação de pronomes oblíquos (átonos e tônicos), grafia das palavras (inclusive acentuação gráfica e emprego de letras maiúsculas e minúsculas), uso de crase, ortografia.

Vale ressaltar que, para Bakhtin, o ensino de sintaxe sem prover elucidação estilística e sem atentar para enriquecer a própria fala dos estudantes carece de significância criativa e não os ajuda a aumentar a criatividade das suas próprias produções de fala, meramente instruindo-os a identificar as partes da linguagem já prontas produzidas por outrem.

6.º Movimento – Socialização do Gênero: Essa fase produz um certo acabamento às sequências e à produção do texto. O texto sai do momento de produção e passa para circulação e recepção em uma escala social de maior abrangência. Os princípios *finalidade, reconhecimento e respeito* vão alentar os alunos para o crescente processo de aprendizagem. O projeto pedagógico deve elucidar o projeto enunciativo elaborado pelo aluno de alguma maneira, seja por um evento, uma apresentação, um *e-book*, um livro, disposto em e-portfólio ou mesmo em um *blog*. A ação pedagógica pode ser refletida pelos interlocutores que devem se sentir parte do processo e apresentar sua produção não apenas para receber a nota ou para cumprimento da atividade escolar, mas também como uma responsabilidade para consigo mesmo e para um futuro que faz parte do universo de sonhos de qualquer estudante.

5 Considerações finais

Diante da limitação de espaço deste capítulo, acreditamos que tentamos resumir a nossa proposta de ensino e enfatizamos como princípio norteador o discurso de outrem na fronteira da

interação verbal e o próprio ato responsável na universidade e na vida à luz dos preceitos de Bakhtin e do Círculo quanto às Ciências Humanas.

As sequências dialógicas as quais denominamos de um encadeamento fronteiro de atividades acadêmicas para a produção de um gênero são organizadas em movimentos que procuram responder aos princípios sociopedagógicos e aos princípios emotivo-éticos. Esses movimentos precisam atender à arquitetura (eu-para-mim, eu-para-o-outro, outro-para-mim), e os atos do professor e dos alunos em relação com o seu outro não podem ser indiferentes à compreensão responsiva desses movimentos, por isso os princípios “diálogo e interação” e “responsabilidade e responsividade” definem o tempo e o espaço dos atos.

Por isso, não existe um movimento mais importante que outro, cada um exerce uma função que no conjunto se demonstra eficiente e eficaz. Deixar de executar algum movimento pode trazer consequências que dificultarão o processo de aprendizagem. A experiência comprova que o primeiro movimento precisa ter a capacidade de problematizar e desenvolver um sentimento de confiança para a realização da atividade e deve permanecer até a última etapa. O último movimento está na fronteira com os demais, em especial com o 1.º movimento, pois o encorajar e o estimular, em nosso entendimento, só se destacam quando há finalidade para a atividade proposta e o reconhecimento e o respeito pelo ato desenvolvido.

A perspectiva da tese defende que o campo de conhecimento nos leva a considerar as especificidades das disciplinas acadêmicas, e tendo em conta o ensino ou a pesquisa obriga-nos a articular a análise dos conteúdos temáticos e da escrita com os vários espaços institucionais de produção do discurso, espaços acadêmico ou educacional com os de pesquisa científica. Dentro desse contexto, na relação complexa entre a escrita universitária,

conhecimento e *know-how* adquiridos nas áreas, está a apropriação para localizar as intervenções pedagógicas. É, portanto, uma questão de apoiar os nossos alunos por meio de transição para o letramento acadêmico, pois não há um letramento comum para todas as disciplinas e compreensão de tipos de discurso, mas várias vertentes de estudo, conseqüentemente de produção de texto. Nesse sentido, é preciso considerar as conexões entre escrita e conhecimento em uma disciplina, bem como o papel epistemológico do último porque a escrita e o objeto da escrita não podem ser separados, e a aprendizagem da escrita disciplinar terá de ser feita em ligação com o ensino da disciplina em si.

A proposta dialógica elaborada após a análise da vivência do projeto piloto é a resposta que encontramos nas fronteiras do Projeto SESA. Provavelmente, ela poderá ser aplicada a outra comunidade acadêmica, em outra área, com outros interlocutores em tempo e espaço diferenciados e existirão novas fronteiras, em uma relação dialógica com o passado, o presente e o futuro, com a capacidade de ser interpelada pelo outro do ponto de vista ético, responsável e responsivo. Enfim, que os desígnios sejam sempre para o porvir de uma educação justa e dialógica, que não se fortifique apenas na direção do publicar ou do perecer, mas esteja sempre na fronteira de oportunizar o discente a refletir sobre ser para o outro e para si mesmo, de se sentir o centro valorativo de toda arquitetônica acadêmica e da própria existência, ocupar um lugar de interlocutor ativo na esfera da comunidade dialógica da universidade.

Referências

ANTUNES, Celso. **A Linguagem do Afeto**. Como ensinar virtudes e transmitir valores. Campinas: Papyrus, 2006.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **The dialogic imagination**: Four essays by M. M. Bakhtin. Tradução de: Emerson, C.; Holquist, M. Austin, TX: University of Texas Press, 1981.

_____. Para uma refeitura do livro sobre Dostoievski. Toward a Reward a Reworking of the Dostoevsky Book, In: **Problems of Dostoevsky's Poetics**. Appendix II, 1961, p. 283-302.

_____. Dialogic Origin and Dialogic Pedagogy of Grammar: Stylistics in Teaching Russian Language in Secondary School. In: **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 42, n. 6, 2004, p. 12-49, nov./dec. Disponível em: <<http://ematusov.soe.udel.edu/02%20Bakhtin.pdf>>. Acesso em: 25/10/2013.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de: Bezerra, Paulo. São Paulo: Martins Fontes, 2010a., p. 261-306.

_____. Reformulação do livro de Dostoiévski. In: _____. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de: Bezerra, Paulo. São Paulo: Martins Fontes, 2010a., p. 337-357.

_____. Os estudos literários hoje. In: _____. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de: Bezerra, Paulo. São Paulo: Martins Fontes, 2010a., p. 359-366.

_____. Apontamentos de 1970-1971. In: _____. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de: Bezerra, Paulo. São Paulo: Martins Fontes, 2010a., p. 367-392.

_____. Metodologia das ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de: Bezerra, Paulo. São Paulo: Martins Fontes, 2010a., p. 393-410.

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de: BEZERRA, P. São Paulo: Martins Fontes, 2010a., p .307-336.

_____. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução de: MIOTELLO, V.; FARACO, C. A. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; Volochínov, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de: Lahud, M.; Vieira, Y. F.; Wisnik, L. T.; Cruz, C. H. D. C. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

BARROS, Diana Luz Pessoa de. 2007. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: Faraco, Carlos Alberto; Tezza, Cristóvão.; Castro, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Editora da UFPR: 21-38.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Dialógica**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. In: Faraco, Carlos Alberto; Tezza, Cristóvão.; Castro, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2007, p. 141-160.

SANTOS, Eliete Correia dos. **Uma proposta dialógica de ensino de gêneros acadêmicos**: nas fronteiras do Projeto SESA. 2013, 418p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, UFPB.

SANTOS, Eliete Correia dos. Uma proposta dialógica de ensino de gêneros acadêmicos: nas fronteiras do Projeto SESA.

In.: CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA (ALFAL), 17. João Pessoa, PB, 2014. **Anais ...** João pessoa: UFPB, 2014, p. 4725-4745. Disponível em < <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1142-1.pdf>> Acesso em 14 de jan. 2016.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOUTO, Antonio. **Anatomia de um artigo**. Recife: UFPE, 2007.

A cooperação Acadêmica e a interdisciplinaridade do Projeto SESA

Eliete Correia dos Santos⁷

Em 2007, surgiram as primeiras discussões para a cooperação acadêmica do curso de Arquivologia da UEPB com a Universidade do Porto (UP). No ano seguinte, por ocasião do I Fórum Internacional de Arquivologia – FINARQ, organizado pelo curso de Arquivologia da UEPB, houve uma reunião entre o corpo docente de nossa instituição e o representante da UP. Como acontece em várias universidades brasileiras, em nossa situação não foi diferente, talvez por pura falta de informação e/ou convencimento das instâncias decisórias sobre o que seria e qual o objetivo do chamado processo de internacionalização, ao qual as Instituições de Ensino Superior (IES) se lançariam, o processo foi demorado e o acordo de cooperação entre as IES só foi assinado em 2012.

Essa ausência de compreensão institucional do processo gerou o que poderíamos chamar de uma reação instrumental dos departamentos que internacionalizam em decorrência de ações individuais de professores e pesquisadores com laços

7 Doutora em Linguística / Docente do Curso de Arquivologia do Campus V – UEPB / Coordenadora-geral do Projeto SESA.

acadêmicos internacionais, colocando-se a adenda em prática, mesmo antes de ter formalizado o processo documental. Claro que não podemos enxergar nisso nenhum ato heroico de professor e/ou departamento, visto que é normal e cabe mesmo ao pesquisador ter laços com professores de instituições internacionais, porém, do ponto de vista de políticas públicas, a Universidade Estadual da Paraíba precisa avançar com mais estudos de viabilidade e também do reconhecimento de áreas que não estão entre as prioritárias. Evidente que a UEPB tem potencial, como é o caso da Arquivologia que trata de patrimônio e gestão documental, podendo oferecer experiências e receber alternativas que podem mudar a burocracia brasileira e dar celeridade aos trâmites documentais.

Assim, reconhecendo o esforço da UEPB, o Acordo de cooperação (2012) tem como objetivo fundamental estabelecer uma cooperação acadêmica, científica e cultural entre as duas universidades, em campos de comum interesse:

- a. Realizar pesquisas em campos específicos, delimitados oportunamente em adendas;
- b. Fazer intercâmbio de estudantes e de docentes das duas instituições, visando às suas qualificações acadêmicas e profissionais;
- c. Participar de candidaturas a programas de caráter internacional com vista à intensificação das relações de cooperação, nomeadamente, ao nível da mobilidade de estudantes, investigadores e docentes;
- d. Promover, executar, divulgar estudos, projetos e atividades afins;
- e. Organizar e realizar seminários, encontros, reuniões, painéis e outros eventos;

- f. Facilitar a permuta de periódicos, de trabalhos e resultados científicos, necessários ao desenvolvimento das pesquisas que em conjunto venham a desenvolver-se.

A adenda (2012) apresenta por finalidade o estreitamento dos vínculos já estabelecidos entre a UEPB e a UP, cujo objetivo é estabelecer o intercâmbio de experiências e de pessoal no campo da investigação na área de Ciência da Informação e da Arquivologia:

- Projetos de investigação conjuntos;
- Intercâmbio de alunos da graduação no período máximo de um ano;
- Intercâmbio de investigadores;
- Conferências, seminários, cursos intensivos, visitas técnicas, reuniões de investigações, colaboração ou realização de pós-graduação conjunta;
- Promoção conjunta de evento científico;
- Elaboração de publicações conjuntas em qualquer suporte.

O projeto SESA buscou desde o início colocar em prática a agenda com lançamento de livros de professores das duas instituições e a participação de professores na comissão científica do projeto. Basicamente, cada membro desenvolve duas funções: avaliar textos dos alunos e colaborar com um artigo no livro da comissão científica. A UP foi a primeira parceira do projeto, depois outras vieram agregar valor e este conta com a participação de quatro instituições lusofônicas e 8 nacionais, sendo que na UEPB participam professores de três departamentos e Campus (I, V e IV) diferentes:

Quadro 1 – Instituições Cooperadas no Projeto SESA.

COOPERAÇÃO ACADÊMICA DO SESA	INSTITUIÇÕES
Instituições lusofônicas	Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão – ESEIG – Ciência da Informação
	Universidade do Porto – UP – Curso de Ciência da Informação
	Instituto Politécnico do Porto – IPP – Curso de Ciência da Informação
	Universidade de Coimbra – UC – Curso de Ciência da Informação
Instituições brasileiras	Universidade de Brasília – UnB – Curso de Arquivologia
	Universidade de São Paulo – IEB/ECA/USP – Curso de Especialização em Organização de Arquivos
	Universidade Estadual de Londrina – UEL – Curso de Arquivologia
	União de Ensino Superior de Campina Grande – UNESC – Curso de Administração
	Instituto Campinense de Ensino Superior – ICES – Curso de Administração
	Universidade Estadual da Paraíba – UEPB-Letras – Catolé do Rocha
	Universidade Regional do Cariri – URCA – Curso de Letras
	Universidade Estadual da Paraíba - UEPB – Curso de Arquivologia
	Universidade Estadual da Paraíba UEPB – Letras-EAD
	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – Curso de Biblioteconomia
Universidade Federal Fluminense - UFF – Curso de Arquivologia	

Fonte: Santos (2013)

O debate sobre aspectos teóricos e metodológicos que inter-relacione as diversas disciplinas e mais, que proporcione uma discussão internacional sobre um tema é significativo para qualquer área do conhecimento. No caso específico da

linguística e dos gêneros acadêmicos, isso tem se verificado como algo produtor.

A interlocução tem se mostrado constante em muitos trabalhos desenvolvidos em várias universidades, no entanto percebemos que a cooperação acontece entre o professor de linguagem e o professor da disciplina específica, não extrapolando os muros da própria universidade de que são oriundos.

Parece-nos uma prática comum a revisão de textos por especialistas no âmbito da pós-graduação. O inovador é tratar da problemática no âmbito da graduação e para tanto propomos uma discussão não mais regional e sim de âmbito nacional e internacional. Quando colocamos os textos de alunos, como os do projeto SESA, para serem avaliados por um grupo de professores de Portugal e/ou de outras regiões do país, estamos deflagrando esse processo que no nosso entender deve se tornar uma rede de interlocução, cooperando sob uma abordagem interdisciplinar. Um verdadeiro projeto de cooperação entre cientistas ligados à área de linguagem e informação podendo, a partir desse ponto, gerar pesquisas sobre questões como problema de gênero acadêmico ou de temáticas específicas da área.

Assim, pensamos que as pesquisas colaborativas devem promover não apenas a cooperação entre cientistas da área de informação e linguagem, mas podem ser transportadas para as diversas áreas do conhecimento, beneficiando, por exemplo, os diversos cursos de nossa universidade em particular e intercambiando experiências com outras universidades pelo mundo, tornando a cooperação com membros da comunidade local e não local, também, em uma dimensão transdisciplinar.

Confessamos aqui a inquietude enquanto profissionais ligadas à linguagem e à informação, sobretudo no concernente a nosso fazer como professora e pesquisadora. Perguntas instigantes nos sondam: o que o aluno de arquivologia aprende e apreende? Por que e para quê? Quem é e será esse profissional,

quais os seus discursos? Tantas perguntas mediam atividades de um profissional, tendo em vista determinado objeto. Isso, a nosso ver, sugere concepções e ferramentas de aprendizagem que vislumbram múltiplas determinações, assim é preciso dialogar e para a conversação não poderíamos nos furtar em chamar grandes colaboradores, silenciados outros tantos discursos coerentes e esclarecedores sobre a área em questão.

Como fruto desse projeto, publicamos dois livros: um deles é a coletânea dos textos dos alunos, como forma de motivar a funcionalidade do processo de escrita, conseqüentemente dos (multi)letramentos que o aluno precisa desenvolver para ver o produto resultado de um processo que extrapolou os limites da sala de aula e, por meio da tecnologia, estabelece cooperação com professores de universidades diferentes.

O outro se refere às contribuições dos professores cooperados e/ou colaboradores do SESA. O nosso preceito metodológico indicava que a discussão deveria ser transdisciplinar, objetivando pensar o fenômeno informação e formação do arquivista de modo global. Para tanto, não mais importante do que a primeira parte do livro, constituiu-se a segunda parte em que o foco investigativo é a produção escrita universitária. E nesse momento cabe a pergunta: Pode qualquer estudante, de qualquer área, não saber dizer e escrever sobre o dito? Que recursos estão disponibilizados nas instituições de ensino superior?

Depois destas publicações conjuntas, em 2017, cinco obras estão sendo lançadas. A primeira trata dos trabalhos dos alunos do segundo período da UEPB, *Seminários De Saberes Arquivísticos (Sesa): Interfaces do Aprendizado na Universidade*, cuja intenção é dar continuidade e incentivo para a escrita na universidade e para a iniciação científica; o segundo *Pesquisa em Arquivologia: Fronteiras e Perspectivas Epistemológicas apresenta* discussões de como áreas do saber aparentemente estranhas entre si podem estreitar o diálogo com vistas a uma verticalização

da investigação de seus objetos. Muito mais que divergências, os textos evidenciam os pontos de contato entre teorias da linguagem, como a Teoria Dialógica do Discurso proveniente do pensamento de Bakhtin e Volochínov, e a Arquivologia. Em comum, ambas têm na relação ciência, linguagem/comunicação e sujeito – este sempre concebido como social, histórico, concreto e singular – o lugar de ancoragem para uma inovadora reflexão científica.

O terceiro segue a mesma ideia do livro produzido em 2013. Um conjunto de textos atemáticos que dá uma visão dos que os professores/pesquisadores vem desenvolvendo nas universidades que estão inseridos. O diálogo aponta para uma perspectiva de refletir sobre as várias temáticas em Ciência da Informação e Arquivologia.

O quarto *Seminário de Saberes Arquivísticos – SESA INTERCÂMBIO: a cooperação acadêmica e mediações* é o resultado das discussões realizadas em 2013, no Porto e, em 2015, em Coimbra. Após lançamento dos livros em Portugal, resultado da pesquisa de seus professores, resolvemos fazer o SESA INTERCÂMBIO, com textos dos alunos das cinco instituições (UEPB, UFPB, UP, IPP, UC) com data prevista em 2017, em João Pessoa. O quinto livro é este que retrata os pressupostos da proposta de ensino, pesquisa e extensão e relata a memória de dez anos do projeto SESA.

Por meio do ensino da leitura e da escrita acadêmica, o SESA procura auxiliar os alunos para superar os obstáculos enfrentados para se adaptarem à linguagem de comunidades discursivas de nível universitário, e almeja que eles possam participar ativamente nesse novo ambiente. Há uma vontade de apresentar uma cultura incluyente aos estudantes em discursos de nível universitário, através de intervenções centradas no desenvolvimento de competências linguísticas em contextos disciplinares. Assim, mediante as reflexões de Bakhtin e o Círculo, buscamos articular

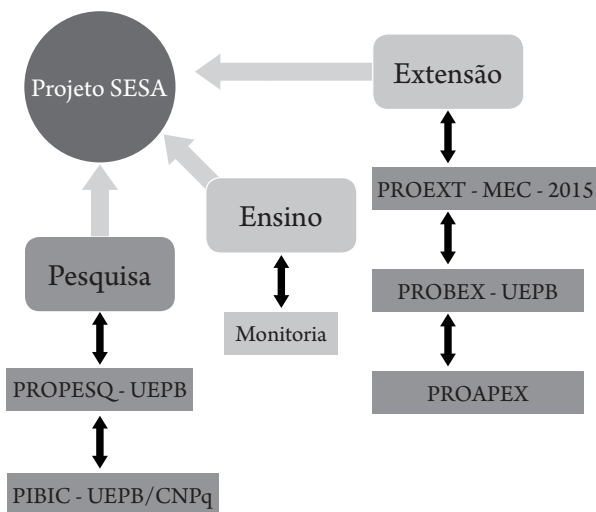
o ensino e a aprendizagem da escrita na universidade em conexão com a construção de conhecimento disciplinar, para isso a equipe de professores é composta por uma linguista, um professor de Metodologia Científica e especialistas em Arquivologia.

Como objeto de pesquisa e de ensino, o SESA é baseado em uma perspectiva que defende a busca constante de conhecimento e nos leva a considerar as especificidades das disciplinas acadêmicas, e tendo em conta o ensino ou a pesquisa, obrigando-nos a articular a análise dos conteúdos temáticos e da escrita com os vários espaços institucionais de produção do discurso, espaço acadêmico com os de pesquisa científica. Dentro desse contexto, na relação complexa entre a escrita universitária, conhecimento e *know-how* adquiridos nas áreas, encontra-se a apropriação para localizar as intervenções pedagógicas. E, portanto, uma questão de apoiar os nossos alunos, através de transição para o letramento acadêmico, pois não há um comum para todas as disciplinas e compreensão de tipos de discurso, mas várias vertentes de estudo, conseqüentemente de produção de texto. Nesse sentido, é preciso considerar as conexões entre escrita e conhecimento em uma disciplina, bem como o papel epistemológico da área que o tema será desenvolvido porque a escrita e o objeto da escrita não podem ser separados, e a aprendizagem da escrita disciplinar terá de ser feita em ligação com o ensino da disciplina em si.

O projeto SESA, desde 2014, vem sendo submetido a vários editais de pesquisa e extensão a fim de conseguir recursos para a sua realização e bolsas para os alunos da UEPB. Atualmente, ele está cadastrado PROEXT-MEC- 2015, proposta aprovada com recurso. Essa proposta é a mais abrangente, pois articula a cooperação acadêmica, o ensino, pesquisa e extensão. Dois subprojetos contemplado no PROBEX e um no PROAPEX (sem recurso).

Quanto à pesquisa, o projeto Linguagem, Cultura e Memória: Investigando as Fronteiras do Projeto SESA está em andamento, recebeu recurso do PROPESQ-UEPB e contempla ações do PIBIC. A respeito do ensino, estende ações com o programa de monitorias da UEPB. Assim, articula ações de pesquisa, ensino e extensão, como se observa no gráfico a seguir:

Figura 1: Dimensões de ensino, pesquisa e extensão do Projeto SESA



Fonte: Elaboração própria (2017)

A filosofia do SESA é pautada na diversidade de ações e aberta às parcerias entre as instituições e seus professores. Como perspectivas futuras, o projeto SESA, inicialmente, já esboçava ações que podiam ser institucionalizadas. A diretriz interdisciplinaridade do projeto foi inspirada no modelo estrela descrito por Bursztyn (2005):

Figura 2 – Modelo em Estrela de Bursztyn (2005) – Esquema Simplificado.

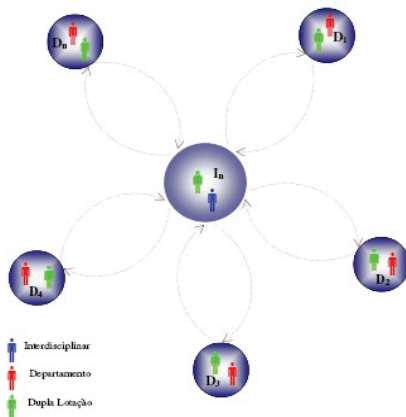


Figura 1 –Modelo Estrela - Esquema Simplificado

Fonte: Bursztyn (2005 apud SANTOS, 2013)

O modelo Estrela apresenta um padrão geral de estruturação da universidade brasileira. Sem interferir na dinâmica consolidada dos departamentos disciplinares – D_s – e das suas formas de aglutinação funcional (faculdades, institutos ou centros) – C_s – as unidades interdisciplinares – I_s – estariam situadas em outro plano organizacional.

Para o projeto SESA, o ponto essencial do Modelo em Estrela é a proposição em ligações entre as unidades disciplinares. Estas, por sua vez, devem ser formadas pela aglutinação de dois tipos de docentes e pesquisadores:

um conjunto nuclear de profissionais (“core”) com perfil e experiência no tema-objeto, vinculados essencialmente e por longo prazo ao Programa; e membros de departamentos disciplinares que, embora identificados com a natureza e foco dos trabalhos, não deixam seus

departamentos. Nesse caso, há uma “dupla lotação”, mediante a qual as atividades de cada um se dividem entre a prática disciplinar (em torno de objetos que são tributários e passíveis e integração com os objetos interdisciplinares) e a vinculação parcial e não necessariamente perene aos trabalhos da unidade interdisciplinar. (BURSZTYN, 2005, p. 49).

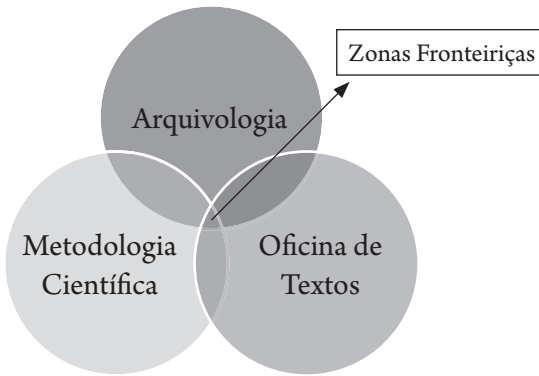
A postura sugerida pelo projeto interdisciplinar SESA corrobora com o que foi proposto por Floriani (1998) em que o autor relata as etapas de interdisciplinares. A primeira escala seria o saber específico do profissional e, na segunda, espera-se que, para cada uma das diferentes percepções e contribuições disciplinares, lhes sejam desenvolvidas outras intuições, percepções e conhecimentos, produzidos por essa construção coletiva em torno de um problema comum de pesquisa.

O modelo de interdisciplinaridade proposto no projeto SESA está representado a seguir. Trata-se de um modelo inovador se levássemos como exemplo o modelo de Jantsch e Bianchetti (1995), já que, como resultado desse modelo, um único texto, escrito, analisado, reescrito, é corrigido por no mínimo três professores. As reflexões linguísticas e temáticas são partes de um único discurso que será formado pelo aluno em uma fronteira dos diversos saberes das disciplinas.

Em uma compreensão interdisciplinar, há uma integração dos respectivos domínios linguísticos de cada disciplina. Essa integração é permitida, facilitada e orientada pela existência de uma temática comum a todas as disciplinas, com a qual elas deverão observar o objeto. Como resultado desse modo de produção continua tendo-se a a contribuição e avaliação de três professores para o mesmo texto, porém cada um refletindo, mediante sua realidade, sobre o aspecto linguístico e temáticos das disciplinas envolvidas, cujo modo exige a cooperação e a coordenação entre

elas. A proposta é inovadora, ao se tratar do ensino de gêneros acadêmicos, por trabalhar em um tripé: linguagem, metodologia e arquivologia, com o propósito de produzir conhecimento, diferenciando-se de muitas experiências que postulam o par linguagem/disciplina de conhecimento específico.

Figura 3 – Modelo interdisciplinar do SESA.



Fonte: Santos (2013)

O ponto principal da concepção de interdisciplinaridade do Projeto SESA é definida, a partir de Bakhtin, de Zonas Fronteiriças. Acredita-se que as demarcações de cada disciplina contribuem para entender o objeto multifacetado, com vários pontos de vista. É justamente nas zonas fronteiriças de cada disciplina em relação à outra que a dimensão da cooperação atua, respeitando o conhecimento epistemológico e metodológico utilizado em cada uma delas. Nas zonas fronteiriças de integração, há abertura para o diálogo sem que isso implique abandono da identidade disciplinar originária.

Nenhuma corrente científica é total, e nenhuma corrente se manteve em sua forma original e imutável. Não houve uma única época na ciência em que tenha existido apenas uma única corrente [...] Não se pode nem falar de ecletismo: a fusão de todas as correntes em uma única seria mortal para a ciência. [...] Quanto mais demarcação, melhor, só que demarcações benevolentes. Sem brigas na linha de demarcação. Cooperação, existência de zonas fronteiriças (nestas costumam surgir novas correntes e disciplinas). (BAKHTIN, 2010, p. 372).

Para compreender o conceito de zonas fronteiriças, é necessário que os profissionais envolvidos no processo de criação e implantação de grades curriculares baseadas na interdisciplinaridade e na resolução de problemas reflitam sobre a sua própria formação disciplinar e dialoguem sistemática e continuamente com os profissionais de outras áreas, com a intenção de produzir conhecimento teórico e empírico que possa orientar e alimentar as transformações requeridas nos currículos de cursos de graduação e, mais do que isso, seja modelo de atuação coletiva para os graduandos que estão inseridos nesse processo.

Por fim, o desafio é grande para qualquer instituição, pois ter uma atitude interdisciplinar implica valores e reconhecimento pessoal dos membros em relação ao seu saber, as suas limitações e as perspectivas para o novo. Parafraseando Fazenda (1992), uma atitude interdisciplinar é uma atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo. É uma atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes.

Referências

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução de: MIOTELLO, V.; FARACO, C. A. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BURSZTYN, M. A institucionalização da interdisciplinaridade e a universidade brasileira. **Liinc em Revista**, v. 1, n. 1, p. 38-53, março 2005.

FAZENDA, I. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** 2. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

FLORIANI D. Interdisciplinarity: teoría y práctica en la investigación y la enseñanza. **Form Amb**, v. 10, n. 23, 1998.

JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (Org.). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis: Vozes; 1995.

SANTOS, Eliete Correia dos. **Uma proposta dialógica de ensino de gêneros acadêmicos: nas fronteiras do Projeto SESA**. 2013, 418p. Tese (Doutorado) – Doutorado em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, UFPB.

UEPB – UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA;
UNIVERSIDADE DO PORTO – UP. **Acordo de cooperação entre a Universidade Estadual da Paraíba e a Universidade do Porto**. Mimeo: [s.l.], 2012.

Parte II

**Caminhos de Ensino,
Pesquisa e Extensão**

Ensino e letramento no Curso de Arquivologia: relatório do PIBIC

*José Janduy dos Santos Filho*⁸
*Jefferson Higino Da Silva*⁹
*Ramon de França Magalhães*¹⁰
*Cleber Ferreira Silva*¹¹

Resumo

O intuito deste relatório é apresentar o resultado do projeto de iniciação à pesquisa - PIBIC – Cota 2014/2015, cujo objetivo geral é analisar a aplicabilidade de uma proposta teórico-metodológica de ensino de gêneros acadêmicos, vivenciada na Universidade Estadual da Paraíba, à luz dos preceitos de Bakhtin e do Círculo quanto às Ciências Humanas, ao discurso de outrem na fronteira da interação verbal e ao próprio ato responsável na universidade e na vida. Considerou-se a utilização de método de

8 Arquivista egresso da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB / Bolsista PIBIC – UEPB/CNPq – Cota 2014/2015.

9 Arquivista egresso da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB / Bolsista PIBIC – UEPB/CNPq – Cota 2014/2015.

10 Arquivista egresso da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB / Bolsista PIBIC – UEPB/CNPq – Cota 2014/2015.

11 Discente do Curso de Arquivologia da UEPB / Bolsista PIBIC – UEPB/CNPq – Cota 2014/2015.

base qualitativo-interpretativista que aprecia a complexidade do real e da interdisciplinaridade. A complexidade do real significa perceber as ligações, interações e implicações mútuas de fenômenos multidimensionais e de realidades confrontantes. Algumas ações estão em andamento quanto à aplicabilidade das diretrizes de ensino do projeto SESA, tais como a investigação da escrita dos gêneros acadêmicos nos cursos de Arquivologia da UEPB; revisão dos princípios de linguagem que nortearam a proposta de ensino à luz das ideias de Bakhtin e do Círculo; análise da organização de gêneros acadêmicos na modalidade oral e escrita realizada pelos discentes. Os dados comprovam que a escrita acadêmica precisa ser ensinada para que o aluno possa se adaptar e se inserir na cultura que faz parte. As diretrizes traçadas e o esquema Estrela de DAVI traçadas por Santos (2013) apontam ser eficazes no processo de planejar e escrever o gênero acadêmico, tendo como resultado o artigo, o seminário ou mesmo a monografia. Quanto à vivência com as novas tecnologias, as pesquisas demonstram que ainda há uma dificuldade com o uso de blog e do Moodle, por isso se faz necessária a intensificação no ensino presencial de ferramentas digitais. Quanto à comunidade no Facebook, observa-se que há uma relação mais facilitada de uso da ferramenta, embora seja frequente mais para avisos do que realmente de interação do conteúdo temático estudado. Conclui-se que é importante compreender como a linguagem acadêmica é organizada; mas também observar todo o processo de interação verbal que se dá ao desenvolver uma prática pedagógica, cujos conteúdos temáticos são da Arquivologia e/ou Ciência da Informação. Nesse sentido, consideramos a necessidade de se fazer uma abordagem pedagógica, linguística, crítica e política, razão suficiente para desenvolver um trabalho interdisciplinar de abordagem qualitativa fundamentado na observação das ações, na intervenção e na reflexão do universo acadêmico.

Palavras-chave: Linguagem. Gêneros Acadêmicos. Projeto SESA.

1 Introdução

A organização do projeto de pesquisa **Linguagem, Cultura e Memória: investigando as fronteiras do Projeto SESA** é baseada em três aspectos: os gêneros acadêmicos orais e escritos; o desenvolvimento acadêmico e o letramento digital; o uso de redes sociais e Ambiente de Aprendizagem (AVA) para auxiliar a construção integral de práticas sociais na e da Universidade.

A atividade da escrita provém de uma necessidade de comunicação e com isso podemos afirmar que hoje é tão necessário como sobreviver. Aliás, é a escrita uma modalidade de sobrevivência, sem que erremos nessa afirmativa, observamos a angústia dos alunos da rede de Ensino Médio ao enfrentarem as edições de redação do Enem¹², cuja maior pontuação é concentrada na produção de um texto dissertativo. Essa necessidade de produção escrita acentua-se ainda mais na universidade, centro de pesquisa e de contestação crítica nas áreas de conhecimento.

Na Universidade Estadual da Paraíba, encontramos vários cursos de graduação com a inserção de disciplinas eletivas e obrigatórias que, em suas ementas, tentam instrumentalizar os métodos de produção dos gêneros acadêmicos, sendo os principais: resumos, fichamentos, resenhas, artigos e ensaios científicos e a monografia, gênero maior que encerra a graduação. Esses gêneros são o reflexo da prática das leituras e pesquisas realizadas por professores e alunos durante o estado de inserção de projetos de pesquisa.

No entanto, o contexto educacional de nosso país não é eficaz na aquisição de língua em se tratando de domínio da norma culta, o padrão de escrita é estabelecido pela gramática normativa, e, na realidade dos alunos que atingem o curso superior, notamos um déficit em conhecer as regras básicas da escrita

12 Exame Nacional do Ensino Médio

para não falar em faltas com a coesão e coerência na produção dos gêneros acadêmicos. Esse drama tem causado sérias dificuldades na produção de bons trabalhos e na qualidade da pesquisa dentro das universidades.

Nesse contexto, uma das maneiras de reagir a ele é a passagem do aluno por disciplinas que tematizam a produção e aplicabilidade da escrita, entretanto ainda não é suficiente para superar o problema. Desta maneira, surge o projeto SESA, Seminário de Saberes Arquivísticos, um projeto de extensão e pesquisa que procura orientar, habilitar e incentivar a produção dos gêneros acadêmicos entre os alunos do curso de bacharelado em Arquivologia da UEPB, Campus V, em João Pessoa, Paraíba. A proposta está sendo bem aceita há 10 anos e desenvolve abordagens para que os alunos sintam-se à vontade com a produção de textos.

Em virtude de ainda dá o suporte de letramento acadêmico é também no projeto SESA que é aplicada a teoria de Mikhail Bakhtin, pensador russo de literatura que durante os anos da guerra fria notabilizou-se em formular e reformular abordagens em torno do discurso e de suas manifestações em textos e nas ações orais. Bakhtin (1992) consagrou-se em seus estudos como um filósofo da linguagem e procurou ir mais avante ao que tange a língua, linguagem e interação do que outras correntes de estudo sobre linguagem tentou ousar, contrapondo postulações do estruturalismo e da escola de Praga. Para ele, a linguagem é algo vivo e corrente, não estático e submisso a convenções contextuais e culturais, mas parte integrante destas.

Nesse aspecto, podemos enumerar que uma das partes deste projeto é investigar o progresso da atividade escrita dos alunos do curso de Arquivologia, atentando para sua adequação às normas cultas da língua, adaptando-se ao rigor da pesquisa acadêmica e aplicando os conceitos bakhtinianos na superação de sua dificuldade e no fim de seu medo em produzir.

Além da preocupação escrita, o desenvolvimento da linguagem especialmente do gênero oral sempre foi uma questão muito debatida por toda a sociedade. A questão da fala foi a grande revolução do mundo, desenvolvendo assim as outras formas de comunicações de sinais e braille. Trazendo e desenvolvendo essas práticas de comunicações e linguagem será enfocado especialmente o gênero acadêmico, fazendo parte de toda a trajetória de alunos.

Segundo Veiga (2002), um dos gêneros mais usados na graduação é o seminário, pois oferece condições para o desenvolvimento da investigação, da crítica e da independência intelectual dos alunos. A caracterização do problema está na dificuldade dos discentes apresentarem o seminário. Essa dificuldade vem desde o Ensino Fundamental em que é pouco ou raramente abordado esse gênero, e assim ficando a desejar.

Essa questão de construir e apresentar um seminário só tende a piorar o desenvolvimento acadêmico, assim muitas vezes o professor da universidade precisa ministrar oficinas relacionadas à introdução/desenvolvimento de seminários com intuito de auxiliar os alunos, visto que eles apresentam muitas dificuldades na execução do texto.

Assim, por meio desse trabalho, analisamos a organização de gêneros acadêmicos na oralidade, observando as características temáticas, composicionais e linguísticas desenvolvidas nos seminários apresentados pelos alunos do 1 e 2 períodos de 2014.2 do Curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba, fazendo com que possamos ajudar futuros alunos nas apresentações desse e outros gêneros orais.

O processo de escrita e leitura na universidade deve estar diretamente relacionado ao crescente avanço das tecnologias da informação e comunicação (TICs), que provocam mudanças importantes nas formas de pensar, de agir e de se comunicar. As TICs oferecem recursos para favorecer e enriquecer as aplicações

e os processos, principalmente na área de educação; sendo assim, a adoção dos recursos dessas tecnologias para o processo de ensino-aprendizagem abre novas possibilidades para complementar a educação.

A internet associada às tecnologias *Web 2.0* faz parte do nosso cotidiano e é um propulsor de modificações importantes no comportamento, aprendizagem e forma de produção de conhecimento dos alunos. O constante avanço dos recursos das TICs possibilita o acesso a diferentes informações que estão na rede. As ferramentas *Web 2.0*, como as redes sociais, possibilitam diversas oportunidades para criação de um ambiente de aprendizagem ativo, eficaz e envolvente. Os *softwares* sociais representam ampla competência de comunicação e conexão social, que permite uma transição de informações de escala considerável. Esse volume de informações está distribuído em diversos assuntos, como notícias, curiosidades, vídeos, aplicativos, jogos, dicas do cotidiano e também o dia-a-dia dos usuários.

Desse modo, os gêneros só podem ser pensados a partir da dimensão espacial e temporal e devem ser pensados como uma ação de manifestação cultural específica, de acordo com a esfera de uso, num *continuum* relacional e dialógico, como acontece em uma rede social, a exemplo do *Facebook*, ou de um *blog*.

Hoje, o crescente número de informações produzidos no meio digital vem aumentando muito, e o meio mais rápido de acesso à informação é através das mídias digitais. Com o avanço tecnológico os modos de comunicação, a realização de práticas administrativas, entre outras tarefas, se modificam graças à tecnologia e um dos meios mais usados é a ferramenta Moodle.

A ferramenta Moodle tem muitas utilidades, por isso muitas instituições de ensino superior e centros de formação estão adaptando a plataforma aos próprios conteúdos, com sucesso, não apenas para cursos totalmente virtuais, mas também como apoio aos cursos presenciais. A plataforma também vem sendo utilizada

para outros tipos de atividades que envolvem formação de grupos de estudo, treinamento de professores e até desenvolvimento de projetos, muito usado também na Educação à distância.

Desse modo, o projeto foi organizado em quatro subprojetos relatados a seguir, com seus respectivos bolsistas e, adiante, resultados:

1. **O Uso das Tecnologias na Universidade: a vivência do Projeto SESA no Moodle** - Orientando: José Janduy dos Santos Filho
2. **Linguagem, Cultura e Memória Acadêmica: auxiliando o saber em Oficina de Texto** - Orientando: Jefferson Higino Da Silva
3. **Linguagem e Cultura no Projeto SESA: investigando os gêneros acadêmicos orais** - Orientando: Ramon de França Magalhães
4. **Linguagem, Cultura e Memória: os artigos em Arquivologia** - Orientando: Cleber Ferreira Silva

2 Objetivos

O objetivo geral é analisar a aplicabilidade de uma proposta teórico-metodológica de ensino de gêneros acadêmicos, vivenciada na Universidade Estadual da Paraíba, Universidade do Porto-PT, Universidade de Coimbra-PT, Instituto Politécnico do Porto-PT à luz dos preceitos de Bakhtin e do Círculo quanto às Ciências Humanas, ao discurso de outrem na fronteira da interação verbal e ao próprio ato responsável na universidade e na vida.

A seguir, apresentamos os objetivos de cada subprojeto:

1. **O Uso das Tecnologias na Universidade: a vivência do Projeto SESA no Moodle**
 - Analisar a participação dos discentes quanto a aspectos relativos às competências pedagógico-digitais

necessárias ao trabalho na modalidade EaD, via plataforma Moodle.

2. Linguagem, Cultura e Memória Acadêmica: auxiliando o saber em Oficina de Texto

- Discutir sobre o conceito de cultura e memória acadêmica e as exigências normativas de escrita de um texto acadêmico.

3. Linguagem e Cultura no Projeto SESA: investigando os gêneros acadêmicos orais

- Analisar a organização de gêneros acadêmicos na modalidade oral, investigando os gêneros orais e escritos, observando as características temáticas, composicionais e linguísticas de gêneros orais.

4. Linguagem, Cultura e Memória: os artigos em Arquivologia

- Analisar as produções de artigos acadêmicos realizada pelos alunos do curso de bacharelado em Arquivologia na UEPB, em especial, as fases de produção, estruturação e relevância das produções, tentando sanar dificuldades manifestadas pelos alunos e com isso buscar incentivar a publicação dos referidos trabalhos e abater o temor no que se refere à escrita de textos acadêmicos.

3 Metodologia

Considerou-se a utilização de método de base qualitativo-interpretativista que aprecia a complexidade do real e da interdisciplinaridade. A complexidade do real significa perceber as ligações, interações e implicações mútuas de fenômenos multidimensionais e de realidades confrontantes. Algumas ações estão em andamento quanto à aplicabilidade das diretrizes de ensino do projeto SESA, tais como a investigação da escrita

dos gêneros acadêmicos nos cursos de Arquivologia da UEPB, de Ciência da Informação da UP, UC e IPP¹³; revisão dos princípios de linguagem que nortearam a proposta de ensino à luz das ideias de Bakhtin e do Círculo; análise da organização de gêneros acadêmicos na modalidade oral e escrita realizada pelos discentes.

A seguir, descrevemos a metodologia utilizada em cada subprojeto:

1. O Uso das Tecnologias na Universidade: a vivência do Projeto SESA no Moodle

Trata-se de uma pesquisa qualitativa cujo *corpus* é formado por cursos ministrados no AVA (ambiente virtual de aprendizagem) e fóruns no blog do projeto. A utilização de método de base qualitativo-interpretativista considera a complexidade do real e da interdisciplinaridade.

2. Linguagem, Cultura e Memória Acadêmica: auxiliando o saber em Oficina de Texto

Trata-se de uma pesquisa participante, na qual se investiga a interação verbal na comunidade do *Facebook* “Articulando o Saber em Oficina de Texto”.

3. Linguagem e Cultura no Projeto SESA: investigando os gêneros acadêmicos orais

Trata-se de uma pesquisa qualitativa na qual buscamos analisar cinco seminários, realizados durante a visita in loco na sala de aula relacionado ao projeto PIBIC, na Universidade Estadual da Paraíba no ano de 2014 e 2015.

Tivemos como instrumento a observação crítica relacionada à apresentação dos seminários da disciplina de Oficina de texto I e II, sendo das turmas do primeiro e segundo períodos do curso de Arquivologia 2014.2. Observação não participativa e

13 UP – Universidade do Porto; UC – Universidade de Coimbra; IPP – Instituto Politécnico do Porto.

anotações feitas pelo próprio autor mediante a apresentação dos seminários pelos grupos.

4. Linguagem, Cultura e Memória: os artigos em Arquivologia

A maneira como é realizado este trabalho é por leitura dos artigos dos alunos seguida da seleção dos mesmos, cujos descritores são de seleção são aspectos formais de adequação ao gênero acadêmico artigo: 1. Norma padrão da língua; 2. Categorizado na estrutura de artigo; 3. Relevância da pesquisa para a academia e 4. Comprometimento do autor com o que foi por ele tratado, pesquisado para ser encaminhado para uma posterior publicação.

A leitura e os comandos de critérios mencionados são os descritores considerados para constar na análise de cada artigo, pois ao ser uma pesquisa com foco qualitativo no relatório final serão apresentados quadros com os principais textos classificados e com destaque aos elementos encontrados que possibilitaram sua indicação e enquadramento ao gênero artigo.

4 Resultados

Alguns resultados foram alcançados e elencados, também, por subprojetos:

4.1 O Uso das Tecnologias na Universidade: a vivência do Projeto SESA no Moodle – Orientando: José Janduy dos Santos Filho

As tecnologias contemporâneas de informação e comunicação têm sido cada vez mais empregadas, sob perspectivas diversas, nos processos de formação profissional praticamente em todos os segmentos de atividade humana. Essa é, também, uma realidade observada nos cursos de formação de profissionais

da educação (ALMEIDA, 2004; BELLONI, 2001; MORAN, 2009), fato que requer nossa atenção, sobretudo, pelo potencial favorecimento que o emprego apropriado dessas tecnologias pode trazer ao processo de ensino e aprendizagem e, consequentemente, aos seus sujeitos. Essas tecnologias vêm modificando a forma pela qual os seres humanos estão se relacionando entre si e com o seu meio. A intensificação da interatividade, o encurtamento das distâncias espaciais e a transposição de obstáculos temporais são realidades vivenciadas atualmente pelos sujeitos que se apropriam efetivamente desses recursos.

A ferramenta Moodle é um software livre de apoio à aprendizagem, executado em um ambiente virtual. Constitui-se em um sistema de administração de atividades educacionais destinado à criação de comunidades on-line, em ambientes virtuais voltados para a aprendizagem colaborativa. Permite, de maneira simplificada, a um estudante ou a um professor integrarem-se, estudando ou lecionando, num curso on-line à sua escolha e poderá também ter acesso a todo material que seja disponibilizado pelo professor, além de debater o tema tratado em fóruns de discussão, tirar dúvidas via mensagens, entre vários recursos e que a ferramenta Moodle disponibiliza. Outra tecnologia de acesso à informação e comunicação usada foi o *blog* sobre gêneros acadêmicos¹⁴.

A utilização de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), alicerçada pelos recursos tecnológicos digitais de informação e comunicação, principalmente a rede mundial de computadores, é uma realidade que vem se concretizando no Brasil sob o amparo de orientações legais sobre o tema, como as dispostas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LEI 9.394/96).

14 Conferir: <<http://generosnoensinosuperior.blogspot.com.br/>>

Nesse novo cenário, uma ferramenta tecnológica digital, livre e gratuita, que está se firmando como instrumento de apoio no processo de formação de professores, principalmente na dinâmica da Educação a Distância, é o ambiente virtual de aprendizagem Moodle. As abordagens dadas aos usos de ambientes virtuais de aprendizagem vêm se constituindo em significativo campo de estudo (ALMEIDA, 2003; MESSA, 2010) frente à reconfiguração da promoção de Educação a Distância via internet.

Vários aspectos corroboram para a tomada de ambientes virtuais de aprendizagem, como o Moodle, em processos didáticos e pedagógicos na sociedade do conhecimento, como a denominou Castells (2003), entre eles, possibilidade de ampliação da sala de aula e do espaço de estudo para além do encontro entre aprendizes e professores em um tempo e espaço fisicamente determinados; proporcionar um aumento significativo do número de pessoas que possam vir a ser atendidas por essa estratégia, com um custo relativamente mais baixo do que nos moldes tradicionais de ensino; foco no estabelecimento de uma aprendizagem mais dinâmica e colaborativa.

Diante da dinâmica intensa que caracteriza os processos de geração, de divulgação e de uso do conhecimento, torna-se imprescindível aos sujeitos, de algum modo, recorrer às tecnologias contemporâneas digitais de informação e comunicação para o desempenho de seus vários papéis sociais, principalmente como condição básica para a permanência no mercado de trabalho.

A incorporação de recursos disponibilizados devido ao crescente desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, como o ambiente colaborativo de aprendizagem Moodle, pode, assim, auxiliar na mediação pedagógica dos cursos de formação inicial de profissionais da área de Arquivologia e Ciência da Informação, e, dessa forma, contribuir para enfrentar e superar os problemas que envolvem o complexo universo do exercício do magistério na conjuntura atual.

Como resultado parcial do letramento digital dos alunos de Arquivologia, observou que:

1. O projeto SESA realizou vários cursos cujas inscrições eram realizados a partir do formulário do Google Drive. Observou-se que aos alunos sentiam dificuldades no preenchimento dos formulários e para enviá-los ocasionando o envio da ficha de inscrição em duas ou mais vezes.
2. Os das palestras eram disponibilizados no blog em PDF e percebeu-se que alguns alunos não sabiam procurar no documento o seu certificado.
3. Houve um curso preparatório para apresentação da ferramenta Moodle. Notou-se que alguns alunos apresentaram pouca intimidade com os recursos disponibilizados da web 2.0 tais como Wiki, e-portfolio etc.

4.2 Linguagem, Cultura e Memória Acadêmica: auxiliando o saber em Oficina de Texto – Orientando: Jefferson Higino Da Silva

Ao deparar com a cultura acadêmica no primeiro ano de graduação, o corpo discente se sente em uma cultura estrangeira e, em muitos casos, chega ao fim do curso com dificuldade de aprendizagem, contradizendo o ato de compreender que se estima ser plural e polissêmico. Conhecendo pouco as convenções acadêmicas, as práticas e como se dá esse processo de inter-relação, de separação de duas consciências, parece-nos que podemos investir para que a inserção dos alunos em uma nova cultura possa ser um processo menos doloroso para professores e, principalmente para próprios discentes, que não assimilam essas fronteiras entre suas palavras e as palavras alheias, uma luta dialógica constante.

Nesse sentido, se os gêneros são manifestação da cultura, é preciso entendê-los na dimensão espaço-temporal das

representações e da interatividade discursiva animadas em seu interior. O gênero passa a ser a celebração das vozes na grande temporalidade das culturas e civilizações. Bakhtin adverte que não se pode estudar a literatura isolada de toda cultura de uma época, e pior ainda fechar o fenômeno literário apenas na época de sua criação, em sua chamada contemporaneidade.

O que se desloca é a informação em dois sentidos: o **primeiro**, o da espacialidade física, em tempo real, sendo possível de serem acessadas através das tecnologias mediáticas de última geração. O **segundo**, pela sua alteração constante, transformações permanentes, sua temporalidade intensiva e fugaz. Velocidade, esse é o termo síntese do *status* espaço-temporal do conhecimento na atualidade. Velocidade para aprender e velocidade para esquecer. Velocidade para acessar as informações, interagir com elas e superá-las com outras inovações. (KENSKI, 2007).

A apreensão do conhecimento na perspectiva das novas tecnologias eletrônicas de comunicação e informação, ao assumida como possibilidade didática exige que, em termos metodológicos, também se oriente a prática docente a partir de uma nova lógica. Compreender este novo mundo com uma nova lógica, uma nova cultura, uma nova sensibilidade, uma nova percepção. Não mais, apenas, a perspectiva estrutural e linear de apresentação e desenvolvimento metodológico do conteúdo a ser ensinado; nem tampouco, a exclusiva perspectiva dialética. O espaço-tempo do aluno está relacionado ao posicionamento não mais como o detentor do monopólio do saber, mas como um parceiro, no sentido clássico do termo, que encaminhe e oriente o aluno diante das múltiplas possibilidades e formas de se alcançar o conhecimento e de se relacionar com ele.

Fazendo uma analogia da situação do aluno com a realidade, é como estar “plugado” o tempo inteiro, o “timescape” (JESUS, 2013) modifica a maneira como o usuário deve interagir com

outras pessoas reunindo todas as suas comunicações em uma exibição. Todos os eventos (texto, multimídia ou atualizações de serviços da web) aparecem como um bloco em um fluxo cronológico na tela. O uso de gêneros digitais (blog, portfólio, etc.) na internet para fins educacionais e acadêmicos estariam nessa vertente do “timescapes” que, para Jesus (2013, p. 28), “é um novo arranjo espaço-temporal que se estrutura em torno da ampliação do espaço real em favor do virtual, ligado a uma temporalidade múltipla, que paradoxalmente é só presente e ao mesmo tempo tem uma duração”.

Como efeito dessas reflexões sobre grande temporalidade, em especial a nossa responsabilidade para um futuro, no que esperamos fazer com o ensino de gêneros acadêmicos na fronteira da normalização e da individualidade, da voz do autor e das outras vozes que circulam a enunciação, levantamos uma questão: como fazer o corpo discente enxergar as formas idênticas disponíveis a qualquer membro da comunidade acadêmica, sobretudo a abstração que, a nosso ver, só pode ser realizada na concretude da relação, com as nuances sociais, psicológicas e afetivas¹⁵ nas quais se perfilam os sujeitos singulares ao se inscreverem em áreas diferentes?

Analisando dados, podemos apontar que comunidade exerce a função de publicar avisos relativos ao currículo diário da sala; no entanto, há pouca interação quanto ao conteúdo temático. Os dados comprovam que a interação com os discentes ainda é limitada e sempre acontece se o monitor da disciplina ou professor abrir o tópico, caso contrário, o discente só interage se for uma atividade relativa à avaliação curricular.

15 Apresentaremos uma discussão mais aprofundada a esse respeito na proposta pedagógica.

4.3 Linguagem e Cultura no Projeto SESA: investigando os gêneros acadêmicos orais – Orientando: Ramon de França Magalhães

A partir desta problematização apontada neste subtítulo, desenvolvemos mecanismos de ajuda, tomando como base Menezes (2008). Vale lembrar que fizemos adaptações do ensino fundamental para universidade, visto que no ensino superior ainda é bastante debatida questões básicas desses fenômenos.

Assim, é necessário aprofundar os estudos e pesquisas relacionadas ao seminário, usando-o como objeto principal dos nossos estudos. Até o momento, apresentamos os dados coletado, embora ainda seja preciso aprofundar mais a discussão.

Quadro 1: Demonstrativo de resultados.

Seminário					
categorias de Análise	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5
Escrita	*Escrita apresentou falhas de concordâncias	*Escrita clara e de fácil entendimento	*Escrita mediana	*Escrita uniforme	*Escrita mediana
Oralidade	*Apresentação inconsistente	*Apresentação consistente	*Dificuldades de apresentação oral, quebra na sequência lógica	*Apresentação oral clara e consistente	*Apresentação oral clara e consistente
Metodologia	Qualitativa	Qualitativa	Qualitativa	Qualitativa	Qualitativa
Referências extras utilizadas; Uso de citações extra.	*Não utilizou outras referências *Não houve nenhum tipo de citação extra.	* Uso de citação extra *Uso de referência extra. *Trazendo novos olhares para o tema abordado.	*Não utilizou outras referências *Uso citações do próprio texto.	*Não utilizou outras referências *Uso citações do próprio texto.	*Não utilizou outras referências *Uso citações do próprio texto.

Explicação do tema abordado; Sequência lógica.	*Explicação mediante ao entendimento do aluno *Sequência lógica dos integrantes da apresentação.	*Explicação mediante ao entendimento do aluno *Clareza ao aborda o tema; *Sequência lógica dos integrantes da apresentação.	*Explicação mediante ao entendimento do aluno *Sequência lógica dos integrantes da apresentação.	*Explicação mediante ao entendimento do aluno *Sequência lógica dos integrantes da apresentação.	*Explicação mediante ao entendimento do aluno *Sequência lógica dos integrantes da apresentação.
Controle do tempo; Utilização de matérias extras.	*Houve o controle do tempo *Uso de datashow para apresentação de slide.	*Rigorouso controle do tempo *Uso de datashow para apresentação de slide.	*Controle do tempo *Uso de datashow para apresentação de slide.	*Controle do tempo *Uso de datashow para apresentação de slide.	*Controle do tempo *Uso de datashow para apresentação de slide.
Considerações finais;	*Não colocaram referência do texto abordado; *Não fizeram considerações finais.	*Utilização do tempo para fazer as considerações finais; *Colocou todas as referências utilizadas em todo o trabalho.	*Utilização do tempo para fazer as considerações finais; *Colocou todas as referências utilizadas em todo o trabalho.	*Utilização do tempo para fazer as considerações finais; *Colocou todas as referências utilizadas em todo o trabalho.	*Não colocaram referência do texto abordado; *Não fizeram considerações finais.

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

4.3.1 As vozes no texto: referências, citações e vídeos.

A construção dialógica “vozes do texto” inicia-se no desenvolvimento do interesse da busca por conhecimento dos discentes, no processo de resolução das atividades propostas. Percebemos que três itens se destacam em todo processo de construção do seminário.

- Referências – Observamos que em muitos casos o próprio grupo não se restringiu ao seu único texto, houve

a busca de novos textos e autores que abordaram temas específicos a sua apresentação.

- Citações – Utilizando de referências do próprio autor ou de outros, mas sempre trazendo maneiras de exemplificar o conteúdo através de citações, para a formulação ou reformulação de uma teoria.
- Vídeos – Fazendo o uso da tecnologia para a apresentação, trazendo vídeo-aulas, slides, mostrando como novas referências e citações apresentadas de outra forma, assim podendo atrair novos estudiosos.

A capacidade de uma pessoa desenvolver métodos para alcançar seus objetivos é grande, visto que através desses métodos de pesquisas criamos um estímulo para a criação de novos conhecimentos.

Percebemos que nas universidades a utilização do gênero oral tem sido cada vez mais sendo explorado por professores e alunos, especialmente o seminário. Seu gênero é bastante dinâmico, sendo que por meio da própria apresentação de tal podemos gerar percepções de aprendizagem, conclusões e debates em meio a sala de aula. Faz com que a capacidade de pensar, entender e questionar seja aguçada, fazendo assim que o estudo seja uma coisa prazerosa.

Goulart (2005, p.58 – 59) nos apresenta três princípios fundamentais para o ensino de gênero oral em instituições de ensino. São eles:

- possibilitar aos alunos atividades que os insiram em situações comunicativas as mais diversas como meio de conhecimento e domínio cada vez maior da língua;
- confrontar os alunos com situações de uso público da língua, com vistas ao desenvolvimento de uma relação mais consciente e voluntária do próprio

comportamento linguístico-comunicativo, a fim de motivar as capacidades de escrever e de falar;

- conscientizar os alunos de que o trabalho de produção de linguagem deve se dar por meio da inserção deles em situações cada vez mais complexas e, por isso, é um trabalho lento e em constante elaboração.

Pretendemos conscientizar alunos e professores que o gênero oral “seminário” traz consigo novas diretrizes e vantagens de estudo. Apresentando mecanismos previamente selecionados para a criação e desenvolvimento do seminário.

4.3.2 Proposta de Seminário: características e desenvolvimento

Ao ingressar no ensino superior, o estudante não está com uma base sólida do que é seminário. O problema existe antes dele dar entrada na universidade, vem do Ensino Médio. A didática de passar anos e anos fazendo prova escrita faz com que o aluno não adquira o conhecimento adequado para o seu desenvolvimento no Ensino Superior. A maioria dos alunos que adentra a universidade não sabe realmente fazer um seminário, eles fazem uma leitura do texto que estão abordando e pronto.

A preocupação dos professores universitários é de realmente fazer com que o aluno entenda o que está lendo, apresentando esse conteúdo. Muitos optam de não fazer prova e avaliam a apresentação como uma nota, pois através dessa explanação feita pelo grupo o discente será avaliado pelo conhecimento adquirido. A apresentação tem a função de fazer com que os universitários pensem e estudem, e que consigam através da oralidade passar as informações relevantes para o aprendizado coletivo.

Devemos observar alguns pontos importantes para uma apresentação de seminário:

- Planejamento: planejar toda a apresentação, desde as referências a serem usadas, se vão usar datashow, se haverá alguma interação direta com o público, até o controle do tempo da apresentação do grupo;
- Execução: como será apresentado, de forma sequencial, por temas, por capítulos;
- Avaliação: contar com ajuda do público para saber se sua apresentação supriu as necessidades, se respondeu às perguntas, se não tem mais dúvidas e estudar formas de melhorar a apresentação.

Após elencar esses pontos, propomos um quadro com categorias que auxiliam o aluno nessas fases (planejamento, execução e avaliação), lembrando que isso não é um padrão, podendo ser adaptada de acordo com as suas necessidades, objetivos da equipe e do docente. No quadro a seguir, veremos de forma mais exemplificada como se dá o procedimento.

Quadro 2 - Sequência dialógica: cronograma funcional de etapas para apresentação de seminário

FASES	ATIVIDADES	CARACTERÍSTICAS DE APRENDIZAGEM	PONTOS SUBJETIVOS OU RELATIVOS	TEMPO DE USO
P L A N E J A M E N T O	Escolha do tema	*Incentivo a busca de referências; *Adaptações necessárias mediante a sua escolha	*Caracterização da problemática; *Discussão sobre assunto.	*Estimar tempo para sua pesquisa.
	Aprofundamento teoria nas referências	*Incentivo a busca de novas referências; *Releitura de clássicos de temas relacionados; *Separação de materiais confiáveis.	*Busca e estudo de áreas afins; *Busca de matérias em outras línguas.	*Controle do tempo.
	Roteiro	*Desenvolvido por cada grupo, mediante as reuniões e desenvolvimento dos trabalhos.	*Desenvolvido por cada grupo, mediante as reuniões e desenvolvimento dos trabalhos.	*Desenvolvido por cada grupo, mediante as reuniões e desenvolvimento dos trabalhos.
E X E C U Ç Ã O	Preparação de Materiais	*Diversificação de uso de materiais, como meio de aprendizagem.		
	Apresentação do Seminário	*Busca de clareza nas apresentações das ideias; *Citar autores renomados da área; *Construção de pontes com outros temas; *Expor resultados.	*Utilizar a tecnologia a seu favor: <ul style="list-style-type: none"> • Vídeos; • Slide; • Imagens; • Gráficos; • Material escrito. 	*Tempo estimado pela organização.

Pós A P R E S E N T A Ç Ã O	Debate e entrega do trabalho e suas considerações	*Debate construtivo em relação à apresentação tema abordado; *Considerações finais; *Entrega do trabalho mediante as correções.	*Explicação de algo que tenha ficado mal explicado;	*Curto tempo para considerações finais.
	Avaliação	*Reunir-se com o grupo para apresentar acertos e erros, expor ideias e aprendizados com a apresentação do seminário. *Correções de possíveis erros.	*Estudos mais aprofundados.	-

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Apresentamos também a conscientização da aprendizagem, que por sua vez faz com que desenvolva-se o raciocínio, seguindo assim uma sequência lógica e cíclica, mostrada na imagem a seguir.

Figura 2 - Conscientização da aprendizagem.



Fonte: Elaborado pelos Autores (2015)

Cada ponto está representado por uma das etapas do desenvolvimento e criação do seminário.

- Planejamento – planejar todo processo e desenvolvimento das atividades relacionadas à construção do seminário;
- Execução – agir, preparar material para apresentação;
- Avaliação – debater com seu grupo como se desenvolveu a apresentação de uma forma geral;
- Reflexão – refletir sobre possíveis mudanças, o que poderia ter melhorado.

As etapas tentam elucidar o processo contínuo do gênero e, certamente, melhorar a aprendizagem de alunos e professores na questão do gênero oral “seminário”, a fim que se desenvolvam instrumentos de estudo para os demais alunos.

Destacamos a utilização de referências e de clássicos na parte de linguística como de Bakhtin (1997), Araújo e Silva (2013), entre outras, fazendo com que o auxílio dessas literaturas desenvolvesse a caracterização do projeto.

É notória a existência de uma barreira na questão de apresentação do seminário, pois a grande parte dos alunos tem dificuldade de falar em público. Não é de hoje que podemos observar como que essa dificuldade vem mesmo do Ensino Fundamental.

Numa exposição oral, as atividades linguageiras são utilizadas e redefinidas pelo contexto de produção, configurando-se como um meio eficaz para o ensino de práticas de leitura, escrita e oralidade em situação formal de uso, contribuindo, ainda, para o desenvolvimento da competência comunicativa do sujeito. (MEIRA; SILVA, 2013, p.87 e 88).

Essa redefinição elaborada pelos alunos é realizada mediante seu entendimento, onde eles explicarão o que entenderam de acordo com sua capacidade linguística, assim expondo a sua “redefinição” pela oralidade.

[...] seminário pode ser apresentado como sinônimo de exposição oral, uma vez que é direcionado a um público, com objetivos estabelecidos de, em interação transpor o conteúdo, sob uma forma mais ou menos regular em que se desenvolve. É espaço de pesquisa, organização, observação, postura e aprofundamento sobre um dado assunto, que irá recair sobre o alcance ou limitação de sua aplicação. (MEIRA; SILVA, 2013, p.89).

Desse modo, o discente apresenta suas ideias, pesquisas ou resultados de modo que a sua apresentação fique clara a todo o público.

4.4 Linguagem, Cultura e Memória: os artigos em Arquivologia – Orientando: Cleber Ferreira Silva

A leitura dos artigos foi realizada de maneira singular e sistematizada; a orientação da professora Eliete Correia dos Santos foi em primeiro plano ler e analisar os artigos, após tal critério de leitura é proposto de maneira salutar que os trabalhos fossem descritos e a autoria dos alunos fosse ocultada, só podendo identificar o título dos trabalhos, ainda mais observando os descritores de produção dos artigos esquematizados na estrela de Davi, apresentada adiante. Foi necessário enumerar uma seleta de cinco artigos para expor neste trabalho, sendo estes descritos no quadro abaixo com as prerrogativas dos assuntos trabalhados e reconhecidas linhas de estudo: memória, arquivística e gestão documental - todas concentradas em Ciências da Informação.

Além de tais critérios escolhidos, somou-se o conhecimento linguístico e a superação dos limites impostos pelas leis sintático-semânticas da gramática normativa e o uso do jargão acadêmico, haja vista termos estudado a escrita de alunos dos primeiro e segundo períodos do Curso de Arquivologia da UEPB:

Quadro 3 – Exemplo da análise da escrita dos artigos

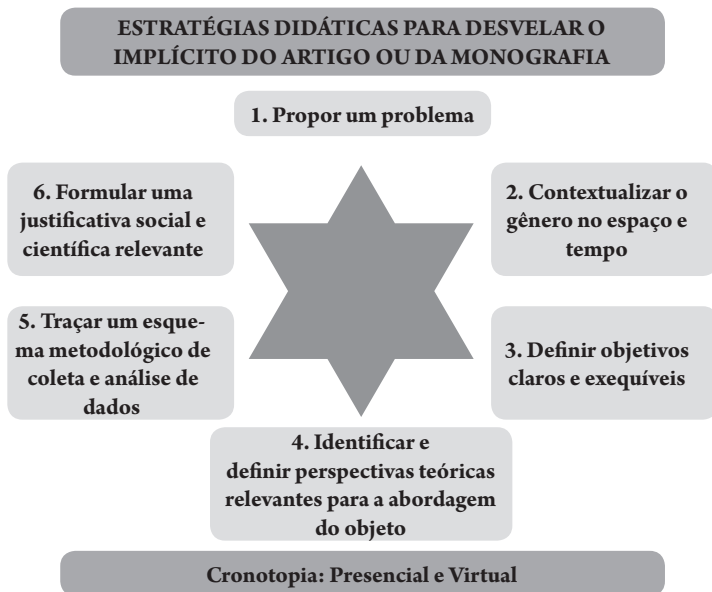
Autores dos Artigos	DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS
ALUNOS α	<p>Título: <i>O arquivo público na contemporaneidade</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O texto trata do surgimento e importância do artigo público na sociedade; 2. Apresenta estrutura formal de artigo e passa a ser uma discussão teórica sobre o arquivo público.
ALUNOS β	<p>Título: <i>Os antepassados nordestinos dos Judeus sefarditas</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O trabalho trata de uma reconstituição histórica do cotidiano dos judeus e semitas na era colonial no Brasil, o valor de memória atinge seu objetivo ao que se denota que o trabalho é fruto de pesquisa em um arquivo: Arquivos das Sinagogas dos judeus no Nordeste; 2. A linha de pesquisa em memória constitui um elo interdisciplinar entre ciências da informação e historiografia, embora ambas se cruzem cada área procura suscitar investigação nas mesmas fontes e com resultados diferenciados.
ALUNOS γ	<p>Título o: <i>Gerenciamento arquivísticos de documento eletrônicos</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O trabalho aborda o assunto: “arquivos digitais”. A informática e a arquivologia possibilitam mecanismos de trabalho em acesso a informação e difusão da mesma; 2. Em matéria de abordar sobre gestão documental os autores articulam ambas as áreas em um atendimento de serviço e discutem a teoria que permeia ambas. O artigo especula uma experimentação da práxis de um arquivista e sua aceitação com os meios digitais.
ALUNOS δ	<p>Título: <i>O perfil do estudante de Arquivologia</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O trabalho busca tratar sobre o curso de arquivologia na UEPB e sua importância; 2. Os autores tem a intenção de divulgar um modelo de estudante que seja diferente de outros bacharéis com finalidades de ser um profissional diferenciado para o mercado.

ALUNOS ζ	Título: Arquivologia, a ciência que propicia à informação e o conhecimento ao ser humano
	1. Os autores fornecem primorosamente fontes de estudo sobre a arquivologia, sua abordagem inovadora e particular; 2. Provocam uma discussão com levantamento de dados e postulados teóricos pertinentes ao arquivista e sua atuação. O maior objetivo do trabalho é divulgação em torno do trabalho do arquivista.

Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

Em todos os trabalhos, inclusive nos que não foram citados - pois foram estudados dezesseis artigos, cada qual elaborado por dois alunos -, observamos que todos seguem o esquema proposto pela abordagem metodológica de produção de artigos estudado e elaborado pela professora Eliete Correia dos Santos, a seguir:

Figura 1 – Estrela de DAVI



Fonte: Santos (2014, p. 154)

Os pressupostos enunciados pelos autores em suas discussões, além do que por nós é proposto e estudado, sinaliza para uma discussão ainda iniciante em arquivologia e ampla nos cursos de licenciatura em educação e letras: o preparo no que tange a produção acadêmica, como e o quê escrever? A adequação das ideias aos elementos de coesão para atingirmos a coerência, bem como domínio do viés vocabular pertinente a cada área científica no seu fazer pesquisador e produtor de novas metodologias de estudo.

Essa sinalização parece-nos pertinente ao discutir a produção acadêmica, ora sempre observa-se que muitas produções já nasçam comprometidas pelas pretensões de demasia em escrita e pouca pertinência em estudos cujo acréscimo não seja balizado pelos pressupostos teóricos e sim sirva como mais um redundante trabalho de elaboração frágil e de pouca valia para a área a que se propõe estudar.

No tocante a este problema, propõe-se no seguimento do recurso didático apontado no esquema da estrela de Davi: estabelecer um problema de matéria analítica e com relevância para se estudar, solucionar o problema a partir de uma séria leitura e prática empírica a fim de conseguir justificar a relevância do trabalho em virtude de distingui-lo de ser mais um a somar-se ao “lugar comum” da cultura infinita de produzir só para somar artigos sem utilidade às discussões na academia.

5 Considerações finais

Quanto à tecnologia e ao letramento digital, destacamos que os discentes, apesar de terem acesso à internet e conhecerem diversas mídias tecnológicas, não obtiveram os resultados satisfatórios no uso da ferramenta Moodle, nos quais foram identificadas dificuldades no seu manuseio fazendo com que tenha a necessidade de ser programado mais cursos no AVA com

o intuito de melhorar o desempenho dos discentes na utilização dessa ferramenta. Já quanto ao blog alguns discentes ainda se encontram em dúvidas de como explorar melhor as informações nele contidas, mas não algo que tenha grande preocupação como na ferramenta Moodle. Também vale ressaltar que implantar soluções tecnológicas no ambiente educacional tende a facilitar a aprendizagem, assim, podemos afirmar que o uso do *Facebook*, como ferramenta alternativa, possibilita avanços na educação.

Quanto ao seminário acadêmico, os resultados comprovam a necessidade de ser mais investigado como um texto que deve ser aprendido e conhecido em suas características temáticas, composicionais e estéticas.

É sabido que o desempenho de um aluno e seu apogeu profissional se dê com início a motivação em sala de aula e na aquisição de mecanismos didáticos de estudo, assim também é no contato com a produção de gêneros acadêmicos. Ora, é pelo artigo que se chega a discutir e dialogar metodologias de pesquisa e rendimento em estudos na universidade, pois é fluído e prático a ser produzido e possui a dinâmica de alcance único em muitos meios de pesquisadores.

Ao apresentar este relatório de pesquisa, questionamos as maneiras que são trabalhadas as ementas de disciplinas acadêmicas que tematizam a produção de artigos e demais gêneros acadêmicos, bem como o que se trabalha em metodologia de composição de artigos científicos. Nosso estudo comprova que produção de qualidade, apesar de difícil de atingir, deve ser iniciada com afinco e dedicação associados ao planejamento intenso e regular; assim sendo, o docente que por fim deseje um bom desempenho de seus alunos pesquisadores deve levar em consideração as dimensões necessárias para o ato pedagógico de ensinar:

Pensamos em cinco dimensões para o ato pedagógico responsável: formação na área de conhecimento, formação pedagógica e

didática, inovação nas práticas didáticas, inovação na área de conhecimento e pesquisa na área de conhecimento. É pertinente inicialmente tomar como base essas dimensões para uma qualidade didática, porque o professor universitário atua com um duplo perfil (docente e pesquisador) e, em alguns casos, com perfil triplo associado à gestão ou à extensão universitária. (SANTOS, 2014, p. 139).

Devemos projetar o futuro, o fruto de nosso trabalho enquanto pesquisador, pois o professor universitário é mais que um mero tutor e elaborador de propostas de trabalho, seu ofício é demonstrar o viés de instrumentalização e aproximar os alunos da prática de pesquisa e produção de resultados da mesma.

Os trabalhos dos alunos aqui estudados provam que a maturidade em escrita acadêmica é um resultante de planejamento e da pesquisa do professor em cumprir a ementa das disciplinas que propõem o estudo e a instrumentalização dos gêneros acadêmicos.

Referências

ALMEIDA, M. E. B. Educação a Distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.2, p.327-240, jul/dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022003000200010&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 fev. 2014.

_____. **Inclusão digital do professor**: formação e prática pedagógica. São Paulo: Articulação Universidade Escola, 2004. v. 1. 234p.

ARAUJO, Denise Lino de. SILVA; Williany Miranda da. (Orgs) **Oralidade em Foco**: Conceitos, descrição e experiências de ensino. Campina Grande: Bagagem, 2013.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução de: GOMES, M. E. G. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (1953).

_____. VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de: LAHUD, M. ; VIEIRA, Y. F.; WISNIK, L. T.; CRUZ, C. H. D. C. São Paulo: Hucitec, 1981.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Editora Parábola, 2009.

JESUS, E. A. **TimesCapes**: espaço e tempo na artemídia. Disponível em: <www.marginaliaproject.com/lab/magazine/006/>. Acesso em: 25/01/2013.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007.

MEIRA, Glenda Hilmará Silva; SILVA, Miranda da. Didatização de saberes no seminário escolar: o papel das unidades retóricas. In: _____. ARAUJO, Denise Lino de. SILVA; Williany Miranda da. (Orgs) **Oralidade em Foco**: Conceitos, descrição e experiências de ensino. Campina Grande: Bagagem, 2013.

MENEZES, Leandro Freitas. **Ensino do gênero oral na escola**: a prática do seminário. 2008 Disponível em http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/artigo08_2/leandro.pdf. Acesso em 30 de out de 2014.

MESSA, W. C. Utilização de Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVAS: a busca por uma aprendizagem significativa. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**. V.9, 2010. Qualis - ISSN - 1086 – 1362. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/revista_pdf_doc/2010/2010_2462010174147.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2014.

MORAN, J. M. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias. **Informática na Educação: Teoria e Prática**. Porto Alegre, v. 3, n. 1, Setembro, 2000. PGIE-UFRGS. _____. **O que é Educação a Distância**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>>. 2002. Acesso em: 25 dez. 2014.

_____. **A Educação que Desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 4 ed. Papirus, 2009, p. 101-111.

_____. **A educação que desejamos, novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2007.

SANTOS, Eliete Correia. **O gênero acadêmico: estudos e perspectivas de ensino**. Curitiba: Appris, 2014.

VEIGA, Ilma P. A. O seminário como técnica de ensino socializado. In: _____. (org.). **Técnicas de ensino: por que não?** 13 ed. Campinas: Papirus, 2002, p. 103-113.

Vivências acadêmicas: a evolução dos discentes do Curso de Arquivologia da UEPB na produção textual a partir do projeto SESA

*Tereza Ludimila de Castro Cardoso*¹⁶

Resumo

O Projeto Seminário de Saberes Arquivísticos - SESA foi desenvolvido no intuito de preparar os alunos para futura produção de suas monografias e trabalhos acadêmicos, buscando inseri-los no universo acadêmico e incentivá-los a participar da iniciação científica na área de Arquivologia. Trata-se de uma pesquisa que tem como intuito apontar as principais dificuldades dos discentes do curso de Arquivologia no segundo período, mediante a eminência da elaboração de um artigo. A pesquisa realizada foi de caráter exploratória/descritiva, contando com um questionário elaborado especificamente para os alunos do segundo período a qual trabalhamos com uma amostra de 18 discentes. Os dados revelam que a maior dificuldade é a maior dificuldade relatada pelos alunos é saber escrever corretamente e coordenar

16 Discente do Curso de Arquivologia- CCBSA- UEPB / Bolsista PIBIC – UEPB/ CNPq – Cota 2015/2016; 2016/2017, Colaboradora do SESA - PROEXT-MEC, Monitora das disciplinas Oficina de Texto I.

as ideias, como também organizar e dar início ao projeto enunciativo. Concluimos que a maioria dos discentes mostraram-se empolgados, apesar do medo desse desafio, e reconhecem que as práticas de letramentos desenvolvidas pelo projeto fortalecem o compromisso e a responsabilidade com a formação inicial na universidade.

Palavras-chave: Arquivologia. Produção Acadêmica. Projeto SESA

1 Introdução

O início da vida acadêmica traz uma grande responsabilidade, visto que é através da academia que nos deparamos com a necessidade de produção; produzir textos, escrever, conhecer os gêneros acadêmicos logo nos primeiros períodos, não é tarefa fácil. Muitos alunos chegam à universidade com bastante dificuldade na língua portuguesa, e isso repercute diretamente na produção acadêmica, a escrita que não era algo corriqueiro passa ser uma realidade. A clareza na finalidade da escrita nos parece ser um ponto de relevância para o desenvolvimento da escrita e para criação de uma expectativa no aluno de tempo futuro que extrapola o limite da sala de aula e valoriza a ação didática, enquadrando o texto em uma formação social, ou seja, em uma forma de interação comunicativa que implica a realidade histórico-social dos interlocutores.

Grillo & Cardoso (2003) definem as condições de produção/recepção de texto como os parâmetros que correspondem às condições enunciativas que presidem toda produção de linguagem. São eles: esfera de comunicação, identidade social dos interlocutores, finalidade, concepção do referente, suporte material e natureza do interdiscurso. Esses parâmetros são chamados por Bakhtin (1992[1953]) de situação imediata de comunicação, combinados com a abordagem das condições

sócio- históricas que estão relacionadas aos aspectos ideológicos em uma dada formação social.

Dessa forma, o Projeto SESA- Seminário de Saberes Arquivísticos - foi desenvolvido no intuito de preparar os alunos na futura produção de suas monografias e trabalhos acadêmicos, buscando inseri-los no universo acadêmico e incentivando-os a participar da iniciação científica na área de Arquivologia. Dentro deste projeto, foi aplicado uma “proposta piloto” pensando em uma estratégia didática para desvelar o implícito da monografia ou artigo, surgindo aí, a Estrela de Davi que é um esquema composto de seis perguntas norteadoras para construção estrutural da produção acadêmica.

2 Teoria Bakhtiniana

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin, filósofo russo, nascido no final do século XIX é uma referência quando se trata de filosofia de linguagem. Após trinta anos de silêncio, suas obras são novamente publicadas na Rússia em 1963 e 1965, porque Bakhtin nunca teve apego a posições de destaque nem o interessava a fama e nem o prestígio. Suas obras são bastante complexas; porém, para nós da iniciação científica, a partir de autores como Fiorin (2016) e Faraco (2009) , conseguimos ter uma melhor compreensão da essência das obras de Bakhtin.

Bakhtin apresenta um pensamento absolutamente original sobre a linguagem e podemos continuar a desenvolver seu projeto, seja operacionalizando melhor seus conceitos, seja refinando-os cada vez mais. Nada mais anti-bakhtiniano do que a compreensão passiva ou mecânica de uma teoria. [...]. Compreender é participar de um diálogo com o texto, mas também com seu destinatário, uma vez que a compreensão não se dá sem que entremos

numa situação de comunicação, e ainda com outros textos sobre a mesma questão. (FIORIN, 2016, p. 8).

A teoria bakhtiniana traz para dentro do contexto acadêmico a visão de que precisávamos para construção não engessada, sobretudo dialógica dos gêneros acadêmicos. Isso significa dizer que essa construção dialógica é a união de experiências, discursos, linguagens, trazidos de outrem para concretização do seu discurso. Diante disso, Fiorin (2016, p. 22) simplifica afirmando que “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”. Exemplificando também essa lógica, Faraco (2009, p. 21-22) afirma que

O *eu* e o *outro* são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquitetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enunciados): é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos.

Ao escolher um conjunto de textos para analisar, em uma perspectiva bakhtiniana, buscamos observar o discurso e o gênero como determinante para estudar a textualização no plano mais amplo das estruturas arquitetônicas, igualmente à posição defendida por Sobral (2009) ao apresentar os princípios macrogenéricos e microgenéricos.

Nesse sentido, o projeto SESA organiza atividades com sequências didáticas e reescrituras dos diversos gêneros

discursivos, tais como resumo, resenha, diário de leitura, ensaio e artigos acadêmicos, entre outros. O projeto envolve todos os alunos, independentemente da qualidade da produção textual, pois, acredita que, na construção do coletivo, a prática escolar deve reconhecer e preparar individualidades capazes de, dialeticamente, “refazer” a realidade que não mais atende aos interesses da coletividade.

Por isso, é imprescindível que o educando desenvolva uma relação com a realidade que seja questionadora e reflexiva e construa conjuntamente o conhecimento, em um ambiente de preparação para a vida.

3 Projeto SESA

O Projeto SESA surgiu a partir das aulas da disciplina de Oficina de Texto I e II do curso de Arquivologia da UEPB. Com a rotina das aulas, foram evidenciadas diversas dificuldades entre os alunos do 1º e 2º períodos no tocante ao conhecimento de gêneros acadêmicos, elaboração de textos, e verdadeiro pavor de falar em público, diante desse cenário surge o Projeto SESA, cujo o objetivo principal é assistir o corpo discente nas suas deficiências de produção textual, sejam elas na modalidade escrita ou oral, propondo o estudo de vários gêneros acadêmicos, em especial da vivência acadêmica. (Cf. SANTOS, 2013).

Na contemporaneidade, o Projeto SESA a cada semestre traça um verdadeiro desafio aos alunos de início de curso propondo-lhes a elaboração de trabalhos acadêmicos e suas respectivas apresentações em público, porém viabilizando a todos, os recursos necessários para que estes tenham seus objetivos alcançados.

Essa viabilidade inclui: indicações de materiais para leitura, apresentação de seminários sobre diversos gêneros acadêmicos, visitas técnicas em arquivos, bibliotecas, museus e afins,

passeios culturais na Paraíba e em outros estados, palestras com professores renomados, monitoria com ex-alunos, além de livros produzidos pelo projeto contendo os artigos dos próprios alunos.

Todas estas ações permitem que mesmo que o discente não tenha nenhuma vivência anterior, abra sua mente para a observação deste novo cenário e, a partir disso, tenha mais domínio para escrever e produzir com mais segurança. Além de todas essas ações, o SESA traz uma ferramenta muito importante para a facilitação de todo esse processo de produção acadêmica que é a Estrela de Davi, que veremos a seguir.

4 Estrela de Davi

O esquema Estrela de Davi foi aplicado como “proposta piloto” em nossa investigação, antes mesmo de ter essa denominação e essa consistência sistemática. Para o porvir do projeto SESA, será aplicado o esquema em *cronotopo* virtual e presencial, ação que os professores pretendem desenvolver na Universidade Estadual da Paraíba com as universidades parceiras (Universidade do Porto, Universidade de Coimbra, Escola Superior de Estudos Industriais de Gestão/Instituto Politécnico do Porto. O conceito de cronotopo na obra de Bakhtin, segundo Faraco (2016), foi criado para estudar a natureza das categorias de tempo e espaço, do grego *crónos* (= tempo) e *topos* (= espaço). A partir do esquema da estrela, poderemos visualizar esse conceito melhor.

A Estrela de Davi apresenta seis pontos primordiais para estruturação da produção, são eles: 1) proposta de um problema; 2) contextualização do gênero no espaço e tempo; 3) definição dos objetivos claros e exequíveis; 4) identificação e definição de perspectivas teóricas relevantes para abordagem do objeto; 5) elaboração de um esquema metodológico de coleta

e análise de dados; 6) formulação de uma justificativa social e científica relevante.

O planejamento do gênero acadêmico artigo ou monografia requer atitude responsável e responsiva diante do objeto de estudo escolhido. Quanto à definição do problema, algumas ações precisam ser tomadas para preencher a caixa de texto. Primeiro, é necessário o aluno certificar-se de que não quer ou não sabe pesquisar, depois tornar o problema significativo, decidir sobre os dados, recolhê-los e examiná-los em função do problema proposto. (SANTOS, 2013, p. 353).

Diante do exposto, deixaremos claro que antes do aluno iniciar o artigo, ele deve saber qual será a problemática que abordará, somente a partir daí ele poderá seguir as 6 etapas que a Estrela traz, de acordo com Santos (2013, p.352), a saber:

4.1 Proposta de um problema

Propor um problema em formato de pergunta. Por isso, usar ponto de interrogação. Atenção: a resposta não pode ser do tipo “sim” ou “não”. A pergunta-problema deve sugerir a necessidade da pesquisa – saber das causas ou efeitos ou, ainda, implantação de produto ou serviço num ambiente público que será escolhido pelo pesquisador.

4.2 Contextualização do gênero no espaço e tempo

Onde e quando será realizada a pesquisa? Nesse momento, envolve o seu poder de argumentação quanto à necessidade em realizar uma pesquisa em um dado local e período de tempo.

4.3 Definição dos objetivos claros e exequíveis

Um dos objetivos é de cunho geral e três ou quatro específicos. Dica: o objetivo geral é “o fim do seu horizonte”, onde quer chegar na sua pesquisa. Recomenda-se o uso de verbo no infinitivo e semanticamente rico, exemplo: desenvolver, criar, analisar, avaliar. Ao revés, os objetivos específicos são semanticamente pobres, que dizer, verbos que conduzam a ações palpáveis, por exemplo, identificar, apresentar, levantar, apontar, listar, separar, organizar.

4.4 Identificação e definição de perspectivas teóricas relevantes para abordagem do objeto

Identificar e definir perspectivas teóricas relevantes para a abordagem do objeto. Responder à questão: Quais autores trabalham com o seu tema de pesquisa? Para isso, deve listar livros, artigos, TCCs, dissertações, teses, quais outras fontes de informação. Desses trabalhos, quais os termos e como os autores os conceituam? Se quiser pode fazer, para fins didáticos, um quadro com três colunas, numa, digita o nome do autor; em outra, a categoria/termo pertinente no seu estudo; e na terceira coluna, descrição do conceito do autor eleito pelo pesquisador.

4.5 Elaboração de um esquema metodológico de coleta e análise de dados

Traçar um esquema metodológico de coleta e análise de dados. A pesquisa será de cunho prático (empírico) ou teórico? Abordará os dados numa perspectiva quantitativa, qualitativa ou quanti-qualitativa? A pesquisa terá dados para coletar? De qual tipo? Como a fará – uso de questionário, entrevista, observação? Como fará a análise dos resultados coletados?

4.6 Formulação de uma justificativa social e científica relevante

Por que o seu estudo merece ser pesquisado? Apresentar a importância para você, para o curso, para a área e para o espaço de análise.

Após a organização dos seis pontos propostos pela estrela de Davi o aluno terá a estruturação necessária para a elaboração de seu artigo ou monografia.

5 Metodologia

A pesquisa realizada foi de caráter exploratória/descritiva. Os dados foram obtidos a partir de aplicação de questionários, diálogos dentro de sala de aula, assim como, observação direta realizada durante a monitoria da disciplina de Oficina de Texto, minicursos, palestras e oficinas, os sujeitos do estudo foram os alunos de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba.

A coleta de dados foi realizada a partir de um questionário que elaboramos, contendo 6 perguntas abertas que abordavam sobre as dificuldades dos alunos nessa primeira fase do curso e o desafio de escrever um artigo acadêmico, dos 34 alunos do 2º período de Arquivologia do turno da manhã, obtivemos uma amostra de 18 alunos que aceitaram participar deste estudo.

Todos os eventos ofertados estavam ligados ao eixo temático do Projeto SESA que abarca a Linguagem, Arquivologia e Produção acadêmica.

6 Análise e discussão de resultados parciais

Aplicamos um questionário contendo 6 perguntas abertas com o objetivo de traçar as principais dificuldades pelos alunos e entender suas necessidades enquanto discentes diante da missão

de ter que elaborar um artigo acadêmico no início do curso de Arquivologia.

Responderam ao nosso questionário 18 alunos do 2º período de Arquivologia do turno da manhã da UEPB; ao entregarmos o questionário explicamos que eles ficariam à vontade no tocante a identificação ou não, notamos que 10 dos alunos não quiseram se identificar e 8 deles assinaram seu questionário, podemos perceber diante disso, que a maioria dos alunos se sentem inseguros e preferem ficar no anonimato.

Na primeira pergunta, questionamos a importância da disciplina Oficina de Texto I e II no curso de Arquivologia e 100% dos alunos afirmaram que acham as disciplinas importantes, dentre as principais exemplificações estão:

1. Auxiliar na produção de textos e publicações
2. Ajudar no ensino gramatical e compreensão de textos
3. Desenvolver a leitura e a escrita
4. Por ser uma disciplina que serve para qualquer outro curso
5. Tornar-se um profissional competente
6. Saber se expressar com as palavras

Alguns discentes exemplificaram mais de uma importância, dessa forma contabilizamos mais de uma vez. Veja o que diz o aluno WSM: *Sim, pois desde a antiguidade fez-se necessário documentar. Através da escrita e saber escrever, estruturar dentro dos gêneros é primordial para utilizar, por exemplo, tipos documentais, como também expor e publicar artigos e pesquisas relacionadas a áreas, isso vale para os outros cursos, pois nem sempre a abordagem do ensino fundamental e médio contemplam aspectos que vemos nas disciplinas.*

Outro aluno, associa que a competência profissional está ligada a base que a disciplina dá: *Sim, acho que essa disciplina é*

necessária como base em qualquer curso. Para que a pessoa se torne um profissional totalmente competente.

Vimos nitidamente que a maioria dos envolvidos anseiam que a disciplina os auxiliem na produção de textos. (Ver Tabela-1).

Tabela 1 – Importância da Disciplina Oficina de Texto I e II

Relevância	Quantidade	Percentual
Produção textual	12	67%
Ensino gramatical e compreensão de textos	06	33%
Desenvolvimento da leitura e escrita	02	11%
Serve para qualquer outro curso	02	11%
Torna-se profissional competente	02	11%
Saber se expressar com palavras	01	5%

Fonte: Dados da Pesquisa (2017)

A segunda pergunta do questionário, indaga sobre o que se entende por gêneros acadêmicos, obtivemos 17 respostas com exceção de um aluno que apenas respondeu com um *nada*, dessa forma afirmando que não entende o que seja o gênero acadêmico. Nesse aspecto, a maioria possui uma noção do que seja, veja o que afirma o aluno ABC: *gênero acadêmico seriam a diversidade dos textos acadêmicos com estruturas e características distintas, como por exemplo: resumo, resenha, etc.*

Para saber se nossos pesquisados tinham uma boa base de leitura, perguntamos quais eram suas leituras além das do curso de Arquivologia, obtivemos as seguintes respostas:

1. Leituras sobre viagens e sustentabilidade
2. Bíblia sagrada
3. Literatura estrangeira e clássicos

4. Notícias e matérias jornalísticas
5. Clássicos da literatura (Machado de Assis, Jorge Amado, Paulo Coelho)
6. Leitura voltada para o lazer
7. Clássicos da literatura sem especificar (2 alunos)
8. Livros online, paradidáticos, coletâneas, Best Sellers
9. Textos nas áreas de filosofia e história
10. Livros e revistas
11. Matérias sobre esportes
12. Livros infanto-juvenil e da área de psicologia sobre personalidade humana
13. Não costumam ler (4 alunos)

Quatorze dos dezoitos alunos estão lendo algo no momento, isso mostra que o hábito da leitura ainda é possível, precisamos estimulá-los ainda mais para que essa prática se torne cada vez mais corriqueira. Dessa forma, os professores que lecionam na área de Arquivologia devem incentivar, estimular e indicar leituras específicas para servir de base para estes alunos, levando em consideração as leituras progressas que eles apresentaram, a fim de ajudá-los ainda mais neste processo.

[...] ler um texto é uma prática que está além da simples capacidade de decodificar signos, mas que se aprende e se exercita ao longo de toda vida pela leitura do mundo, ou seja, da realidade na qual o leitor/sujeito está inserido e na qual ele constrói suas relações sociais. Freire (FREIRE, 2005, apud PIREZ, 2012, p. 366).

Na prática acadêmica é fundamental que o hábito da leitura esteja sempre presente, pois é a partir da leitura que haverá uma

transformação no sentido evolutivo, contribuindo diretamente para o desenvolvimento do aluno e também da sociedade.

Na quarta pergunta, adentraremos nas principais dificuldades relatadas pelos alunos na parte de escrita acadêmica, ver tabela 2:

Tabela 2 – Principais dificuldades relatadas na parte de escrita acadêmica

Dificuldade	Quantidade	Percentual
Escrever de forma correta/ saber coordenar as ideias	09	50%
Diversidade de vocabulário/ saber utilizar sinônimos	05	28%
Falta de aprofundamento teórico/ embasamento/ experiência	05	28%
Normas da ABNT	02	11%
Entender textos acadêmicos	01	5%

Fonte: Dados da Pesquisa (2017)

Na tabela 2, percebemos que a maior dificuldade relatada pelos alunos é saber escrever corretamente e coordenar as ideias. Sobre isso, o aluno JS diz: *as dificuldades são muitas, mas creio que a principal delas é a de coordenar as ideias na hora de expressá-las.*

Na quinta pergunta pedimos aos alunos que relatassem as principais angústias quanto a escrita de um artigo acadêmico, as mais citadas foram:

1. Passo a passo para a realização/por onde começar o artigo (28% dos alunos)
2. Não sair como planejado/não conseguir (22% dos alunos)
3. Reunir referências e interpretar os dados (17% dos alunos)
4. Escolha do tema (17% dos alunos)

5. Falta de tempo (11% dos alunos)
6. Pesquisa de campo (11% dos alunos)

Alguns alunos expressaram mais de uma angústia, sobre esse sentimento vemos o que relatou o aluno MFM: *fico angustiado na questão de como começar o artigo e em que obras devo utilizar, pensar nos temas.* Já o aluno ABC tem medo de: *não sair do jeito que foi elaborado ou não sair da forma que desejo por não ter conhecimento.* Com relação a reunião de referências, veja o que escreveu o aluno DEF: *acredito que reunir um conjunto de referências e interpretar os variados pontos de vista dos autores seja um ponto de dificuldade, para mim.* Um item que chamou a atenção foi a preocupação dos alunos sobre pesquisa de campo, como exemplifica o aluno JS: *ainda não escrevi nenhum artigo, mas imagino que a pesquisa de campo seja um aspecto bem angustiante, pois nem sempre condiz com o aprendizado teórico.* E sobre a última angústia, o aluno WSM diz: *a falta de tempo proveniente de uma rotina de trabalho dificulta a produção textual, pesquisa e leitura.*

Sobre o sexto questionamento, gostaríamos de saber quais os objetivos dos alunos na aprendizagem da escrita acadêmica, apenas 2 alunos não responderam, os demais disseram o seguinte:

Tabela 4 – Objetivos dos alunos na aprendizagem da escrita acadêmica

Objetivos	Quantidade	Percentual
Produção de textos	10	55%
Ampliar conhecimentos	04	22%
Melhorar escrita	03	17%
Não responderam	02	11%

Fonte: Dados da Pesquisa (2017)

Podemos concluir que a maioria dos alunos, 55%, almeja produzir textos acadêmicos para redimir seus medos, e contribuir para a universidade, assim como para o curso de Arquivologia como relata o aluno GHI: *textos na área de Arquivologia são escassos, espero poder contribuir não apenas com a minha aprendizagem, mas também dar mais conteúdo ao curso.*

Percebemos que este projeto contribui para o ensino em Arquivologia, pois a habilidade de ler e escrever é fundamental para um letramento acadêmico esperado na formação universitária. Essa tarefa não terá resultado efetivo de imediato, mas se estende à medida que o discente escreve, reescreve várias vezes o texto. O processo vai dando uma condição e uma qualidade mais consciente de escrita na área do conhecimento escolhida pela estudante.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução de: GOMES, M. E. G. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (1953).

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 168 p.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. 160 p.

GRILLO, S. V. de C.; CARDOSO, F. M. As condições de Produção/Recepção dos Gêneros Discursivos em Atividades de Leitura de Livros Didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. In: ROJO, R.; BATISTA, A. G. **Livro Didático de Língua Portuguesa, Letramento e Cultura da Escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 101-121.

PIRES, E. A. N. A importância do hábito da leitura na universidade. **Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.17, n.2, p. 365-381, jul./dez.,2012. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/viewFile/846/pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

SANTOS, E. C. **Uma proposta dialógica de ensino de gêneros acadêmicos: nas fronteiras do projeto SESA**. 2013. 418 f. Tese (Doutorado em Linguística) -Programa de Pós-Graduação em Linguística- PROLING, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

Compreensão responsiva em palestra: estudo de caso do debate em Arquivologia

Gregório Goldman dos Santos Felipe¹⁷

Resumo

A utilização dos gêneros orais é frequente no cotidiano da sociedade, nas relações existentes entre indivíduos. É notável a partir dos diálogos informais, e até mesmo nas comunicações formais estabelecidas entre sujeitos, se pode perceber o uso desse gênero. O objetivo deste trabalho é abordar, através da Teoria de Bakhtin, como o debate pode ser constituído no ambiente acadêmico. Trata-se de um estudo de caso, sendo um debate ocorrido na UEPB, no curso de Arquivologia, pesquisa de cunho qualitativo. Os dados comprovam que, no debate analisado, houve o conflito de ideias em vez do confronto de ideias. Conclui-se que a compreensão responsiva é fundamental para a construção de um diálogo em que as várias vozes são ouvidas, e não de uma única voz. Ressalta-se que a Arquivologia precisa de diálogos construtivos entre os professores e discentes que visem fortalecê-la continuamente como área do conhecimento científico.

Palavras-chave: Arquivologia. Compreensão responsiva. Debate. Gêneros orais.

17 Discente do Curso de Arquivologia- CCBSA- UEPB / Bolsista PIBIC – UEPB/ CNPq – Cota 2015/2016.

1 Introdução

O gênero discurso oral é utilizado na Arquivologia com frequência, seja em palestra, mesa-redonda, seminário. Focando a pesquisa aqui empreendida no gênero palestra. Para melhor entendimento do que será proposto pelo trabalho, a palestra é compreendida como o momento pelo qual se tem um ambiente destinado a um público específico de determinada área, mais um palestrante - aquele que fará exposição de suas ideias para discussão de alguma temática. Havendo esse exposto, terá um período estabelecido para debate, confronto de ideias, sejam essas complementando os argumentos do palestrante ou com posições contrárias construtivas e críticas.

Este trabalho tem por objetivo apresentar, por intermédio da teoria bakhtiniana, a maneira que devem proceder os agentes envolvidos em um confronto de ideias. Busca entender a relação de comunicação e diálogo entre os docentes e discentes da universidade através de um caso específico, exposto adiante. Contribuir por intermédio dessa análise crítica com o compartilhamento de saberes através da oralidade entre os sujeitos professor e aluno.

Trata-se de um estudo de caso, qualitativo, em uma palestra ocorrida na Universidade Estadual da Paraíba, no curso de Arquivologia. O método utilizado foi a gravação dos discursos durante o debate pós-palestra. Participaram como interlocutores do debate um palestrante, três professores e um aluno.

Pontua sobre as contribuições de Bakhtin para a construção de um diálogo de vozes através da compreensão responsiva. Tendo em vista a relação existente entre boa parte dos alunos nas universidades e seus respectivos docentes, em que o professor fala e o aluno apenas absorve a informação, de modo que não há vozes no diálogo, mas uma única voz, a do mestre, e apenas os ouvidos do receptor, o discente.

2 Breves noções de gêneros orais e sua relação com palestra

Desde o surgimento das primeiras civilizações existe a busca do estabelecimento de relações recíprocas que visam transmitir informações. Nessas relações entre indivíduos é notório perceber a comunicação oral como ponte flexível e essencial para intermediar essa interação entre sujeitos. Quando se trata da universidade não é suficiente usar inconscientemente os gêneros orais, entretanto, é importante conhecê-los, entender os porquês do seu uso na academia. Dentre as considerações construídas por Travaglia *et al* (2013), acerca do que seriam os gêneros orais, é relevante mencionar nesse trabalho a seguinte consideração:

Portanto, podem ser considerados gêneros orais também aqueles que têm uma versão escrita, mas que têm uma realização prioritariamente oral, usando a voz como suporte. Estariam neste caso, entre outros, gêneros tais como: conferências; representação de peças teatrais, telenovelas e filmes que têm um roteiro ou script; as notícias faladas em telejornais e no rádio que geralmente estão previamente redigidas; recontos etc. (TRAVAGLIA *et al*, 2013, p.5).

Desse modo, esse autor afirma que textos redigidos com a finalidade de serem transmitidos para outrem a partir da oralidade são considerados como gêneros orais, apresentando que nessa perspectiva a voz do indivíduo se constituiria como o suporte veiculador do gênero. O autor ainda aborda algumas esferas onde se pode idealizar a presença dos gêneros orais, e dentre essas pontua a esfera escolar e acadêmica. Nessa segunda, é comum presenciar esses gêneros em debates, palestras,

apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), seminários e afins.

Para compreender os gêneros orais na universidade é relevante salientar que eles possuem maior grau de formalidade do que os gêneros orais utilizados nas relações cotidianas dos sujeitos. Para complementar essa pontuação, de acordo com Osias (2010, p.12), “é importante mencionar que cada lugar social de comunicação determina o grau de formalidade do gênero.” Logo, para cumprir o objetivo proposto inicialmente se terá que delimitar a pesquisa para gêneros orais que se constituíam através de formalidades. Não por acaso os projetos científicos, artigos, periódicos, monografias e teses exigem estruturas formais que esteja de acordo com normas e procedimentos de Metodologia Científica.

Osias (2010) aborda diversas formas que levam os alunos a desenvolverem com mais eficiência os gêneros orais no universo acadêmico, dentre essas ela pontua que um possível objeto de ensino do gênero oral seria “a exposição oral, também chamada de seminário, uma das raras atividades orais frequentes na sala de aula”. Mesmo que essa atividade seja muito comum também fora do ambiente acadêmico, ela é fundamental para que os discentes possam entender quais benefícios podem obter a partir da aplicação técnica do gênero oral.

Os gêneros orais podem ser percebidos como instrumentos indispensáveis e úteis como ponte entre a linguagem e comunicação formal. Podendo esses ser adaptados para uso nos diversos trabalhos acadêmicos e exposições do uso da oralidade, dentre essas adaptações na exposição da fala em Palestras. Tratando das palestras acadêmicas, geralmente essas se apresentam com um tom de formalidade, sendo um gênero oral formal, uma vez que essa é planejada, pensada, estudada e executada sob regras de avaliação, tempo pré-estabelecido, linguagem oral formal, com uma temática e público específico.

Para melhor fluidez e retorno das ideias expostas pelo palestrante, sua interação com a plateia é essencial. Como disserta Miranda (2012, p.2), “A interação com o auditório é uma estratégia possível, da qual se pode lançar mão a fim de conseguir a aceitação e o envolvimento do público o que é exposto e de obter uma avaliação do desempenho do palestrante e/ou do conteúdo em tempo real”. Desse modo é significativo o palestrante buscar interagir com a plateia e realizar uma auto avaliação, observando como ocorre transmissão do conteúdo e a recepção desse através dos semblantes e questionamentos da plateia.

3 Contextualização dos dados do debate

Não foi realizada a descrição fiel das falas e dos nomes reais dos professores e do aluno envolvidos por questões autorais e éticas. Dessa maneira esses serão chamados pelas letras A, B, C, D e E. A Palestra ocorrida na UEPB, no curso de Arquivologia, tratou das vivências práticas da palestrante A em instituições privadas e públicas. Essa palestrante relatou a problemática que cada arquivo possuía, ressaltando que sempre apresentou propostas e soluções a seus gestores. Em determinado momento a palestrante A menciona que chegou a aprimorar um sistema de indexação para documentos de guarda permanente, além de iniciar todo processo de indexação desses documentos.

Ao final do discurso, iniciou-se o período para perguntas, comentários, dúvidas, críticas, o debate. O professor B primeiro se expressou, afirmando que só havia indexação na fase permanente dos documentos. Para ele, os usuários (internos) das fases correntes e intermediária não necessitam de consultar documentos indexados, pois esses já conhecem os documentos. Durante a fala desse professor o aluno E, discordando dele e a favor da professora A, entrevistou mencionando que entendia a estrutura

e função do sistema de indexação construído pela palestrante, falando que entendeu o que a professora A quis dizer.

O professor B continuou sua fala e criticou também a construção de guias em instituição com um único fundo arquivístico, pontuando que toda essa problemática se daria pelo motivo da Arquivologia ter uma terminologia de pouco desenvolvimento em comparação com a terminologia de outras áreas do saber, como a Biblioteconomia, de modo que muitos profissionais e professores são “levados” a usarem os termos de áreas do conhecimento próximas da Arquivologia, o que muitas vezes se configura em confusões de conceitos, fundamentos e práticas.

Durante o momento que o professor B fez a exposição de seus argumentos, percebeu-se pelo semblante do professor C, integrante da equipe de organização do evento, que a situação era conflituosa, uma vez que o professor B seria considerado “referência” na área e no curso - uma situação delicada pelos próprios papéis sociais de cada um. Ouvir um depoimento diferente do palestrante, uma voz que refuta o dito inicial, não significa dizer que não se possa existir o diálogo; entretanto, o que se passou foi um silenciamento/abafamento ao se concluir rapidamente o momento de questionamentos, finalizando-os com a fala da professora D do campus que estabilizara com discurso a tensão entre o palestrante e plateia.

3.1 Análise dos dados

Vale enfatizar que o Professor B foi mestre da Professora A que demonstrou sua perspectiva e vivência em diversos ambientes de arquivo onde trabalhou e trabalha. A relação cultural de professor versus aluno, que a voz do professor deve se sobrepor a dos alunos, ainda é muito forte, a ponto do aluno E não enfatizar sobre a temática, no entanto tentar na posição social de aluno apenas amenizar o conflito de ideias.

Percebe-se o medo de ouvir argumentos contrários, ou de responder com novos argumentos o professor. Talvez pelo costume muito enraizado em nossa cultura do ouvir e apenas ouvir, ter medo de questionar. Sendo o debate visto como uma arena de conflitos, onde um indivíduo fala e o outro apenas vai ouvir, ou falará de modo desafiador. Por que não chamarmos episódios como esses de Ditadura do Diálogo?

O entendimento do que venha ser discurso, muitas vezes, é muito fechado, entendido da seguinte maneira: indivíduo X fala e os indivíduos X e Y ouvem. Sendo esses últimos vistos exclusivamente como receptores, não podendo questionar, apresentar suas convicções acerca do que é exposto pelo o indivíduo X. Baseada em Bakhtin, Fanti (2003, p.98) descreve conclusivamente sobre discurso:

A linguagem, sob esse aspecto, constitui-se como uma reação-resposta a algo em uma dada interação e manifesta as relações do locutor com os enunciados do outro. Por isso, temos de considerar que o outro, no movimento dialógico, não é somente o interlocutor imediato ou virtual. É muito mais. O outro projeta-se a partir de discursos variados (passados, atuais, presumidos). São as outras vozes discursivas - posições sociais, opiniões - que vêm habitar de diferentes formas o discurso em construção.

A partir do exposto pela autora, percebe-se que todos sujeitos envolvidos no discurso possuem sua colaboração, sejam opiniões ou indagações. O indivíduo que primeiro se pronunciar em um diálogo deve estar sempre pronto para, terminando de falar, ser indagado, ter sua fala complementada por outro indivíduo, ou pelo menos saber ouvir as vozes de outrem. A palavra se dirige e a compreensão responsiva da palavra em seu sentido particular que possibilita a comunicação entre os interlocutores:

“todo ato de compreensão é uma resposta, na medida em que introduz o objeto da compreensão em um novo contexto[...]” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929, p.94), uma visão de linguagem enquanto ato de realização concreta, pela interação entre os sujeitos falantes.

4 Considerações finais

É comum ver nos discentes da academia uma dificuldade para construir diálogo com alguns professores. Muitas vezes essa dificuldade é apresentada através da linguagem oral dos alunos, do modo como se pronunciam sobre determinado assunto, principalmente na frente de um público seja da mesma turma ou indivíduos da comunidade acadêmica em geral. O medo de questionar, ou a posição social do indivíduo, pode ser a explicação para esse problema.

Percebe-se que há mais conflito do que confronto de ideias, tornando-se a arena de vozes, muitas vezes, um monopólio de voz, em que uma voz deve ser ouvida e apresentada - seja a consonância ao palestrante ou a de quem discorde. Dar-se a entender pelos dados coletados que a prática do debate no curso ainda é passiva, e que existe a supremacia de uma voz sobre a outra.

Conclui-se que a universidade é o ambiente em que docentes e discentes podem expor suas ideias, de maneira que o diálogo se forme com a participação efetiva e harmoniosa de todos os sujeitos inseridos no contexto da discussão. As diversidades de opiniões são fundamentais para construção do conhecimento acadêmico e até mesmo científico.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, 1929 (trad. ing. p/ port. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, 5ª ed., São Paulo: Hucitec, 1990.

FANTI, Maria da Glória Di. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. **VEREDAS - Rev. Est. Ling**, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.95-111, jan./dez. 2003.

MIRANDA, Viviane Marques. **Gêneros Oraís**: exposição oral e debate. Recanto das letras. 2012. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/resenhas/4016931>. Acessado em: 19/08/2016.

OSIAS, Juliene Paiva de Araújo. **Os gêneros orais como objeto de ensino**. Revista eletrônica Temática. Ano VI, n.08 - Agosto/2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. et al. **Gêneros orais**: conceituação e caracterização. Anais do SILEL. Volume 3, número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

Para além da sala de aula: método tecnológico como auxílio do saber em Oficina de Texto II

*Layene Marques da Silva Souza*¹⁸

*Joseane Farias de Souza*¹⁹

Resumo

Este trabalho é oriundo do subprojeto do PIBIC denominado: Linguagem, Cultura e Memória Acadêmica: auxiliando o saber em Oficina de Texto II, coordenado pela professora doutora Eliete Correia dos Santos, em que seu plano de pesquisa teve por objetivo investigar a cultura escrita dos gêneros acadêmicos nos cursos de Arquivologia da UEPB e analisar a cultura digital da turma na disciplina Oficina de Texto II. Essas abordagens culminaram na realização de um diálogo através da comunidade do *Facebook*, e posteriormente por meio do *WhatsApp*, o qual tornou-se bastante eficaz devido a maior praticidade de uso.

18 Discente do curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba – CCBSA. / Bolsista PIBIC – UEPB/CNPq – Cota 2015/2016, Bolsista do PROBEX – 2014/2015, Monitora das disciplinas Oficina de Texto I e II em 2014 e 2015.

19 Discente do curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba – CCBSA / Bolsista PIBIC – UEPB/CNPq – Cota 2015/2016, Bolsista do PROBEX – 2014/2015, Monitora das disciplinas Oficina de Texto I e II em 2015.

Em linhas gerais, a pesquisa despertou o conhecimento sobre o próprio desenvolvimento da graduação em Arquivologia e em como a inserção da disciplina Oficina de Texto II na matriz curricular pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB coopera para o amadurecimento científico. E, no que diz respeito ao aprendizado, a pesquisa se desenvolveu com o contato direto com a monitoria - bastante necessária para o processo de ensino -, de forma a compreender a linguagem utilizada e a tendência da utilização de um meio ou de outro (*Facebook/WhatsApp*). Assim, verificou-se o que motiva a interação para além de uma sala de aula, como também o quanto um aplicativo influencia na dinâmica de absorção do conhecimento.

Palavras-chave: Ensino em Arquivologia. Linguagem. WhatsApp.

1 Introdução

A arquivologia, embora tendo bases técnicas longínquas, se caracterizou no Brasil como uma forma de ensino na segunda metade do século XX - com o curso Permanente de Arquivos (1960) - vinculado ao Arquivo Nacional e, com o desenvolver da área de atuação se consolida enquanto graduação em 1973 (TANUS; ARAÚJO, 2013), sendo o primeiro passo para a expansão do curso superior em Arquivologia.

O curso de bacharelado em Arquivologia na Universidade Estadual da Paraíba foi aberto em 2006, e a disciplina de Oficina de Texto encontra-se na sua matriz curricular como um componente de suporte às demais disciplinas, à medida que ela dá embasamento para a produção científica. Logo, é perceptível que o processo educacional abarca itens diversos para a então formação profissional.

Quando parte-se para a forma de ensino específico da disciplina de Oficina de Texto, neste caso Oficina de Texto II, a

ementa volta-se a construir um artigo científico, além, de conhecer os gêneros acadêmicos. Então, implantar novos meios de comunicação para a retirada de dúvidas e acompanhamento do avanço do corpo estudantil possibilita um maior controle sobre o que está sendo fruto de conhecimento.

2 Metodologia

Para se manter maior contato com os alunos da disciplina Oficina de Texto II, mediante uma característica expansiva, ou seja, que ultrapassem as paredes de uma sala de aula, foram utilizados a página no *Facebook* e o *WhatsApp*, no intuito de um maior auxílio. Sendo assim, a pesquisa se caracteriza enquanto empírica e de abordagem qualitativa.

A técnica utilizada para obtenção de dados foi a observação direta realizada no âmbito de sala de aula, bem como a análise das informações interacionais no *Facebook* e *WhatsApp*, entre alunos e monitores. Esta aplicação se deu entre 2015/2016 com o apoio da monitoria da disciplina mencionada. Para fundamentação desse trabalho, destacamos a filosofia Bakhtiniana discutida por Faraco (2009), a qual trabalha aspectos interacionais e dialógicos; Tanus e Araújo (2013), que trabalham a questão do desenvolvimento histórico do ensino em Arquivologia e, por fim, Luz (2010), que discute a atuação do Arquivista no mundo digital.

3 O uso de tecnologia como auxílio do saber em Oficina de Texto II

Frente a esse momento global chamado Era da Informação, o mundo passa por variadas transformações e a sociedade, conseqüentemente, é influenciada significativamente. O ensino não fica à margem dessas alterações, considerando-se que a

modernização (uso de tecnologias) alcançam as práticas de interação, proporcionando uma aprendizagem diferenciada.

Como consequência disso, temos o *Facebook*, o qual, à priori, se constituiu enquanto ferramenta principal de apoio ao ensino de Oficina de Texto II no curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba em meados de 2015 e início de 2016. Esta interação se deu após a elaboração de uma comunidade na qual estavam inseridos o monitor da disciplina e a totalidade dos alunos. Além do conteúdo expositivo da sala de aula, esses atores discutiam e compartilhavam textos e vídeos que traziam uma compreensão ampla do assunto antes ministrado em sala de aula.

Sobre isso, Bakhtin acredita que a “realidade fundamental da linguagem é o fenômeno social da interação” (FARACO, 2009, p. 121) e que essa não pode ser entendida como apenas a comunicação face a face. Sendo assim, quebram-se as barreiras existentes no ato da comunicação presencial possibilitada pelo advento das tecnologias da informação e comunicação - TICs.

Esse aspecto se cristaliza no ensino-aprendizagem e esses dois não podem ficar estáticos em metodologias arcaicas, mas inovar-se e enquadrar-se nesse novo panorama digital. Luz (2010, p. 65) afirma que “surgem sempre novas formas de interatividade que utilizam novos tipos de interfaces, vitamizam antigas e potencializam a representação do mundo real no virtual”, essa uma característica trivial das TICs, a rápida capacidade de inovação e criação.

Atualmente as evoluções tecnológicas se adequam rapidamente às necessidades sociais - como prova disto, em meados de 2016, em detrimento do *whatsapp*, que tem uma característica espontânea e funções que se tornaram mais eficientes, a comunidade no *Facebook* passou a não ter funcionalidade efetiva. A praticidade de uso, bem como uma comunicação simultânea, fez com que um se sobressaísse ao outro.

O *whatsapp* apresenta uma interface interacional mais simples, rápida e efetiva. Suas funções permitem que a comunicação aconteça de forma mais eficaz. Para orientação da monitoria foram escolhidas algumas, dentre elas, a função anexo e áudio.

3.1 Avanços

Diante desse panorama, a implantação do *Whatsapp* como ferramenta metodológica nos possibilitou uma expansão da atividade de monitoria visto que essa ultrapassou os muros da Universidade.

Sendo a produção de um artigo científico a atividade principal do componente curricular - foco deste trabalho -, o aplicativo nos possibilitou alguns avanços, sobretudo utilizando as funções citadas anteriormente. Utilizando a função anexo que permite anexar à conversa documentos de vários formatos, foi possível trocar indicações de textos - monografias, artigos e dissertações - para que os alunos pudessem trabalhar a fundamentação teórica que compõe o artigo científico.

A função áudio foi de extrema importância, sobretudo pela agilidade de comunicar as informações visto que digitar textos demanda mais tempo que gravar uma faixa sonora. Através dos áudios foi possível sanar as dúvidas dos alunos com maior completeza das informações. Essa função, portanto, foi bastante usual devido à economia de tempo.

Foi possível perceber a eficácia do *Whatsapp* em detrimento do *Facebook*, pois no primeiro os alunos se colocaram enquanto sujeitos ativos no processo de aprendizagem e, neste último, ficou perceptível uma passividade dos alunos na medida em que havia pouca interação. Importante destacar que a comunidade do *Facebook* não possuía a função áudio, o que se tornou um diferencial no aplicativo *Whatsapp*.

4 Considerações Finais

A arquivologia enquanto ciência relaciona-se à informação, e cabe tal reflexão a partir das disciplinas que a compõe. Assim, com a inserção de aplicativos para uma extensão do ensino na disciplina Oficina de Texto II, tornou-se perceptível o quão forte é a busca por celeridade informacional e clareza nas colocações, de maneira a se efetivar uma comunicação limpa que gere conhecimento.

A troca de informações por via oral foi intensa e se constituiu enquanto principal função no aspecto da interação. Pois diante das dúvidas expostas, escrever nem sempre ocasionava uma compreensão exata, a considerar que a escrita é uma representação da fala, logo a mesma não expressa o mesmo nível de entonação ao ponto de se receber a mensagem sem equívocos.

Sendo assim, foi possível captar o que motiva a interação para além de uma sala de aula, como também o quanto um aplicativo influencia na dinâmica de absorção do conhecimento.

A utilização do *WhatsApp* se constituiu enquanto ferramenta primordial no aspecto ensino-aprendizagem entre 2015/2016, período de observação para esse trabalho, sobretudo por conta do aspecto de massificação desse aplicativo que se deu, principalmente, nesse recorte temporal.

Referências

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LUZ, Charley. **Arquivologia 2.0**: a informação digital humana. Excertos de um arquivista 2.0 no mundo digital. Florianópolis: Bookes Editora, 2010.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O ensino da arquivologia no Brasil: fases e influências. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 18, n. 37, p.83-102, mai./ago., 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n37p83/25333>>. Acesso em: 09 de ago. de 2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. Histórico. In.: **Sobre** - Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas. CTIC. 2016. Disponível em: <<http://centros.uepb.edu.br/ccbsa/sobre/>>. Acesso em: 10 de ago. de 2016.

O letramento digital: atuação do Projeto SESA no Curso de Arquivologia da UEPB

*Joseane Farias de Souza*²⁰
*Pedro Augusto de Lima Barroso*²¹

Resumo

A preponderância dos sistemas midiáticos, a comunicação por satélites e as redes de computadores fez surgir uma nova economia e um novo conceito de sociedade, a sociedade planetária, que tem exigido dos sistemas educacionais a formação de um cidadão do/para o mundo, capacitado a empregar os recursos infotelecomunicacionais para a aquisição e construção de conhecimento. As novas Tecnologias da Informação e da

20 Discente do Curso de Arquivologia- CCBSA- UEPB / Bolsista PIBIC – UEPB/ CNPq – Cota 2015/2016, Bolsista do PROBEX – 2014/2015, Monitora das disciplinas Oficina de Texto I e II.

21 Discente do Curso de Arquivologia- CCBSA- UEPB / Bolsista PROBEX – 2015/2016; Bolsista do Programa Ibero-Americano ofertado pelo Santander Universidades, na data estudante de mobilidade da Universidade do Porto, Curso de Licenciatura de Ciência da Informação. Colaborador do Projeto SESA – PROEXT- MEC.

Comunicação (TIC), usadas na comunicação social, estão cada vez mais interativas, pois permitem a troca de dados entre seus usuários, recursos que lhes permitem alternativas e aberturas das mais diferentes. Com o objetivo de ampliar o conhecimento digital dos alunos de Arquivologia para usar a Web 2.0 em atividades de ensino, pesquisa e extensão, esse trabalho se constitui enquanto empírico de cunho qualitativo e os dados foram obtidos a partir da observação direta. Os resultados confirmam que as ações extensionistas contribuíram para a formação integral dos alunos, pois aprender agora não se torna mais uma questão de deslocamento físico, mas também de adequação aos novos dispositivos de aprendizagem.

Palavras-Chave: Arquivologia. Letramento Digital. Projeto SESA

1 Introdução

A preponderância dos sistemas midiáticos, a comunicação por satélites e as redes de computadores fizeram surgir uma nova economia e um novo conceito de sociedade, a sociedade planetária, que têm exigido dos sistemas educacionais a formação de um cidadão do/para o mundo, capacitado a empregar os recursos infotelecomunicacionais para a aquisição e construção de conhecimento. Estamos diante de um novo formato de receber e transmitir informação, e de uma busca incessante de conhecimento, o acesso ao mundo e as suas tradições culturais, com muito mais eficácia e rapidez que outrora.

As novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), usadas na comunicação social, estão cada vez mais interativas, pois permitem a troca de dados entre seus usuários com recursos que permitem alternativas e aberturas das mais diferentes. Essas novas tecnologias que permitem a preparação e manipulação contígua de teores específicos por parte do

professor/aluno e do aluno/professor, codificando-os, decodificando-os, recodificando-os conforme as suas realidades, as suas histórias de vida e as tradições em que vivem, permitem um entendimento mais eficaz, alternando os papéis de emissor e receptor, como co-protagonistas e contribuintes da ação cognitiva.

De acordo com Moran (2007), a sociedade hoje é mais complexa como também as competências necessárias para ela, por isso é preciso repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, e orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender juntos ou separados.

Desse modo, os papéis de professores e alunos passam a abranger mais espaços de atuação. Sujeitos agora capazes de intervir de forma concreta e eficaz em suas próprias realidades. Pode-se inicialmente questionar que tipo de didática deve dar conta das novas competências e habilidades requeridas por uma universidade em processo de transformação. Uma das dificuldades é o conhecimento prévio de software ou programas que podem contribuir para uma melhor atuação do aluno nos usos das TICs.

O objetivo do presente trabalho é demonstrar o letramento digital dos discentes do Curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, realizado pelo Projeto Seminário de Saberes Arquivísticos - SESA, Projeto de Extensão que tem como intuito ampliar o conhecimento digital dos alunos para usar a Web 2.0 em atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Este trabalho se constitui enquanto resultado do Projeto de Extensão - PROBEX (cota 2014/2015, 2015/2016) intitulado “Linguagem, Arquivologia e Tecnologia: O letramento digital no Projeto SESA”, bem como o Projeto de Iniciação Científica – PIBIC (Cota 2015/2016) cujo título é “O uso de tecnologias na Universidade: A vivência do Projeto SESA no moodle”, ambos vinculado ao Projeto SESA.

2 Metodologia

A nossa pesquisa foi de caráter empírico de cunho qualitativo. Os dados foram obtidos a partir da observação direta realizada durante os cursos de capacitação, minicursos, palestras e oficinas, em que os sujeitos da mesma foram os alunos de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba. Todos os eventos ofertados estavam ligados ao eixo temático do Projeto SESA que abarca a Linguagem, Arquivologia e Tecnologia.

3 Resultados e discussão

Em meio ao rápido desenvolvimento tecnológico é necessário que o estudante esteja em constante aprendizado dessas ferramentas, sobretudo como diferencial em seu perfil para inserção no mercado de trabalho.

Pensando nisso, o Projeto SESA se propôs a trabalhar um novo tipo de letramento, diferente do já trabalho no curso de Arquivologia da UEPB, o letramento digital, com o objetivo de proporcionar aos discentes competências infocomunicacionais, acreditando que estas podem ser adquiridas por meio de ofertas de cursos, palestras, minicursos e afins.

Sendo assim, denotamos que com a implementação das atividades desenvolvidas pelo Projeto os alunos puderam expandir seus conhecimentos e as ferramentas que foram apresentadas proporcionaram a utilização prática na produção de artigos, site do evento anual do SESA, formulários online para realização das inscrições, confecção dos certificados dos eventos, entre outros materiais eletrônicos.

Dentre as atividades realizadas destacam-se a videoconferência realizada em parceria com o Instituto Politécnico do Porto, que possibilitou a troca de diversos conhecimentos na área da Arquivística; A palestra sobre o uso dos softwares

Mendeley²² e Start²³ para formatação de trabalhos acadêmicos, realizada pelo Professor Adriano Araújo Santos da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FACISA. Os bolsistas do Projeto também participaram efetivamente se capacitando e, posteriormente, realizando palestras sobre “Como apresentar seminários acadêmicos” para os alunos dos semestres iniciais do curso objeto dessa pesquisa.

4 Conclusões

Conclui-se que as ações colaboraram para que o letramento digital dos discentes do curso de Arquivologia fosse ampliado, pois com todas as atividades realizadas pelo projeto denotamos as melhorias dos alunos no uso das ferramentas que facilitam a construção de trabalhos acadêmicos. Neste sentido, a proposta do projeto é contínua e já discute seu cronograma para a realização de outros cursos para que os discentes aumentem o seu conhecimento científico a partir do uso de softwares especializados e já programa cursos de aprofundamento dos softwares apresentados, visto que os alunos foram muitos receptivos e já se dispuseram a participar dos próximos eventos.

22 O Mendeley funciona como um banco de dados interacional, na medida em que o usuário pode armazenar e criar textos, bem como compartilhá-los em rede com outros usuários e produzirem artigos e outros gêneros em conjunto.

23 O start é um software que permite a leitura metódica de textos e no fim resulta numa análise geral com formação de gráficos que podem, inclusive, corroborar na seção de metodologia dos gêneros acadêmicos.

Referências

MORAN, J. Manuel, BEHRENS, Marilda A, MASETTO, Marcos T. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.

PALLOFF, Rena; & PRATT, Keith. **O Aluno Virtual**: um guia para trabalhar com estudantes on-line. Tradução: Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2004, 216 p.

_____. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço**: estratégias eficientes para a sala de aula on-line. Tradução: Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002, 247 p

Uso de plataformas proprietárias gratuitas para criação de eventos científicos e comunicação: Even3 e wix

*Brunelly Santos Pereira da Silva*²⁴

Resumo

Este trabalho é um relato da experiência em atuação com plataformas proprietárias que oferecem recursos gratuitos, com a finalidade de divulgar eventos científicos e técnicos que necessitam de uma boa comunicação e de uma eficiente estrutura para o bom desempenho e funcionamento em ambiente digital. As plataformas analisadas são a do Even3 e do Wix, que permitiram a realização do VII Seminário de Saberes Arquivísticos do Projeto SESA, do curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba - tanto no que diz respeito à comunicação e publicidade quanto à criação da estrutura do evento científico. A pesquisa é de caráter exploratório que assume um estudo e análise de dados sobre o evento. Criou-se uma ancoragem através de links entre uma plataforma e outra tornando-as interligadas. Assim, pode-se mostrar que um evento pode ser criado com baixo custo ou mesmo custo zero.

Palavras Chaves: Evento Científico. Even3. Wix.

24 Graduada em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB e Técnica em Redes de Computadores / Bolsista PROBEX – 2015/2016; 2016/2017.

1 Introdução

Realizar eventos com poucos recursos de comunicação, às vezes, pode parecer uma tarefa difícil, já que para um evento acontecer precisa-se de um público alvo. Muitos eventos dentro de universidades públicas não dispõem de muitos recursos para a parte de divulgação e toda logística que se faz necessário para a comunicação é realizada entre os participantes e os organizadores.

Nesse sentido, o presente trabalho traz como objetivo geral relatar a experiência de trabalhar com plataformas proprietárias em ambiente digital que oferecem recursos gratuitos para a realização de eventos técnicos e científicos - desde o layout, customização, comunicação, produção de anais -, incluindo aqueles que precisam também que o próprio site cuide da parte financeira. E como objetivos específicos: mostrar as funcionalidades das plataformas e como elas podem interagir entre si; identificar quais as vantagens de utilizar essas plataformas; e mostrar o benefício de viabilizar um evento online.

Essas ações extensionistas foram desenvolvidas no projeto “Linguagem, Arquivologia e Tecnologia: O Letramento Digital no Projeto SESA”²⁵, tendo como objetivo demonstrar a ampliação do conhecimento digital dos discentes do curso de Arquivologia para usar a Web 2.0 em atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Pensando numa forma de realizar um evento de qualidade com *layouts* modernos, canais de comunicação e acessibilidade online para que os participantes interagissem em caso de dúvidas, meio de divulgação fácil e seguro, o Projeto Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA), do Curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), utilizou de duas

25 Colaboradora do projeto nas cotas 2014/2015 e 2015/2016.

plataformas para realizar seu sétimo evento no ano de 2016 tendo como título “I Simpósio do GPAS & VII Seminário de Saberes Arquivísticos”. Ambas as opções oferecem alguns recursos gratuitos com plano básico de uso, mesmo com funcionalidade resumida possuem características que podem ajudar na hora de planejar e realizar um evento, através de ferramentas de fácil manuseio e compreensão. Até mesmo um interessado que não tenha familiaridade com websites e plataformas online não encontrará grandes dificuldades em editá-los.

Hoje a viabilização de eventos online é imprescindível, principalmente se for um evento que busca atingir um público alvo abrangente. Isso facilita o acesso ao evento, participação, acompanhamento de notícia e de transparência. É uma forma de interagir com o público/sociedade. Ter uma noção do que deve ser investido no evento como atividades de workshops e palestras, ou seja, ter um controle estatístico para que os recursos sejam bem usufruídos e que não haja perda desses recursos. É importante lembrar que essas plataformas buscam também lucros, mas primam pelo reconhecimento de apresentar quais benefícios podem oferecer aos seus clientes - daqueles eventos gratuitos em que não serão cobradas taxas de inscrição alguma até aqueles que desejarem cobrar taxas de inscrição e necessitem de controle financeiro.

Sendo assim, o presente relato será apresentado da seguinte forma: na seção 1, estão as devidas argumentações introdutórias; seção 2 traz o percurso metodológico; a seção 3 define o Even3 e seus recursos; a 4 define o Wix e seus recursos; já na seção 5, são relatados os dados do evento; a 6 mostra as peças publicitárias do evento; e, por fim, na seção 7, são tecidas as considerações finais.

2 Percurso metodológico

A pesquisa é de caráter exploratório que assume um estudo e análise de dados. Essa classificação de pesquisa proporciona a familiaridade com o problema tonando explícito ou construtor de hipóteses. Normalmente tomam a forma de estudo bibliográfico ou de estudo de caso (GIL, 2009). Começamos a explorar o Wix e depois o Even3. Um foi ancorado ao outro através de um link no site do wix para levar o usuário à outra plataforma e o mesmo efetuar seu login como usuário, através de um cadastro. Embora ambos estivessem trabalhando em conjunto, é importante dizer que os dois são de desenvolvedores diferentes e tem finalidades diferentes. Portanto, antes de pensar em utilizar qualquer plataforma, é necessário que o desenvolvedor ou organizador do evento tenha bem definido qual a sua necessidade e através dela que deverá procurar sites e plataformas que as atendam. O Wix foi adequado para fazer o ponto de comunicação, divulgação e publicidade. Ele foi customizado com todas as peças publicitárias do evento, ou seja, sua marca. E o Even3 foi utilizado para criar o próprio evento, atribuindo nele as contas do usuário através de login e senha. Assim, estando um interligado ao outro, o evento do SESA foi bem estruturado e teve sua divulgação atendida.

3 O Even3

O Even3²⁶ é uma plataforma que permite a criação de eventos técnicos e científicos através de gerenciamento de forma gratuita. A plataforma é bastante interativa, simples e de fácil compreensão. Ele é um facilitador de gestão de eventos podendo substituir a forma manual e mecânica de realizar todos

²⁶ <https://www.even3.com.br/>

os procedimentos que um evento precisa. Podendo diminuir a criação de várias planilhas e e-mails.

O Even3 traz várias vantagens na hora de auxiliar nos requisitos essenciais de um evento - algumas delas são: criação de login e senha para cada usuário participante, criação de contas de organizadores do evento, e-mail do evento interligado a de todos os cadastrados no evento, controle de cadastrados e atividades (minicursos, workshops, palestras, etc.), índice gráfico do perfil dos participantes e possibilidade de comunicação direta com os organizadores. Ainda pode configurar a quantidade de pessoas que poderão participar do evento numa quantia X ou simplesmente deixar as vagas ilimitadas - e isso também pode ser feito com quaisquer atividades oferecidas (com títulos, horários e palestrantes especificados).

Figura 1 - Layout do evento disponibilizado para os organizadores na área de planejamento do Even3.

I Simpósio do GPAS & VII Seminário de Saberes Arquivísticos
<https://www.even3.com.br/gpas>

Planejamento Acompanhamento

✓	Criar evento	Acesse
✓	Preencher informações básicas sobre seu evento	Acesse
✓	Cronograma inscrição	Acesse
✓	Cadastrar entradas	Acesse
✓	Cadastrar atividades	Acesse
✓	Período de inscrição em atividades	Acesse

Fonte: dados do trabalho (2016).

A maioria dos recursos oferecidos pelo Even3 são gratuitos, ao menos aqueles mais importantes para montar o evento. Porém vale ressaltar que alguns desses recursos são pagos, como é o caso da parte financeira do evento e a plataforma, por controlar essas finanças, cobra uma taxa por essa atividade. Caso o evento seja totalmente gratuito, os organizadores não terão dispêndios, e aqueles que desejarem utilizar desse recursos irão ter um acompanhamento em relação a parte financeira do seu evento. Contudo, mesmo aqueles que ainda assim estejam organizando um evento que seja pago nada lhes impedem de tornar a forma de pagamento a critério.

4 O Wix

O Wix²⁷ é um construtor online de sites gratuitos, com *templates* interativos e modernos. Ele permite que o usuário edite seu site e customize através de suas ferramentas, construindo um espaço de comunicação e publicidade, com designs criativos. Não é necessário entender de programação, o site é criado em HTML5, muito parecido com os blogs atuais, porém com mais recursos e opções de customização. O site promove o uso adequado para quaisquer dispositivos (computadores, smartphones e tablets), variados *templates* e domínio próprio. Todas as comunicações, avisos, programações e informações do evento do SESA foram transmitidas por este site.

²⁷ <https://pt.wix.com/>

Figura 2 - Área de trabalho de construção do site no Wix.



Fonte: elaboração da autora (2016)

Como mostrado na figura 2, a aparência da construção do site é muito parecida com os blogs, porém com mais ferramentas para se trabalhar. O cadastro no site também é simples basta ter um e-mail e aceitar os termos de compromisso disponibilizado na página do Wix.

5 Dados sobre o VII SESA

O evento conjunto do I Simpósio do GPAS & VII Seminário de Saberes Arquivísticos foi planejado com os seguintes recursos do Even3: planejamento, gerenciamento, planilhas, e-mail, atividades, cadastro, submissão de trabalhos acadêmicos e pós o evento foi solicitado o recurso de elaboração de Anais (a parte de Anais foi custeada). Contudo, nota-se que para eventos sem fins lucrativo pode-se utilizar dessas plataformas sem gastos. O VII SESA contou com 170 (cento e setenta) pessoas inscritas e que

foram acompanhadas pelo sistema, 30 (trinta) trabalhos submetidos, em duas modalidades - “arquivo, linguagem e memória” e “saberes e fazeres do campo arquivístico”; também foram oferecidas quatro atividades (workshops). Os quadros abaixo são dados específicos sobre as atividades desenvolvidas durante o evento, quais os perfis dos participantes e qual a porcentagem de trabalhos científicos submetidos (Ver quadro 1, 2 e 3).

Quadro 1 – Atividades oferecidas pelo evento.

ATIVIDADES OFERECIDAS PELO EVENTO		
Nome da Atividade		Nº Vagas
1º	Curso Básico de Conservação Preventiva em Documentos Bibliográficos.	26
2º	Discussões Interdisciplinares entre a Arquivologia e Acessibilidade: Abordagens Teóricas e Aplicações Práticas em Arquivos.	30
3º	Ferramenta Gestão do Tempo para Aumentar a Produtividade no Setor Arquivístico.	16
4º	Pesquisa Científica e Normalização Documentária: Aplicabilidade nos TCCs de Arquivologia.	30

Fonte: elaboração da autora (2016).

As vagas oferecidas foi uma forma de aproximar o evento daqueles que tinham interesse de participar de minicursos, para conhecer técnicas e temáticas que estão sendo discutidas pelos pesquisadores e docentes do campo arquivístico, além das palestras e mesas-redondas realizadas durante o evento. O VII SESA contou com inscritos de diversos níveis de estudantes, sejam eles do Ensino Médio até pós-graduados.

Quadro 2 – Porcentagem dos perfis inscritos no evento.

PORCENTAGEM DOS PERFIS INSCRITOS NO EVENTO	
Ensino Médio	4%
Graduação	60%
Especialista/Pós-Graduado	16%
Mestrado	16%
Doutorado	4%

Fonte: elaboração da autora (2016).

Como demonstrado no quadro acima o interesse pelo evento contou com a participação de alunos do Ensino Médio que tinham interesse de conhecer o curso de Arquivologia. Contudo, seu maior alcance foi nos alunos graduandos do curso de Arquivologia, sabendo que esse era o público alvo do evento.

Quadro 3 – Atividades oferecidas pelo evento.

PORCENTAGEM DE TRABALHOS SUBMETIDOS	
Área Temática	%
Arquivo, Linguagem e Memória	33%
Saberes e Fazeres do Campo Arquivístico	67%

Fonte: elaboração da autora (2016).

6 Peças Publicitárias

As peças publicitárias fazem parte da comunicação de um evento, servem para caracterizar o seu perfil, dando marca e roupagem própria. Todas as peças foram construídas através de programas de design e vetores. As peças publicitárias servem como um canal de comunicação. É uma forma criativa de chamar

a atenção de um público para que esses contratem produtos e serviços. Esse meio de interagir com o público é bastante chamativa num evento já que as peças passam mensagens e fazem convites mesmo que inconscientemente, além se ser uma forma de identificar determinado evento (Ver Fig. 1, 2, 3 e 4).

Figura 1 – Cabeçalho do evento



Fonte: elaboração pela autora (2016)

Figura 2 – Cartaz do evento



Fonte: elaboração pela autora (2016)

Figura 3 – Capa do anais (Even3)



Fonte: elaboração pela autora (2016)

Figura 4 – Certificado no evento disponibilizado no Even3



Fonte: elaboração pela autora (2016)

7 Considerações finais

Como demonstrado, existem meios de desenvolver um evento através de plataformas gratuitas com baixo custo ou zero custo. Os dados do VII SESA apontam um número relativo de cadastros, atividades e perfis diferenciados que participaram do evento. Um número considerável de estudantes pode usufruir das propostas oferecidas pelo SESA com mais facilidade do que se fossem utilizar de cadastros manuais. Essas ferramentas possibilitaram o acompanhamento online de todo evento. A intenção dos organizadores foi causar um efeito facilitador de acesso a todas as informações. Nesse sentido, os recursos utilizados cumpriram com todas as necessidades atribuídas a eles, mostrando-se eficaz e utilitário. Portanto, criar um evento científico pode não ser sinônimo de grandes investimentos, mas de

entender as possibilidades de materiais e recursos disponíveis no mercado, respeitando seus termos de compromisso e planos.

Referências

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. – 4. ed. – 13, reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

EVEN3. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/>>. Acesso em: 12 Maio. 2017.

WIX. Disponível em: <<https://pt.wix.com/>>. Acesso em: 12 Maio. 2017.

Google Acadêmico: mecanismo de auxílio na construção de trabalhos científicos

*Maria Eduarda de Oliveira Santos*²⁸

Resumo

Este trabalho procura analisar o uso do Google Acadêmico como recurso na edificação de trabalhos científicos, bem como suas funcionalidades e aplicações, entendidas aqui como mecanismos beneficiários para pesquisadores e alunos. Ademais, houve uma pretensão de expor à comunidade acadêmica um instrumento útil para o âmbito científico. Os procedimentos metodológicos são de uma pesquisa exploratória, de cunho quanti-qualitativo, com a aplicação de dois questionários aos discentes do curso de Bacharelado em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus V. Os dados revelam que muitos conheciam a ferramenta, no entanto não exploravam profundamente suas funcionalidades, pois não a dominavam. Conclui-se que este instrumento de pesquisa pode ser uma assertiva um tanto

28 Bacharelanda em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Bolsita do programa de monitoria - Oficina de Texto II e colaboradora do projeto SESA – PROPESQ.

promissora na concepção de trabalhos científicos em geral, além de proporcionar um vasto conteúdo acerca da literatura erudita acadêmica.

Palavras-chave: Ensino em Arquivologia. Google Acadêmico. Instrumento de Pesquisa.

1 Introdução

A Arquivologia, enquanto ciência associada ao uso e acesso à informação, gera conhecimento constantemente e, por consequência, evoca a necessidade e o dever de compartilhá-lo, visto que se precisa dar retorno à comunidade científica a respeito das pesquisas ou atividades realizadas, assim como a disseminação dos resultados, sejam eles parciais ou finais. Nesse sentido, ressaltamos que “a formação de arquivistas esteja referida às demandas sociais e científicas do moderno profissional da informação”. (JARDIM; FONSECA, 1999, p. 198).

Para a busca de determinado conhecimento e/ou resultados pode-se procurar em ferramentas eficientes e automatizadas que forneçam informações desejadas pelo pesquisador, dentre tantos dispositivos para consulta que auxiliem na construção de trabalhos científicos, como por exemplo SciELO e Periódicos da CAPES. Aqui nos deteremos ao Google Acadêmico (GA).

No programa de monitoria acadêmica da disciplina Oficina de Textos II observou-se a dificuldade dos discentes em redigir seus trabalhos, visto que as pesquisas e trabalhos antes do ensino superior não possuíam tanto rigor, logo, manifesta-se uma barreira que precisa ser suplantada. Entendemos aqui que o GA poderia ser uma assertiva, principalmente para alunos principiantes no quesito construção de trabalhos científicos.

A disciplina de Oficina de Textos II é um componente curricular do Curso de Arquivologia da UEPB e que serve de embasamento para outras disciplinas, pois fundamenta a

produção científica, proporciona o conhecimento aos gêneros textuais acadêmicos, bem como a construção destes. À vista disso, objetivamos explicar o uso do Google Acadêmico como recurso na edificação de trabalhos científicos, tal como suas funcionalidades e aplicações, entendidas aqui como mecanismos beneficiários para pesquisadores e alunos. Ademais houve uma pretensão de expor para a comunidade acadêmica um instrumento útil para o âmbito científico.

O Google Acadêmico é uma ferramenta do Google (empresa multinacional norte-americana de serviços online e softwares) que permite o acesso a um grande acervo sobre os mais variados assuntos, os quais podem ser encontrados na literatura acadêmica em geral (artigos científicos, teses de doutorado, resumos, livros, etc.).

Além disso, há trabalhos em múltiplos idiomas, que podem ser traduzidos, elevando ainda mais as possibilidades de pesquisa. Existem ainda várias outras funcionalidades listadas adiante.

Dessa forma, neste trabalho buscamos apresentar o Google Acadêmico como mecanismo de auxílio na elaboração de trabalhos científicos, descrever suas aplicações e utilidades, apontar algumas críticas e contribuições da plataforma para as obras acadêmicas e analisar os resultados.

2 Procedimentos metodológicos

Realizou-se uma pesquisa exploratória, com abordagem quanti-qualitativa, por entendermos que a integração entre essas abordagens “permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação em particular”. (GOLDENBERG, 2004, p.62).

Os instrumentos de coleta de dados foram dois questionários com perguntas pertinentes à temática abordada na pesquisa: o primeiro foi aplicado antes de qualquer esclarecimento acerca do GA. Posteriormente, apresentou-se tal ferramenta e efetivou-se a realização do segundo questionário.

Os colaboradores foram alunos do segundo período do curso de Bacharelado em Arquivologia, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus V, matriculados nos turnos diurno e noturno, que por sua vez tinham a tarefa de formular um artigo acadêmico. O universo da pesquisa corresponde a 59 alunos, mas a amostra contou com 31 participantes, em virtude da ausência de alguns estudantes no momento da aplicação dos questionários.

Ambos os questionários possuíam três perguntas de questões objetivas que apresentavam duas alternativas (sim e não). Conforme Richardson *et al.* (1999, p. 194 *apud*) GUIMARÃES, 2009), o questionário de perguntas fechadas apresenta como vantagens o fato das respostas serem de fácil decodificação, e que o respondente tem facilidade em responder às questões apenas marcando “x” na alternativa correspondente, elevando assim as chances de que o questionário seja integralmente respondido.

O presente trabalho respalda-se também num estudo aprofundado ao site do Google Acadêmico. Vale enfatizar que o tema denota uma literatura um tanto escassa.

3 Google Acadêmico: utilidade

O GA, também denominado como Google Scholar, na versão em inglês, é uma ferramenta gratuita, que proporciona a localização de trabalhos acadêmicos dos mais variados tipos. Conforme Gaudêncio, Figueiredo e Leite (2009, p. 16):

O Google Acadêmico fornece uma maneira simples de pesquisar literatura acadêmica de

forma abrangente. Você pode pesquisar várias disciplinas e fontes em um só lugar: artigos revisados por especialistas (peer-reviewed), teses, livros, resumos e artigos de editoras acadêmicas, organizações profissionais, bibliotecas de pré-publicações, universidades e outras entidades acadêmicas. O Google Acadêmico ajuda a identificar as pesquisas mais relevantes do mundo acadêmico.

Similarmente, o Google conceitua:

O Google Acadêmico fornece uma maneira simples de pesquisar amplamente literatura acadêmica. De um lugar, você pode pesquisar através de muitas disciplinas e fontes: artigos, teses, livros, resumos e opiniões de tribunais, de editoras acadêmicas, sociedades profissionais, repositórios on-line, universidades e outros sites. (2017, tradução nossa).

Diante desse contexto, faremos uma breve crítica concordando com Noruzi (2005), que aborda a abrangência do Google Scholar como sendo fundamentada em toda informação publicada na *Web*, considerada de cunho acadêmico, porém alguns materiais não podem ser assim classificados, como no caso das apostilas e apresentações. No entanto, atualmente a disciplina de Metodologia Científica, ofertada pelos cursos superiores, esclarece o conteúdo apropriado para a formulação de trabalhos científicos. Isto pode ser verificado na conceituação proposta por Silva (2005, p. 23):

Metodologia científica aqui entendida como um conjunto de etapas ordenadamente dispostas que você deve vencer na investigação de um fenômeno. Nessas etapas estão incluídos desde a escolha do tema, o planejamento

da investigação, o desenvolvimento metodológico, a coleta e a tabulação de dados, a análise dos resultados, a elaboração das conclusões e até a divulgação de resultados.

Verifica-se a importância da Metodologia Científica para o desenvolvimento de produções acadêmicas, há estímulo para que as produções sejam pertinentes e bem estruturadas, além de auxiliar na superação das dificuldades encontradas no decorrer da construção de obras científicas.

3.1 Utilidades exploradas ao analisar o GA

Para manusear esta ferramenta, a princípio, é preciso acessar o site: <<https://scholar.google.com.br/>>, em seguida deve-se digitar o título de determinado trabalho (se estiver à procura de uma obra em especial), o nome do autor (se houver interesse apenas nas produções de determinado escritor) ou um termo/assunto específico, por exemplo: “memória”. Nesta etapa, há a possibilidade de escolha de idioma, destacamos que mesmo em línguas estrangeiras as páginas podem ser traduzidas para o português.

Salienta-se que, em alguns casos, para a realização de *downloads* é preciso que o pesquisador esteja conectado numa conta do Google, mas isso não é caracterizado como problema. Ademais, analisando o site, verificou-se que a busca pode ser filtrada, aumentando a precisão da ferramenta, sendo possível classificar por tempo cronológico, por exemplo - isso ocorrerá se a opção “Classificar por Data” for clicada.

Vale destacar que existe a oportunidade de escolher um período de tempo específico - por exemplo, de 2015 a 2017; nessa alternativa, serão listados apenas trabalhos entre esses períodos. Encontra-se ainda a opção de incluir patentes ou citações relacionadas com o assunto da busca.

Sobre citações, ressaltamos que o GA apresenta a opção “citar”, se clicada mostrará a referência completa da obra (conforme as normas da MLA, NBR 6023 e APA). Além disso, quando listadas, as obras apresentam certos critérios de relevância, dentre eles está o de citação. Os trabalhos mais citados costumam ser elencados inicialmente, pois subentende-se que são trabalhos de destaque; por conseguinte, a obra recuperada poderá ser localizada junto aos documentos que posteriormente o citaram (NORUZI, 2005) - observa-se essa afirmativa na opção “citado por”.

Mugnaini e Strehl (2008, p. 100) ressaltam a importância das citações para o Google Scholar no seu processo de indexação, ao relatar que “[...] as citações deixaram de funcionar exclusivamente como recurso de recuperação de documentos úteis sobre um dado tema, para ser um indicador de visibilidade das publicações.”

A respeito da forma como o apetrecho classifica os resultados de busca, além do critério de frequência de citações em outras publicações, há uma análise íntegra de cada obra, pretendendo identificar se o autor é reconhecido na área do conhecimento e se dispõe de contribuições valorosas, se estiverem dentro desses critérios, conseqüentemente, seus trabalhos emanam fortes influências e merecem ser listados preliminarmente.

Percebe-se que o GA possui amplo direcionamento de estudo, inclusive na exploração de citações, como é posto por Caregnato: “[...] o Google Acadêmico pode ser instrumento extremamente útil para o estudo de citação, especialmente nas ciências humanas, sociais e sociais aplicadas [...]” (2012, p. 75).

Outra utilidade seria a Biblioteca do Google Acadêmico, um jeito prático de reunir material para pesquisas científicas. Serve para o aluno ou pesquisador guardar suas próprias publicações, importar trabalhos em que foi citado e o que mais lhe for útil, para isso basta clicar em “Salvar” abaixo do resultado

da pesquisa e automaticamente o conteúdo será armazenado na biblioteca. Lembramos que para a visualização de todos os trabalhos da sua biblioteca, e até mesmo para procurar o texto completo, clica-se em “Minha Biblioteca” - e aqui há a necessidade do usuário dispor de um Login em uma conta do Google.

Na área “Minhas Citações” ficam agrupados todos os trabalhos científicos que tenham citado algum trabalho de sua autoria, uma forma bastante interessante de acompanhar trabalhos que foram influenciados por suas pesquisas a produzir novos conteúdos. Para o funcionamento exato dessa opção é crucial preencher claramente os campos que forem convenientes para o pesquisador e, novamente, é preciso estar logado numa conta do Google.

Na funcionalidade de pesquisa avançada, notamos que é possível refinar ainda mais a sua busca, pois poderá excluir determinadas palavras, delimitar frases ou termos exatos, a localidade desses termos ou frases (no título ou no corpo textual do trabalho), focando em resultados de autoria singular ou em um único periódico - e ainda pode ser utilizada a opção de data específica.

A seção “Métricas” possibilita que sejam consultados periódicos relevantes para certas áreas do conhecimento, que são listados conforme o número de citações recebidas. Por conseguinte, a função “Alertas” propicia a criação de alertas referentes a determinados temas e termos que serão enviados quando novas publicações estabelecidas nessas circunstâncias forem indexadas. Salienta-se ainda a extensão do Google Acadêmico, o pesquisador/estudante pode adicionar esta extensão ao seu navegador, que irá inserir um botão no navegador para o acesso rápido ao GA.

Jacsó (2005) explana sobre a busca em índices criados com base no texto completo do documento primário, como uma das grandes vantagens da recuperação por intermédio do GA; pois facilita e agiliza a busca do conteúdo, já que os índices

são fundamentados na própria obra. No que tange os conteúdos pagos, indexa-se os trabalhos publicados, contudo o usuário somente acessa gratuitamente os resumos e sumários.

Esta ferramenta oferecida pelo Google possui tamanha competência que manifestou o questionamento de Mugnaini e Strehl (2008, p. 98) sobre “como uma ferramenta tão eficiente pode ser oferecida gratuitamente”. Os autores afirmam que há vantagens nesse instrumento sobre o próprio Google, principalmente na abrangência das pesquisas, devido à contemplação exclusiva de informações científicas, possibilitando “a obtenção de resultados com um nível menor de revocação”.

Acrescentamos que estas utilidades deveriam ser mais aprofundadas pelo Google, poderiam dispor de balões explicativos, que serviriam para detalhar cada funcionalidade, pois esses serviços apresentados anteriormente foram especificados devido ao estudo e uso contínuo do site.

4 Google Acadêmico: auxílio na construção de trabalhos científicos

Através do programa de monitoria ofertado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) constatou-se que os alunos possuem notórias dificuldades na edificação de trabalhos científicos, principalmente a respeito dos artigos acadêmicos, uma vez que esse gênero acadêmica lhes é proposto como produção curricular.

Os discentes encontram obstáculos que dificultam o caminho até a conclusão do trabalho, dentre eles estão a problematização de normas técnicas, levantamento de fontes e um prazo determinado. Destacamos o GA como uma alternativa promissora, principalmente acerca da revisão de literatura, que concerne um estágio bastante relevante em um projeto de pesquisa, pois abrange a fundamentação teórica a ser abordada,

juntamente com a análise do que já foi publicado pode-se impedir a repetição de trabalhos já existentes, ocasionando o avanço da pesquisa:

Por meio da revisão da literatura, reportamos e avaliamos o conhecimento produzido em pesquisas prévias, destacando conceitos, procedimentos, resultados, discussões e conclusões relevantes para o trabalho. Discutimos, portanto, as questões relacionadas ao estado da arte da área em que nossa pesquisa se insere. (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 91).

Devido às utilidades desta ferramenta, a pesquisa reverte-se exclusivamente a fontes acadêmicas, incluindo periódicos e servidores de bibliotecas. Dessa maneira, o pesquisador pode desfrutar da economia de tempo, pois não haverá uma busca geral em que os resultados são oriundos de fontes diversas.

Nota-se uma incitação a não cometer plágio e nesse contexto inserimos as funcionalidade “citar” e “Minhas Citações”. Na primeira há o incentivo ao processo de referenciar ou determinar o direito autoral da obra em questão; na segunda, caso o autor queira agrupar e acompanhar obras que citaram algo produzido por ele, podendo inclusive observar se não há infração da legislação sobre direitos autorais.

Esclarecendo que há penalizações para tal crime, como expressa o Decreto-lei Nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998 do Código Penal brasileiro: a pena para a violação de direitos autorais consiste em detenção de três meses a um ano ou multa.

O GA adotou o famoso lema citado por Isaac Newton, “sobre os ombros de gigantes”, como uma forma de convite para a utilização da ferramenta como meio de localização de textos úteis e produzidos por “gigantes”. Quando o renomado cientista mencionou esta frase pretendeu reconhecer as grandes mentes

que o antecederam, portanto, compreende-se que a possibilidade de avançar se deu através de trabalhos anteriores.

Percebe-se uma preocupação evidenciada no Google Acadêmico em reconhecer os pesquisadores que contribuem para a sociedade científica. Ao se deparar com essa frase na página inicial da plataforma, subentende-se que há documentos de alta qualidade, e este instrumento de pesquisa se dispõe a oferecer a rápida e fácil localização destes.

5 Resultados e discussão

Os questionários foram aplicados nas turmas do segundo período do curso de Bacharelado em Arquivologia da UEPB – Campus V; os colaboradores foram discentes tanto do turno diurno como do turno noturno, no total foram trinta e um respondentes. A realização do primeiro questionário teve como objetivo identificar se os alunos tinham conhecimento do Google Acadêmico e suas respectivas funcionalidades, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Perguntas do primeiro questionário.

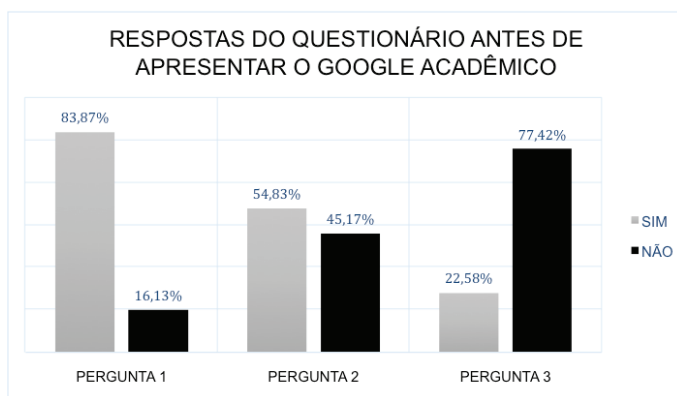
	Perguntas feitas antes de apresentar o Google Acadêmico
1	Você conhece o Google Acadêmico?
2	Você já utilizou o Google Acadêmico?
3	Você sabia que o Google Acadêmico oferece diversos recursos além de pesquisas acerca de temas acadêmicos? Por exemplo a opção “citar”, que remete a forma pronta da referência do trabalho em questão.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Os resultados do primeiro questionário revelaram que a maioria dos alunos já conhecia a ferramenta, mais da metade já havia utilizado. No entanto, poucos conheciam suas

funcionalidades de modo mais aprofundado, pois, baseando-se nos dados obtidos, verificou-se que grande parte dos discentes que já conhecia a ferramenta somente utilizava o mecanismo como mero instrumento de pesquisa e não explorava nem usufruía dos demais recursos que são oferecidos. Os percentuais das respostas podem ser observados no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Respostas do primeiro questionário



Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Esta problemática de não utilizar inteiramente as funções oferecidas pelo GA pode se dar ao fato de não haver detalhamento destas. Os usuários são incapazes de utilizar as ferramentas sem conhecê-la. Como já mencionado anteriormente, balões com textos explicativos seriam bastante úteis. Até mesmo porque não há sentido em dispor de utilidades que não serão usadas.

Após a aplicação do primeiro questionário aplicado à turma de Arquivologia, apresentou-se o Google Acadêmico, explorando detalhadamente o site e suas funções. Os lecionandos demonstraram notória curiosidade em relação ao dispositivo, visto que muitas das suas utilidades poderiam ser empregadas na edificação de seus artigos, simplificando o processo de construção do mesmo.

O segundo questionário, por sua vez, instituía o propósito de constatar se, após a apresentação do Google Acadêmico, os estudantes detinham mais interesse na ferramenta, se pretendiam utilizar posteriormente, não só na construção do artigo que era requerido pelo componente curricular, todavia para qualquer trabalho de cunho acadêmico. Os questionamentos desta fase da pesquisa podem ser analisados no Quadro 2.

Quadro 2 – Perguntas do segundo questionário.

Perguntas feitas após a apresentação do Google Acadêmico	
1	Você concorda que o Google Acadêmico poderá ajudar na construção dos seus trabalhos acadêmicos?
2	Você pretende utilizar esta ferramenta na construção de trabalhos futuros?
3	Você considera relevantes as funções oferecidas pelo Google Acadêmico para a elaboração e controle de trabalhos científicos?

Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Com a obtenção das respostas do segundo questionário, denotamos o quanto os discentes valorizaram a plataforma, já que o percentual para as perguntas foram 100% positivas, mas esta valorização não se limitou apenas observando as respostas do questionário, pois em sala de aula os discentes também demonstravam apreço pela plataforma.

Notou-se, ainda, que os indivíduos pretendiam usar desse artifício para qualquer trabalho futuro. Ademais, foi possível perceber que consideraram de suma importância os recursos ofertados pelo GA, pois puderam expandir seus conhecimentos e passaram a contar com um auxiliador de trabalhos científicos. Novamente, deduzimos que as explicações são cruciais para haver o efetivo uso das aplicações.

6 Considerações finais

O Google Acadêmico pode ser usado para encontrar itens necessários para novas pesquisas, tanto quanto para a verificação de quem fez uso de seus estudos para produzir novos conteúdos. Além disso, confere visibilidade a diversas publicações, permitindo que os trabalhos acadêmicos encontrados na *Web* sejam acessíveis e de fácil localização. O próprio Google descreve como um de seus recursos o acompanhamento dos “[...] desenvolvimentos recentes em qualquer área de pesquisa.” (2017, tradução nossa).

O presente trabalho apresentou o GA como uma ferramenta que pode ser utilizada por pesquisadores e acadêmicos como instrumento de pesquisa e facilitador ou colaborador na concepção de trabalhos científicos, pois suas funções podem ser aplicadas desde o processo de revisão da literatura até o armazenamento de conteúdo para pesquisas futuras e controle de citações de obras próprias.

Frisamos que o Google Acadêmico pode ser um grande auxiliador na identificação de pesquisas mais relevante em todo o âmbito de pesquisas eruditas, pois fornece os resultados das pesquisas baseando-se no critério de citações, ou seja, deduz que as obras que foram citadas em maior número merecem destaque, deste modo são elencadas inicialmente. Entende-se que as produções pertinentes são determinadas pelo próprio pesquisador, visto que se baseia na quantidade de vezes em que aquele conteúdo foi citado em outras obras.

Os relatos aqui expostos levaram à conclusão de que o GA pode ser uma alternativa promissora para a concepção de trabalhos científicos em geral. Devido ao fornecimento de suas utilidades, o pesquisador/estudante de qualquer esfera poderá ter acesso a um vasto acervo acadêmico, além de contar com várias funcionalidades que simplificarão etapas do processo de

criação de suas obras. Dessa maneira, haverá uma agilização no compartilhamento de conhecimento por parte do universo científico, embora precise otimizar o detalhamento de suas funções.

Acentua-se que há necessidade do aperfeiçoamento dos estudos relativos à temática aqui apresentada, em busca de outras abordagens e observações que não foram contempladas.

Referências

BRASIL. **Decreto-Lei Nº 9.610**, de 19 de fevereiro de 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>. Acesso em: 03 mar. 2017.

CAREGNATO, Sonia Elisa. Google Acadêmico como ferramenta para os estudos de citações: Avaliação da Precisão das Buscas por Autor. **PontodeAcesso**, v. 5, n. 3, p. 72-86, 2012.

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA MATER CHRISTI. 2009. Disponível em:<<http://docplayer.com.br/5896668-Guia-de-fontes-eletronicas-de-informacao-um-contributo-a-pesquisa-academica.html>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

GAUDÊNCIO, Sale Mário; FIGUEIREDO, Jéssica; LEITE, Rodrigo de Almeida. **Guia de Fontes Eletrônicas de Informação: um contributo à pesquisa acadêmica**. 2009.

GOOGLE. Sobre o Google Acadêmico. 2017. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/intl/pt-BR/scholar/about.html>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais, 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUIMARÃES, M. V. A. F. **Compartilhamento de informação e conhecimento em equipes de desenvolvimento de software**. 2009. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

JACSÓ, P. Google Scholar: the pros and the cons. **Online Information Review**, v. 29, n. 2, p. 208-214, 2005.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (Org.). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói, RJ: EdUFF, 1999.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, v. 15, 2010.

MUGNAINI, Rogério; STREHL, Letícia. Recuperação e impacto da produção científica na era google: uma análise comparativa entre o google acadêmico e a web of science 10.5007/1518-2924.2008.v13nesp1p92. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 13, n. 1, p. 92-105, 2008.

NEWTON, Isaac. 1977. **The Correspondence of Isaac Newton**, v. 7, 1959.

NORUZI, A. Google Scholar: the new generation of citation indexes. **Libri**, v. 55, n. 4, p. 170-180, 2005.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. UFSC, Florianópolis, 4a. edição, v. 123, 2005.

VIEIRA, S. **Como Elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

Parte III

**Projeto SESA:
uma década de memória**

O prazer e a leveza da construção coletiva do aprendizado

*Henrique Elias Cabral França*²⁹
*Tereza Ludimila de Castro Cardoso*³⁰
*Jefferson Higino da Silva*³¹
*Igor Vinícius Pinto de Sales*³²
*Eliete Correia dos Santos*³³

É notório que um projeto acadêmico como o SESA se constrói a partir de bases sólidas como a) proposta científica clara, b) métodos de ensino-aprendizagem coerentes e c) avaliação constante de suas atividades, com vistas ao aprimoramento desses caminhos, além de outros aspectos. Compor um quadro

29 Docente do Curso de Arquivologia do Campus V – UEPB / Mestre em Ciência da Informação.

30 Discente do Curso de Arquivologia- CCBSA- UEPB / Bolsista PIBIC – UEPB/ CNPq – Cota 2015/2016; 2016/2017, Colaboradora do SESA - PROEXT-MEC, Monitora das disciplinas Oficina de Texto I.

31 Arquivista egresso da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB / Bolsista PIBIC – UEPB/CNPq – Cota 2014/2015.

32 Discente do Curso de Arquivologia- CCBSA- UEPB / Bolsista PIBIC – UEPB/ CNPq – Cota 2016/2017

33 Docente do Curso de Arquivologia do Campus V – UEPB / Coordenadora-geral do Projeto SESA.

de registros dessas atividades ao longo de dez anos pressupõe atividade imensa e, por que não, ingrata diante da necessidade de abrir mão de tantas informações acumuladas nessa trajetória em detrimento a outras. A memória, porém, se dá pela seleção – e nesse caso não poderia ser diferente.

Portanto, aqui temos um recorte amplo, mas não exaustivo, de uma década de SESA – de ações de extensão a apresentação de trabalhos acadêmicos em eventos no Brasil e além-mar; da produção acadêmico-literária à promoção de visitas técnicas e culturais; da realização dos Seminários de Saberes Arquivísticos como “eventos-base” aos encontros de planejamento de novas ações. Há um pouco do muito que esse Projeto tem desenvolvido e produzido nesses dez anos, para que essa história feita a tantas mãos possa ser testemunhada, nestas linhas, por outros tantos olhos debruçados nestas páginas.

A evolução dos Seminários SESA...

As três primeiras edições do Seminário de Saberes Arquivísticos (I, II e III, ocorridas de 2007 a 2009) – que originalmente integraram a “semana de atividades culturais, científicas e acadêmicas” – envolveram atividades sobre gêneros textuais no âmbito da Universidade. As ações foram idealizadas com foco na interdisciplinaridade entre os componentes curriculares “Oficina de Textos” e “Metodologia Científica”, inseridos na estrutura curricular do Curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Os encontros voltaram-se à dinamização das produções dos alunos, com realização de comunicação oral, e sobre o entendimento da escrita com utilizações de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais para estruturação de resumo, resenha, ensaio e artigos, entre outros.

Registros das primeiras edições da semente SESA:



A partir dessa semente, o Projeto SESA criou raízes e fortaleceu suas bases prezando pelo aprimoramento que envolve os gêneros acadêmicos frente às dificuldades de produção científica levantadas pelos discentes. Mais do que isso, nas edições que se seguiram foram abordadas como temáticas norteadoras os fundamentos da Arquivologia e seu papel na sociedade, além do diálogo com outras áreas do saber, destacando-se as mudanças oriundas das Tecnologias da Informação e da Comunicação (Tics).

A quarta edição, realizada entre 25 de julho e 1 de agosto de 2014, trouxe como tema “Vivências de linguagens e práticas sociais na universidade”. Nesse seminário, discutiu-se a respeito de algumas atividades relacionadas à Arquitetura da Informação, acessibilidade e usabilidade nos Arquivos. Workshops, mesas de discussão, palestras, mostras de linguagem, exibição de pôsteres e comunicações orais foram atividades realizadas no evento, que apontou caminhos para a boa produção de gêneros acadêmicos como a construção de monografias e artigos. Outros aspectos abordados foram o arquivista no mercado de trabalho e resoluções de questões para concursos.

IV Seminário de Saberes Arquivísticos

Venha participar! Inscrições abertas!

Vivências de Linguagens e Práticas Sociais na UNIVERSIDADE

De 25-7 a 1º-8
Local: UEPB - CAMPUS V

- ✓ EXCURSÃO: FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO E CASTELO DE BRENNANDU
- ✓ MOSTRA DE LINGUAGEM
- ✓ COMUNICAÇÃO ORAL
- ✓ APRESENTAÇÃO DO PLANO DE NEGÓCIO
- ✓ WORKSHOPS
- ✓ PALESTRAS
- ✓ MESA-REDONDA

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES PARA O EVENTO
<http://generosoensinosuperior.blogspot.com.br/>

Realização: Projeto SESA
Curso de Arquivologia - João Pessoa

Fotos da IV edição:



V Seminário de Saberes Arquivísticos

**Venha Participar!
Inscrições Abertas!**

Arquivos Escolares Em Pauta

**DE 5 A 12 DE DEZEMBRO
LOCAL: UEPB CAMPUS V**

- ▲ Excursão: Arquivo Público (PE) Memorial da Justiça (PE) e Cais do Porto (PE)
- ▲ Mostra de Linguagem
- ▲ Comunicação Oral
- ▲ Palestras
- ▲ Mesa - redonda

Realização Projeto SESA - Curso de Arquivologia - JP

Informações e inscrições para o Evento
<http://generosnoensinosuperior.blogspot.com.br/>

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção," Paulo Freire

A quinta edição buscou a especialização do tema, enfocando a complexidade dos Arquivos Escolares em Pauta, temática necessária e pouco discutida na área. Ainda assim, o V SESA não abriu mão de sua diversidade de atividades, com a realização de Mostra de Linguagens, apresentação de trabalhos orais, realização de palestras e mesas redondas, além de uma viagem técnica interessante. O encontro ocorreu em dezembro de 2014.

Imagens da V Edição:



VI Seminário de Saberes Arquivísticos

**Venha Participar!
Inscrições Abertas!**

**Linguagem
Memória &
Tecnologia**

**DE 5/6 A 02/07
LOCAL: UEPB CAMPUS V**

- ▲ Excursão: Arquivo Público de Olinda (PE)
- ▲ Mostra de Linguagem
- ▲ Comunicação Oral
- ▲ Palestras
- ▲ Mesa-redonda

Realização Projeto SESA - Curso de Arquivologia - JP

Informações e inscrições para o Evento
<http://generosnoensinosuperior.blogspot.com.br/>

Com o tema “Linguagem, Memória e Tecnologia”, a sexta edição do SESA foi realizada entre junho e julho de 2015. A programação iniciou-se com uma viagem à cidade histórica de Olinda, em Pernambuco, com o objetivo de conhecer o Arquivo municipal da cidade. O evento contemplou temas como softwares livres para gestão e repositório documental digital; desafios e perspectivas dos serviços arquivísticos aplicados a algumas instituições de João Pessoa; representação descritiva da informação através de padrões de metadados; semântica e Arquivologia. Por fim, acessibilidade no contexto dos arquivos; Possibilidades para o Tratamento da Informação Musical e Ciência como vocação e o obstáculo epistemológico.

Imagens da VI edição:



“Diálogos Interdisciplinares na Arquivologia” foi o tema da 7ª edição do SESA, realizada entre agosto e setembro de 2016. Dessa vez, o evento contou com uma ação paralela, o “I Simpósio do Grupo de Pesquisa Arquivologia e Sociedade”. Nessa edição



Diálogos Interdisciplinares em Arquivologia

Workshop

Premiação dos trabalhos

Publicação em ANAIS com ISSN

Palestras

Mesa-redonda

Inscreva-se!

Realização Projeto SESA - curso de Arquivologia - UEPB
Acesse o site do evento: gpasesa.tk

buscou-se compreender as alterações pelas quais a Arquivologia vivencia na contemporaneidade, tanto em relação ao seu marco teórico quanto sob o aspecto metodológico. Assim, discutiu-se em torno das articulações conceituais que compõem a Arquivologia e sua interdisciplinaridade. Debatendo-se sobre os Arquivos da ditadura e os silenciamentos e esquecimentos, pontes investigativas para o presente. Discorreu-se

também sobre os discursos da atualidade relacionados aos arquivos, causando provocações e reflexões sobre como os registros são indexados e classificados visando sua recuperação futura. O evento ainda contou com temas sobre: Administração, Direito e Tecnologia da Informação; Diálogos intrínsecos entre Ciências da Informação e Arquivologia; publicização de trabalhos acadêmicos; Pesquisa científica e normalização documentária e um minicurso de conservação preventiva em documentos bibliográficos.

Imagens da VII edição:



A mais nova edição do SESA



Com o tema “Arquivologia: Convergências e Perspectivas”, a 8ª edição do SESA marca os dez anos do Projeto consolidando o objetivo de aguçar o debate de questões inerentes à Arquivologia no cenário atual e vislumbrar a inovação científica a partir de demandas e entornos sociais.

Organizado em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o evento realizado de 16 a 18 de agosto de 2017, na instituição federal, traz em sua programação a promoção de mesas-redondas, comunicação oral, lançamento de livros, premiações e palestras com temas como “A arte dos arquivos e o arquivo dos artistas”, “Documentos Digitais: estrutura, aplicação e preservação”, “A Preservação no Modelo Sistêmico de Gestão da Informação: o MGSI-AP”, “Documentos digitais estrutura e aplicação”, “Pesquisa e Tecnologia: reflexões para a Arquivologia”, entre outros.

A professora Eliete Correia dos Santos, idealizadora e coordenadora-geral do SESA, fala sobre o evento. “Tendo o diálogo como requisito inerente em nossa prática universitária, há dez anos, desenvolvemos um projeto de cooperação acadêmica com várias universidades do Brasil e de Portugal. Entre diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão do Projeto SESA, os Seminários sempre aconteciam de maneira regional. A edição de 2017 conta com a parceria da UFPB e de outras instituições que colaboram com o nosso projeto desde a fundação”, explicou.

Ampliando seus ramos para além das fronteiras institucionais e nacionais, o VIII SESA conta com pesquisadores e especialistas sete instituições do Brasil e de Portugal. São elas Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de Coimbra, Instituto Politécnico do Porto, Universidade de Aveiro, Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal do Pará (UFPB).

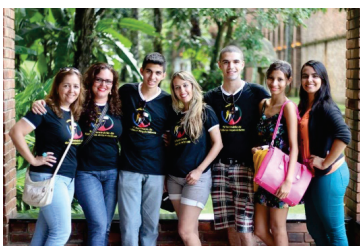
Visitas técnicas

As visitas técnicas do SESA são pensadas estrategicamente para que os estudantes percebam o descortinar de novo olhar, mais crítico e aguçado sobre o fazer-viver acadêmico e social.

Dessa forma, o corpo discente tem a oportunidade de visitar e explorar estes lugares que muitos desconheciam, um novo mundo que o Projeto traz à tona, um universo de possibilidades e oportunidade de conhecimento e informação tanto do ponto de vista acadêmico como sociocultural.



Fundação Joaquim Nabuco- Recife-PE



Fundação Gilberto Freyre- Recife-PE



Memorial de justiça- Recife-PE



Exposição de bonecos Olinda- PE



Instituto Ricardo Brennand- Recife-PE



Arquivo Público de Pernambuco



Arquivo de São Paulo

Resposta à comunidade acadêmica

Uma das marcas do SESA, ao longo desses dez anos de atuação, é apresentar respostas e resultados à comunidade acadêmica – dentro e fora de sua instituição-base, a Universidade Estadual da Paraíba. Contemplado por editais de Extensão e Pesquisa, o Projeto SESA mantém uma agenda intensa de apresentações de trabalhos, lançamentos de livros, palestras e realização de cursos para atender às demandas acadêmicas.



Apresentação durante o ENIC – Encontro de Iniciação Científica – Cota 2014/2015. O ENIC ocorre todos os anos no Campus I da UEPB, na cidade de Campina Grande, e nele são apresentados os trabalhos do PIBIC.



ENIC – Cota 2015/2016

Mostra de Extensão e Pesquisa



Bolsistas das Cotas 2014/2015 e 2015/2016, Pedro Augusto de Lima Barroso e Joseane Farias de Souza, respectivamente, durante a I Semana de Extensão - SEMIEX no campus I da UEPB, em Campina Grande – PB.



ENIC – Cota 2015/2016

Palestras do SESA



Palestra promovida pelo SESA



Palestra sobre o SESA na Universidade Federal da Paraíba



Participação da comunidade acadêmica



Palestra com professor Edberto Ferneda, da UNESP – Marília – SP.



Palestra do SESA em Coimbra, Portugal.



Palestra do SESA em Coimbra, Portugal.



Professora Eliete Correia dos Santos em palestra sobre gêneros acadêmicos, Campus V - UEPB, João Pessoa - PB



Videoconferência com o Instituto Politécnico do Porto que possibilitou a troca de diversos conhecimentos na área da Arquivologia. No registro, estudantes e professores no auditório Pioneiros, campus V - UEPB, em João Pessoa - PB

Lançamentos de livro do SESA – Brasil/Portugal



Lançamento de livro do SESA



Professora Eliete dos Santos autografa livro do SESA.



Lançamento de livro resultado da discussão da tese sobre um panorama de propostas de ensino de gêneros acadêmicos em vários países.



Lançamento do livro do SESA em Coimbra, Portugal.



Lançamento do livro do SESA no Porto, em Portugal.



Paleta e Lançamento de Livros do SESA no Instituto Politécnico do Porto – Portugal- 2013

Cursos, minicursos e workshops



Curso de Extensão em Oratória promovido pelo SESA

Projeto SESA

Curso de Fundamentos de Teorias Sociológicas

Data Horário	Atividade
17/02 8h às 12h	1º Encontro : Augusto Comte e o Positivismo Coord. Vancarder Brito
10/03 8h às 12h	2º Encontro : Marx e a Sociologia Coord. Vancarder Brito
31/03 8h às 12h	3º Encontro : Durkheim e a Sociologia Coord. Vancarder Brito
21/04 8h às 12h	4º Encontro : Weber e a Sociologia Coord. Vancarder Brito
05/05 8h às 12h	5º Encontro : Bakhtin Coord. Vancarder Brito

UNEP

Curso de Fundamentos das Teorias Sociológicas promovido pelo SESA



Workshop de conservação de documentos promovido pelo SESA



Workshop sobre o uso de ferramentas tecnológicas de apoio à escrita acadêmica - Mendeley e Start -, ministrado pelo professor Adriano Araújo Santos, da Facisa, de Campina Grande - PB.

Professores em cooperação acadêmica Brasil-Portugal



Professoras pioneiras do Projeto SESA. Começo do trabalho interdisciplinar: Profa Elisângela Moura – Metodologia Científica; Francinete Fernandes – Análise Documentária; Eliete Santos – Linguagem.



Professora Eliete Santos, coordenadora do SESA (centro) em encontro com as professoras Beatriz Marques (e) e Ana Terra – Portugal - 2016



Encontro com a professora Fernanda Ribeiro, da Faculdade do Porto, Portugal.



Encontro com a professora Ana Terra, do Instituto Politécnico do Porto, Portugal.

Quadro de palestras, apresentações, cursos e minicursos

Outra forma de retribuir academicamente o conhecimento gerado através das ações de ensino, pesquisa e extensão do SESA é a realização ou participação a convite de palestras e comunicações orais em instituições do Brasil e do exterior, além da realização de cursos e minicursos. Nesses dez anos de Projeto foram realizadas 46 apresentações públicas fruto do trabalho de Seminários de Saberes Arquivísticos. Dessas, 25 foram palestras proferidas pela professora Eliete Correia dos Santos, coordenadora-geral do SESA, e 21 foram comunicações orais compartilhadas com outros autores. Somam-se a elas 2 cursos (editados de dois em dois anos) e 16 minicursos nesse período.

Palestras

	TEMA	AUTORES	ANO
1	Contribuição dos estudos linguísticos para a Arquivologia	SANTOS, Eliete Correia dos.	2016
2	Ciência e Metodologia Científica: a investigação em Arquivologia.	SANTOS, Eliete Correia dos.	2016
3	Dos discursos da atualidade aos arquivos futuros	SANTOS, Eliete Correia dos.	2016
4	A escrita acadêmica: o gênero artigo em questão	SANTOS, Eliete Correia dos.	2015
5	A escrita monográfica: reflexões e perspectivas	SANTOS, Eliete Correia dos.	2015
6	O letramento acadêmico em Arquivologia: a proposta do Projeto SESA à luz dos estudos bahktinianos	SANTOS, Eliete Correia dos.	2015
7	A Arquivologia e a Linguística: um diálogo necessário	SANTOS, Eliete Correia dos.	2015
8	A escrita monográfica sem mistério	SANTOS, Eliete Correia dos.	2014

9	O discurso de outrem na pesquisa	SANTOS, Eliete Correia dos.	2014
10	A formação acadêmica em Arquivologia: relato da experiência do Projeto SESA	SANTOS, Eliete Correia dos.	2014
11	O processo de construção do gênero acadêmico no ensino de Língua Portuguesa	SANTOS, Eliete Correia dos.	2014
12	A construção teórico-metodológica do gênero acadêmico	SANTOS, Eliete Correia dos.	2014
13	Como escrever resumo, resenha e artigo científico	SANTOS, Eliete Correia dos.	2014
14	Uma proposta dialógica de ensino de gêneros acadêmicos	SANTOS, Eliete Correia dos.	2014
15	A semântica nos estudos arquivísticos	SANTOS, Eliete Correia dos.	2014
16	O Projeto de pesquisa em Arquivologia	SANTOS, Eliete Correia dos.	2014
17	O princípio dialógico da linguagem: reflexões para a Arquivologia	SANTOS, Eliete Correia dos.	2014
18	A Arquivologia e os estudos Bahktinianos: reflexões dialógicas	SANTOS, Eliete Correia dos.	2013
19	A prática criativa no ofício do professor	SANTOS, Eliete Correia dos.	2012
20	O espaço escolar criativo: relato de um projeto interdisciplinar na universidade	SANTOS, Eliete Correia dos.	2012
21	Uma análise teórico-metodológica do ensino e aprendizagem dos gêneros acadêmicos	SANTOS, Eliete Correia dos.	2011
22	SESA: o ensino de língua a partir de gêneros acadêmicos	SANTOS, Eliete Correia dos.	2010
23	Mostra de linguagens: diálogos intermediários entre memória e cultura	SANTOS, Eliete Correia dos.	2010
24	Interação verbal e transposição didática: perspectivas de ensino e aprendizagem dos gêneros acadêmicos	SANTOS, Eliete Correia dos.	2010
25	Transposição didática e implicação na formação do leitor: a divisão de “responsabilidade pedagógica” entre o discurso de divulgação científica e o discurso pedagógico	SANTOS, Eliete Correia dos.	2009

Comunicação oral

	TEMA	AUTORES	ANO
1	Vivências acadêmicas: a evolução dos discentes do curso de Arquivologia da UEPB na produção acadêmica a partir do Projeto SESA	CARDOSO, T. L. C.; SANTOS, Eliete Correia dos.	2016
2	Compreensão responsiva em palestra: estudo de caso do debate em Arquivologia	SANTOS, G.G.; SANTOS, Eliete Correia dos.	2016
3	O letramento digital: atuação do Projeto SESA no curso de Arquivologia da UEPB	BARRETO, P. A. L.; SOUZA, J. F.; SANTOS, Eliete Correia dos.	2016
4	Para além da sala de aula: método tecnológico como auxílio do saber em Oficina de Texto II	SILVA, L. M.; SOUZA, J. F.; SANTOS, Eliete Correia dos.	2016
5	Contribuições do círculo de Bakhtin para (des)construção do objeto científico em Arquivologia	SANTOS, Eliete Correia dos; BARRANCOS, J. E.	2016
6	Metodologia da Pesquisa Científica: uma orientação aplicada à luz do paradigma básico em Arquivologia	BARRANCOS, J. E.; SANTOS, Eliete Correia dos.	2016
7	Os gêneros acadêmicos como manifestação da cultura: reflexões teóricas	SANTOS, Eliete Correia dos; ALMEIDA, M. F.	2014
8	O uso do celular como recurso pedagógico no ensino multidisciplinar	SILVA, J. F.; SANTOS, Eliete Correia dos.	2014
9	Projeto SESA: abrindo as portas para a internacionalização	SOUZA, F. F.; SANTOS, Eliete Correia dos.	2013
10	A informação acadêmica em Edublogs: tensão dialógica e (multi)literacias	SANTOS, Eliete Correia dos; SOUZA, F. F.	2013
11	Contribuições de Bahktin para a ciência da informação	ALMEIDA, M. F.; SANTOS, Eliete Correia dos.	2010
12	As relações dialógicas no gênero diário In: IX Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não Verbal	SANTOS, Eliete Correia dos; ALMEIDA, M. F.	2010
13	Seminário acadêmico e sequência didática: uma análise sócio-discursiva da construção do gênero textual	SANTOS, Eliete Correia dos; ALMEIDA, M. F.	2009

14	Pesquisa de marketing e o profissional da web: importância para o marketing digital	SILVA, Emmanuel de França; OLIVEIRA, Francisco Santana de; BASTOS, Natália Hermosa Gomes; SANTOS, Eliete Correia dos.	2008
15	O estrangeirismo na publicidade brasileira percebido através do letramento	SILVA, Emmanuel de França; OLIVEIRA, Francisco Santana de; BASTOS, Natália Hermosa Gomes; SANTOS, Eliete Correia dos	2008
16	Metonímia e semiótica: uma parceria no processo de comunicação	SILVA, Emmanuel de França; OLIVEIRA, Francisco Santana de; BASTOS, Natália Hermosa Gomes; SANTOS, Eliete Correia dos.	2008
17	Letramento Midiático e metonímia: dois instrumentos do meio publicitário	SILVA, Emmanuel de França; OLIVEIRA, Francisco Santana de; BASTOS, Natália Hermosa Gomes; SANTOS, Eliete Correia dos.	2008
18	O valor da pesquisa de marketing na publicidade	SILVA, Emmanuel de França; OLIVEIRA, Francisco Santana de; BASTOS, Natália Hermosa Gomes; SANTOS, Eliete Correia dos.	2008
19	A atuação do letramento midiático através dos meios de comunicação rádio e TV	SILVA, Emmanuel de França; OLIVEIRA, Francisco Santana de; BASTOS, Natália Hermosa Gomes; SANTOS, Eliete Correia dos.	2008
20	Seminário de saberes arquivísticos: relato de um projeto interdisciplinar realizados nas turmas do P2	SANTOS, Eliete Correia dos; MENDONÇA, E. A. M.	2008
21	Letramento acadêmico e as relações estabelecidas entre a cultura e os modos de pensar	SILVA NETO, Carlos Eugênio da; SANTOS, Eliete Correia dos.	2008

Cursos

	TEMA	AUTORES	ANO
1	Curso de Fundamentos de Teorias Sociológicas	SOUSA, Vancarder Brito	2017
2	Curso de Oratória	SANTOS, Eliete Correia dos	2008 2009 2014

Minicursos

	TEMA	AUTORES	ANO
1	Gerir o Sistema de Informação Universitário: Gestão do Suporte Papel aos Sitemas Multissensoriais Inteligentes	PINTO, Maria Manuela	2017
2	Combate à Corrupção: Compliance, As Leis e O Papel Do Profissional Da Arquivologia	RAMALHO, Antônio Germano	2017
3	Consultoria Em Gestão Documental	SALES, Esmaralda Profirio de	2017
4	Classificação De Documentos De Arquivo	DORNELES, Sanderson Lopes; GALDINO, Suellen Barbosa; SILVA JUNIOR, José Canuto	2017
5	Ferramenta Mind Map (Mapeamento De Ideais)	SOUZA, Ana Lúcia de Carvalho	2017
6	Descomplica TCC	SILVA, Alzira Araújo da; ARAÚJO, Claudialyne da Silva	2017
7	Gestão de projeto de pesquisa e análise qualitativa com o apoio dos softwares webQDA® e IARS®	SOUZA, Dayse Neri de	2017
8	Discussões Interdisciplinares entre a Arquivologia e Acessibilidade: Abordagens teóricas e aplicações práticas em Arquivos	CARNEIRO, Naiany de Souza	2016
9	Curso Básico em Conservação Preventiva - Técnicas de Higienização em Livros e Documentos	BEZERRA, Eutrópio Pereira	2016
10	A Análise Dialógica do Discurso: O Que É? Como Se Faz?	ALMEIDA, Maria de Fátima XAVIER, Manassés Morais	2016

11	Ferramenta Gestão de Tempo para Aumentar Produtividade no Setor Arquivístico	SOUZA, Ana Lúcia de Carvalho	2016
11	Pesquisa Científica e Normalização Documentária: Aplicabilidade nos Tcc's de Arquivologia	ARAÚJO, Claudialyne da Silva	2016
13	Oficina: Dinamização e Práticas de Edição de Vídeos no Âmbito Acadêmico	Glaucco Ranniere	2014
14	Como Fazer o Currículo Lattes?	MAIA, Manuela	2014
15	Uso de Plataformas Proprietárias Gratuitas Para Criação de Eventos Científicos e Comunicação: Even3 e Wix	SIQUEIRA, Joyce	2014
16	Como Escrever Resumo, Resenha e Artigo Acadêmico	SANTOS, Eliete	2014

Música e aprendizado – dentro e fora da sala de aula

No ano de 2015, o SESA ganhou aspecto mais musical, ao emplacar o Projeto de Extensão “Linguagem e Arquivologia: possibilidades para o tratamento da informação musical”, que busca possibilitar ao aluno reconhecer em si e valorizar no outro a capacidade artística de manifestar-se na diversidade, como também as probabilidades de pesquisa em Arquivologia em instituições musicais.

Entendendo que a formação integral no Ensino Superior deve atentar ao desenvolvimento da sensibilidade do ser humano que envolve três ações básicas em relação à arte (produzir, apreciar, contextualizar), o braço sonoro do SESA encontrou no pesquisar e no fazer artísticos como ferramentas de desenvolvimento científico-cultural importantes para a formação de seres sensíveis ao meio ambiente, à arte e à cultura sua força para solidificar o iniciativa.

Como fruto desse trabalho, além do olhar inovador sobre a documentação musical (partituras, arquivos sonoros, entre outros) foram realizadas apresentações musicais com estudantes e docente em pelo menos dois eventos oficiais da Universidade.



Ensaio dos músicos para a publicação do livro: Tecnologias Educacionais e Inovação



Estudantes e professor do curso de Arquivologia fazendo momento cultural durante lançamento de livro no Pólo EaD da UEPB, em João Pessoa.

Luau do SESA

Para muito além do ambiente acadêmico, o projeto “Linguagem e Arquivologia: possibilidades para o tratamento da informação musical”, integrante do SESA, contribuiu para a idealização do já consolidado “Luau do SESA”, momento de confraternização entre estudantes e professores do Curso de Arquivologia da UEPB que se reúnem após a conclusão de trabalhos acadêmicos, apresentações ou palestras. Música, troca de ideias, fortalecimento da equipe e de perspectivas fazem do Luau do SESA um evento importante para o equilíbrio entre o fazer acadêmico e o despertar coletivo.



Depoimentos

Na UEPB, e em concreto no Departamento relacionado com a Documentação e Informação, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto tem encontrado parceiros como a Professora Eliete Correia dos Santos, empenhados na realização de iniciativas que permaneçam e impactem nas comunidades discente e docente de ambas as escolas. Pela nossa parte a vontade é prosseguir e ampliar os resultados.

Armando Malheiro,
Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Queremos dar continuidade às atividades de pesquisa e extensão conjuntas que já são desenvolvidas pelas docentes da UEPB, além de permitir o intercâmbio de estudantes de áreas científicas diversas, fomentando a internacionalização das respectivas instituições de ensino superior.

Ana Lúcia Terra,
Instituto Politécnico do Porto.

O projeto SESA consiste numa abordagem teórica-metodológica que auxilia o aluno na campo da pesquisa no que tange a representação da informação pelo uso adequado dos gêneros. Desta feita, este projeto se constitui como elementar a formação do aluno de graduação e até da pós.

Carlos Eugenio da Silva Neto,
Arquivista da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e Membro da Associação Brasileira de Hipertexto e Tecnologia Educacional (ABEHTE).

Lisonjeio. Este foi o sentimento que senti o ano passado em ser convidada a proferir palestra sobre publicização de fontes de informação no SESA. Este sentimento não se reduziu ao fato de estar em uma mesa de auditório, mas pelo entusiasmo de uma

plateia atenta que registrava toda informação repassada; em ver todo o Campus V e os alunos de Arquivologia unidos em prol da área. Parabéns aos idealizadores e mantenedores deste evento.

Manuela Maia

Docente da Universidade Estadual da Paraíba e doutoranda em Ciência da Informação.

Para mim que participei do último SESA, vi como foi crescente meu conhecimento na área e bastante oportuno, pois vislumbrei aos aspectos teóricos e metodológicos da Arquivologia em uma didática ótimo trazida pelos coordenadores do evento além da interdisciplinaridade.

Diana Gomes

estudante do Curso de Arquivologia.

O projeto SESA me deu a oportunidade de conhecer lugares que nunca pude ir antes, a exemplo do Instituto Ricardo Brennand e o Arquivo público do Estado de Pernambuco, a qual consta o prontuário do meu pai que é um ex preso político. As palestras do projeto também são escolhidas a dedo, trazendo uma grande contribuição para minha vida acadêmica! Muito obrigada Projeto SESA por existir e de me dar a oportunidade de fazer parte dele!

Tereza Ludimila Cardoso,

estudante do Curso de Arquivologia e bolsista PIBIC.

O projeto Seminário de Saberes Arquivístico se enquadra na minha vida acadêmica como um fator primordial para o desenvolvimento do saber e do fazer arquivístico, e também para o conhecimento de áreas afins interligadas com a Arquivologia. Um projeto que beneficia não só minha vida acadêmica como também a de 'n' outros estudantes, professores, pesquisadores e interessados nos estudos, palestras, oficinas, etc que o SESA oferece. Além de viagens de cunho acadêmico que o SESA oferta em todas as suas edições. Sou grato a professora Eliete Correia

dos Santos pela coordenação-geral do projeto, assim como todos os discentes e docentes que trabalham para que seja cada vez mais um grande Projeto.

Thullio S. Vieira
estudante do Curso de Arquivologia - UEPB.

O projeto Sesa contribui de maneira bastante significativa na divulgação de trabalhos dos alunos que dele participam, além de aumentar o conhecimento compartilhado e as expectativas dos estudantes sobre o campo de trabalho escolhido. Fico muito feliz por estar acompanhando a expansão de seu alcance acadêmico e espero poder contribuir sempre para esse crescimento, além de aprender cada vez mais com os profissionais que a ele estão incorporados.

Gerlane Farias Alves,
arquivista egressa do Curso de Arquivologia da UEPB.

Poder participar desde as ideias iniciais do Projeto SESA e ver seu crescimento me enche de orgulhoso em poder ter tido a oportunidade de exercitar e desenvolver a arte da escrita acadêmica, como também possibilitar compartilhar algumas inquietações e reflexões sobre os temas relevantes e urgências da Arquivologia, Linguística, Semiótica de formar interdisciplinar, transdisciplinar e multidisciplinar de forma dialógica mostra-se sempre salutar.

Josivan Soares Ferreira,
arquivista egresso do Curso de Arquivologia da UEPB.

O Projeto SESA foi, na minha vida acadêmica, o pontapé inicial pela paixão que hoje tenho em escrever, produzir e pesquisar. Ter tido a possibilidade de no início da graduação ter contato com a arte de escrever foi essencial, foi uma ótima base, que até hoje, depois de tantos anos, lembro com muito carinho.

Anna Carollyna,
arquivista egressa do Curso de Arquivologia da UEPB.

Alunos bolsistas do SESA



Sobre o livro

Projeto Gráfico e Editoração | Jéfferson Ricardo Lima Araujo Nunes

Design da Capa | Ralf Nóbrega

Tipologias Utilizadas | Arno Pro 11pt.
Aller 14pt.

Impressão | Gráfica UEPP